

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Administração

Isaac Antônio de Oliveira

**DRAMÁTICAS DOS USOS DO CORPO-SI NO TRABALHO DOCENTE EM
AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

Belo Horizonte
2022

Isaac Antônio de Oliveira

**DRAMÁTICAS DOS USOS DO CORPO-SI NO TRABALHO DOCENTE EM
AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração (PPGA) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

Orientador: Prof. Dr. Admardo Bonifácio Gomes Junior.

Belo Horizonte

2022

Oliveira, Isaac Antônio de
O48d Dramáticas dos usos do corpo-si no trabalho docente em ambiente
virtual de aprendizagem / Isaac Antônio de Oliveira. – 2022.
143 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Administração.

Orientador: Admardo Bonifácio Gomes Júnior.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica
de Minas Gerais.

1. Processo decisório – Teses. 2. Prática de ensino – Teses.
3. Ensino a distância – Teses. 4. Trabalho – Aspectos psicológicos –
Teses. 5. Tecnologia educacional – Teses. I. Gomes Júnior, Admardo
Bonifácio. II. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas
Gerais. III. Título.

CDD 658.403



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO CEFET-MG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO do Senhor Isaac Antônio de Oliveira. No dia 07 de dezembro de 2022, às 14h00min, reuniu-se, em webconferência, a banca examinadora de dissertação designada pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Administração do CEFET-MG para julgar o trabalho final intitulado **“Dramáticas dos Usos do Corpo-Si no Trabalho Docente em Ambiente Virtual de Aprendizagem”**, linha de pesquisa: **processos e sistemas decisórios em arranjos organizacionais**. Abrindo a sessão, o Senhor Presidente da Banca, Prof. Dr. Admardo Bonifácio Gomes Júnior, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao aluno para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do aluno. Logo após, a Banca se reuniu, sem a presença do aluno e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

(x) Aprovação.

() Aprovação com recomendação de aperfeiçoamento, condicionada à satisfação das exigências feitas pela banca examinadora.

() Recomendação de reapresentação.

() Reprovação.

O resultado final foi comunicado publicamente ao aluno pelo Senhor Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

Belo Horizonte, 07 de dezembro de 2022.

Assinaturas:

Prof. Dr. Admardo Bonifácio Gomes Júnior (Orientador)

PPGA-CEFET-MG)

Documento assinado digitalmente
gov.br ADMARDO BONIFACIO GOMES JUNIOR
Data: 09/12/2022 09:03:01-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Fernanda Tarabal Lopes

(PPGA-CEFET-MG)

Documento assinado digitalmente
gov.br FERNANDA TARABAL LOPES
Data: 12/12/2022 16:40:13-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Mariana Veríssimo Soares de Aguiar e Silva

(PUC Minas)

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIANA VERISSIMO SOARES DE AGUIAR E
Data: 12/12/2022 18:15:07-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Vinicius Alves Silva

(IFSULDEMINAS)

Documento assinado digitalmente
gov.br VINICIUS ALVES SILVA
Data: 12/12/2022 16:08:39-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Admardo pelo entendimento, paciência e empatia durante a caminhada.

Aos “Mestres dos Magos” pela leveza na companhia...

À minha família pelo apoio, compreensão e fé!

À vida pela chance!

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do homem ou da humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica de indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar.

Paulo Freire.

RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, teve o objetivo de compreender dramáticas dos usos do corpo- si presentes no trabalho docente na educação à distância (EAD). Para isso, utilizamos a ergologia como base teórico-metodológica em diálogo com os campos da educação e das tecnologias de informação e comunicação (TICS), sobretudo as tecnologias educacionais e ambientes virtuais. A partir do ponto de vista de três professoras de uma instituição confessional privada de educação, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas em plataforma de comunicação virtual, a investigação permitiu reflexão acerca das peculiaridades do trabalho docente na modalidade EAD, atravessada por normas que convocam novos saberes para além dos requeridos em sala de aula presencial. Conhecer a ótica dos atores, dos humanos trabalhadores, realizadores da função docente nesse “lugar” como tomadores de decisão no exercício de seus trabalhos, contribui com as tomadas de decisões seja institucional ou socialmente.

Palavras-chave: Tomadas de decisões, Trabalho Docente, Educação à Distância, Ergologia, Tecnologia.

ABSTRACT

This qualitative study aims to analyze the dramatic uses of the “self-body” in distance learning teachers while performing their work. For this research, we use ergology as the theoretical and methodological background related to the fields of education and of Information and Communication Technologies (ICT), especially educational technologies and virtual environments. Based on semi-structured interviews carried out with three teachers from a religious private institution on virtual communication platforms, this investigation allows the reflection on the peculiarities of teaching in the distance learning modality, experiencing norms that summon new knowledge beyond what is required in the face-to-face classroom. Knowing the point view of actors, human workers, performers of the teaching function in this “place” as decision-makers in the exercise of their work, contributes to decision-making either institutionally or socially.

Keywords: Decision-making, Teaching, Distance learning, Ergology, Technology

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Ex. da tabela de organização e análise das entrevistas individuais	23
Figura 02 – Recorte da página inicial de uma disciplina no AVA – Canvas	82
Figura 03 – Página Inicial do Guia Canvas	92
Figura 04 – Opção: Guia Básico do Canvas	93
Figura 05 – Funcionalidades do AVA – Canvas	94
Figura 06 – Recursos Móveis do AVA Canvas	96
Figura 07 – Prescrições do Trabalho Docente 01	97
Figura 08 – Prescrições do Trabalho Docente 02	98
Figura 09 – Prescrições do Trabalho Docente 03	99
Figura 10 – Prescrições do Trabalho Docente 04	100
Figura 11 – Questões Externas de Impacto no Trabalho	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Síntese do perfil das entrevistadas	22
Tabela 2: Categorização temática das dramáticas dos usos do corpo-si	112

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AVA: Ambiente Virtual de Aprendizagem

DD3p: Dispositivo Dinâmico a 3 polos

EAD: Educação à Distância

IES: Instituição de Ensino Superior

PUC: Pontifícia Universidade Católica

TIC's: Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.1.1 Objetivo Geral	14
1.1.2 Objetivos Específicos	14
1.2 Estudar a docência superior na modalidade EAD via AVA: uma justificativa.....	15
1.2.1 O pesquisador e a pesquisa.....	15
1.2.2 Campos de estudo do trabalho docente em EAD.....	16
1.2.3 A pesquisa e seu alinhamento à área de concentração e linha de pesquisa - Processos e Sistemas Decisórios em Arranjos Organizacionais.	18
1.3 CAMINHOS DA PESQUISA	19
1.3.1 Pesquisa Documental	20
1.3.2 Pesquisa de Campo	21
2 APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	25
2.1 A DEMARCHE ERGOLÓGICA	25
2.2.1 Noções fundamentais da ergologia.....	26
2.2.2. Dispositivo Dinâmico a 3 Polos	31
2.2.3 Centralidade das Dramáticas dos Usos de Si.....	33
2.2 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO CAPITALISTA	35
2.2.1 Das TIC's aos AVA's	36
2.2.2 O trabalho em plataformas digitais e o capitalismo de vigilância.	41
2.3 TRABALHO DOCENTE EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM	50
2.3.1 Educação à Distância – EAD	50
2.3.2 Considerações sobre as mudanças da EAD no trabalho docente.	53
2.3.3 Fragmentação do trabalho e demandas de qualificação.	56
3 PESQUISA DE CAMPO E RESULTADOS	62
3.1 SABERES E COMPETÊNCIAS.....	65
3.1.1 Ingredientes da competência e o trabalho docente em EAD.....	66
3.1.2 Saberes e competências docentes	69
3.1.3 Competência Tutorial e Pedagógica	72
3.1.4 Competência tecnológica e o processo de ensino e aprendizagem.....	74
3.1.5 Os saberes linguageiros.....	76
3.2 NORMAS ANTECEDENTES – ANÁLISE DE UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM. 80	80
3.2.1 Estrutura da ferramenta CANVAS – Instrumentos Operacionais	81
3.2.2 Descrição analítica do ambiente virtual de aprendizagem	90
3.3 RENORMATIZAÇÕES NO TRABALHO DOCENTE	103
3.3.1 Saberes Requeridos e as Dramáticas dos Usos do Corpo-si.....	108
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	117

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visou compreender o trabalho docente em ambiente virtual de aprendizagem de uma instituição privada de educação, notadamente os aspectos relativos às micro decisões empreendidas pelos professores cujas situações de trabalho, relacionamentos interpessoais, entre estudantes e demais membros da comunidade acadêmica, são mediadas tecnologicamente em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Procuramos tal compreensão por meio da identificação de dramáticas dos usos do corpo-si presentes nos relatos de professoras da Educação à Distância acerca das vivências no trabalho mediado por tecnologias de comunicação. “Dramáticas dos usos do corpo-si” é uma noção ergológica que se refere as tensões relativas à atividade humana, sobretudo as relacionadas ao trabalho. Para a ergologia, todo trabalho é retrabalho, redefinição e re-hierarquização contínua de normas e valores aos quais ninguém pode se furtar. (MENCACCI; SCHWARTZ, 2016).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O ensino superior no Brasil conta com três modelos de oferta que são: presencial, semipresencial e EAD, cuja formatação se dá para que o ensino e aprendizagem ocorram integralmente em um sistema em que professores e alunos estejam fisicamente e por vezes temporalmente separados, usando para isso, em nosso tempo presente, a internet, e dentro dela, estruturas virtuais denominadas AVA's – Ambientes Virtuais de Aprendizagem, criados e organizados para a finalidade educacional.

Podemos afirmar que a Educação à Distância (EAD) é, sem dúvida a modalidade de educação que mais cresce no país nos últimos anos, graças ao avanço tecnológico, sobretudo das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação popularizadas em larga escala devido ao isolamento social em razão da pandemia da covid-19. Atualmente, uma em cada dez pessoas da população brasileira analisada pelo CensoEaDBR, em 2021, está matriculada em um curso superior EAD nas cidades analisadas, sendo que as cidades de pequeno porte apresentam maior procura na referida modalidade. (CensoEaDBR, 2022).

Nesse sentido, o salto evolutivo na oferta e procura pela educação à distância tem impactado fortemente o cenário educacional atual e consequentemente o trabalho docente nessa modalidade, com características próprias, exigindo um olhar mais atento não somente para as políticas públicas educacionais em suas legislações e as tecnologias educativas que sustentam seu funcionamento, mas, principalmente para as normas e as condições de trabalho dos seus atores, professores, pedagogos, tutores etc.

Usamos noções da démarche ergológica para produzir nossas reflexões acerca do trabalho em plataformas EAD em diálogo com conceitos da área da Tecnologia da Informação e Comunicação relacionada à Educação para juntos abordamos o trabalho docente. De tal sorte, empreendemos estudo tentando responder à questão que nos mobiliza nesta pesquisa:

Em que medida as dramáticas dos usos do corpo-si, vivenciadas no trabalho docente em ambiente virtual de aprendizagem de uma instituição privada de educação superior, podem ser compreendidas?

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender as dramáticas dos usos de si vivenciadas pelos trabalhadores docentes na “sala de aula” da educação à distância em um ambiente virtual de aprendizagem.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar as normas antecedentes do trabalho docente quando exercido na modalidade EAD dentro de um Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA;
- Descrever as renormatizações empreendidas pelos docentes ao realizar o trabalho em AVA;
- Verificar o trabalho realizado pelos docentes em AVA;
- Caracterizar os saberes requeridos para a docência em um AVA.

1.2 ESTUDAR A DOCÊNCIA SUPERIOR NA MODALIDADE EAD VIA AVA: UMA JUSTIFICATIVA

O trabalho vai além de um mero cumprimento de tarefas em troca de algum tipo de retorno, seja financeiro ou outro. Cada trabalho e cada trabalhador estabelecem uma relação de vida repleta de dramáticas (SCHWARTZ, 2008), configurada pelas singularidades de cada um em constante diálogo com prescrições, no momento do exercício efetivo da função. Na docência EAD não é diferente, a gestão no trabalho ocorre em tempo real e integral, fato que cria um contexto repleto de especificidades e demanda o desenvolvimento contínuo de estratégias para o cumprimento da função.

O pressuposto de que as especificidades do trabalho docente implicam na pluralidade de saberes construídos pelo professor ao longo de sua formação inicial e continuada, indica que este sujeito cria estratégias para realizar o trabalho e responder às necessidades do meio, superando as dificuldades presentes na sala de aula. (SILVA, et al. 2019, p. 28).

Seja uma sala física ou virtual e considerando o trabalho como algo que tem representações na essência da própria vida dos trabalhadores, queremos investigar via seus relatos, o que representam em suas singularidades da função docente na EAD. Como nos mostra Silva, as estratégias criadas para resposta às necessidades da sala de aula são também exigidas e criadas nos ambientes virtuais para onde tem migrado a função docente. Assim, reputamos estar diante de uma situação que pode revelar dramáticas dos usos de si, na concepção ergológica da expressão, e conhecê-las, objetivando qualificar a gestão, justifica nossa pesquisa.

1.2.1 O pesquisador e a pesquisa

A educação enquanto manifestação da organização social sempre foi para mim como uma chave para o entendimento da sociedade sobre seus problemas e a melhoria das condições sociais para aqueles que desses problemas padecem. Assim, a docência sempre esteve no meu campo de visão como possibilidade de carreira desde as primeiras experiências escolares de que tenho lembrança e como oportunidade de contribuição.

Filho de servidora pública da saúde e de político no âmbito municipal, ambos nascidos e criados na zona rural da pequena cidade de Pimenta, interior de Minas Gerais, acostumei-me com o debate público desde muito cedo. Vivi questões que dizem respeito à toda uma comunidade, e que sempre fizeram parte dos ambientes em que cresci e neles me acostumei a ver e ouvir a apresentação das demandas, o recebimento e o tratamento que a elas era dado. Obviamente não sabia fazer essa definição, mas esse trânsito de informações já estava ali.

Nesse processo fui percebendo o quanto as informações do seio particular e familiar quase sempre são restritas, trate de que assunto tratar. Nesse cenário a educação pública, ainda que repleta de limitações, foi fundamental para ampliar a visão de mundo que trago comigo hoje e desde sempre essa potência do conhecimento faz parte da minha maneira de olhar a vida, em especial o trabalho e tudo o que pode acontecer em seu ambiente. O desconforto intelectual que trata a ergologia teve em mim suas primeiras manifestações quando das minhas primeiras experiências escolares.

A muito custo acessei a universidade e após a graduação em direito, durante um curso de pós em gestão pública de municípios dei meus primeiros passos na EAD na função de tutor de disciplinas de graduação na modalidade. Ainda hoje, e já há mais de 13 anos exerço a função e paralelamente leciono em outras instituições, inclusive no ensino público, o que fez com que a docência, em especial na modalidade EAD, estivesse sempre ao meu lado. Aquele desconforto intelectual passou a compor questões específicas e dentre elas, com força, a educação e o trabalho docente.

A docência EAD é a essência de meu trabalho profissional. Na ergologia encontrei uma possibilidade de abordar parte da minha vida em trabalho de maneira a ouvir e dar voz aos meus pares tratando sobre o nosso labor. A possibilidade de verificar com profundidade e de maneira tão especial como a abordagem ergológica, me coloca nesta pesquisa, para além de um tema, diante da minha própria história, o que é por si só, um privilégio e grande responsabilidade.

1.2.2 Campos de estudo do trabalho docente em EAD

Outra parte importante da justificativa e que guarda relação direta com a ergologia é um aspecto mais específico de nosso estudo. A presença desse AVA é

um fator de relativa novidade que ultrapassa a mera noção de um ambiente virtual onde se exerce uma tarefa. A existência e presença desse AVA é uma condicionante para o exercício do trabalho. Seus regramentos e suas particularidades, que compõem parte significativa das normas antecedentes deste trabalho, se colocam no centro da vida dos trabalhadores que lhe operam. Tal fato tem enorme relevância quando consideramos essa essencialidade do trabalho enquanto espaço de vida.

Assim, investigar as relações entre o docente e o AVA é, em nossa concepção, um exercício de buscar uma compreensão sobre ponto singular e complexo que merece observação, tendo muito a revelar. Inspirado pela ergologia e sua abordagem, este autor realizou seu estudo considerando que conhecer o trabalho por este prisma, oferece ao pesquisador uma condição de se colocar de maneira ética diante do exercício de uma função de trabalho cuja importância dispensa considerações.

Para os campos da tecnologia de informação e comunicação e da discussão sobre o trabalho em ambientes virtuais, nossa pesquisa se justifica porque aborda uma tarefa essencial em nossa sociedade, a docência. Sua importância reside no fato de que é por meio dela que efetivamos em nossa sociedade o processo de ensino e aprendizagem. Inserida nesses campos e sendo ofertada por meio de suas ferramentas, a EAD e o trabalho docente estão no centro do debate e sofrem todas as influências desses meios em especial a partir da dinâmica capitalista e o que isso representa, notadamente na relação entre trabalhador e trabalho.

A docência como função carrega uma responsabilidade social latente. Por vezes essa função se vê diminuída nos juízos de valor que lhe são atribuídos, portanto, investigar tal trabalho considerando o conteúdo daqueles que o exercem, em alguma medida e na concepção desse autor, é atribuir e reconhecer seu valor além de dar voz a seus protagonistas partindo de dentro da própria função. As tecnologias de informação e comunicação como vetor de um processo de ensino e aprendizagem, onde trabalhadores docentes empreendem seus esforços para o exercício de seu trabalho configuram um cenário que é de evidente interesse da ergologia para sua abordagem e análise. Tal evidência pode ser verificada na construção teórica sobre o tema, que em parte tentamos trazer em nossas referências.

1.2.3 A pesquisa e seu alinhamento à área de concentração e linha de pesquisa - Processos e Sistemas Decisórios em Arranjos Organizacionais.

Mudanças de modalidade na oferta de produtos e serviços sempre causam grandes impactos nos setores em que elas se efetivam. A administração, na condição de ciência social aplicada, amplia sua importância quando se debruça a estudar esses fenômenos. Inserida na vasta lista de iniciativas de mercado, a oferta de serviços educacionais não está imune a essas mudanças e seus impactos.

Ao considerarmos a longa história da educação na humanidade, podemos dizer que a educação à distância, em especial após o advento da internet, é um desses fenômenos de enorme poder de influência na tarefa de educar. De tal modo, e tomando como efetivo o impacto da modalidade EAD na oferta de serviços educacionais, nosso estudo quer, por meio da ergologia, buscar compreender as tomadas de decisões desses humanos em sua relação com seu trabalho.

Com efeito, todas as decisões tomadas no sentido de definir ou delinear um modelo de educação à distância, serão influenciadas pelas vidas trabalhadoras e afetarão essas mesmas vidas em uma relação mútua, mas não necessariamente recíproca. Em outras palavras, pela perspectiva ergológica, trabalhar é estar em gestão integral de dramáticas dos usos de si (SCHWARTZ, 2008), consubstanciadas na tensão existente entre aquilo que é pré-estabelecido e o exercício de fato de um trabalho.

Adotando a perspectiva ergológica, a produção e mobilização dos saberes são expressos nas micro decisões do corpo-si trabalhador e nesse sentido, pesquisar o trabalho docente em plataformas digitais pode contribuir com as várias instâncias de tomada de decisão sobre o trabalho em EAD. Aqui entendemos que as tomadas de decisão, por ínfimas que sejam no exercício de fato do trabalho, representam influência em todos os contextos. Na perspectiva ergológica que adotamos, todas as escolhas, até mesmo as microdecisões não prescindem de um embate entre normas antecedentes e renormatizações que se expressam nas dramáticas dos usos de si.

Entre as normas que antecedem o trabalho de professor em EAD encontramos um contexto social que determina em parte as micro decisões no trabalho. Tal contexto é composto por elementos como o mercado da educação superior, as políticas públicas que a regem, como também os recursos técnico-pedagógicos que

as compõem. Nossa aposta é que conhecer a ótica dos atores, dos humanos trabalhadores, realizadores da função docente nesse “lugar” como tomadores de decisão no exercício de seus trabalhos, pode contribuir com o nível acima das tomadas de decisões, seja institucional ou social.

1.3 CAMINHOS DA PESQUISA

Para justificar nossas escolhas metodológicas, nos servimos do que leciona Vergara:

Cada um dos procedimentos aqui relacionados apresenta vantagens e desvantagens, não de modo absoluto, mas relativamente ao seu problema de investigação. É este que lhe dirá qual o procedimento mais pertinente como, de resto, qual o tipo de pesquisa mais adequado. (VERGARA, 2009, p. 53).

Ressaltamos que a construção desta investigação acerca do trabalho docente, notadamente as relativas às dramáticas dos usos de si vivenciadas pelos docentes em plataformas virtuais de aprendizagem foi norteadada pela perspectiva ergológica, principal referencial teórico com o qual procuramos dialogar com os campos da educação e da tecnologia da informação e comunicação.

A ergologia não é uma disciplina ou um conjunto de disciplinas, mas uma démarche pluridisciplinar inovadora que atravessa todos os campos do conhecimento (conceito), abordando-os em dialética com os saberes da experiência humana (vida), para estudar o trabalho do ponto de vista da atividade humana (TRINQUET, 2015).

Para isso, a investigação de abordagem qualitativa a qual realizamos se caracteriza pela ampla variedade de materiais empíricos e busca “descrever momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos” (DENZI; LINCOLN, 2006, p. 17), devendo ser contextualizada em complexo campo histórico ancorado em compreensões locais para as quais estabelecemos critérios de avaliação evocativos, morais e alternativos.

Sendo de natureza descritiva, característica comum à pesquisa qualitativa, este estudo procurou colocar luz sobre o objeto investigado, a fim de ampliar sua visibilidade e proporcionar mais familiaridade com a temática em questão. Dessa forma, as descrições dos fenômenos, impregnados de significados emergidos do meio investigado, são produtos de visão subjetiva, e abstém-se de toda expressão quantitativa, numérica. (DENZI, 2006; TRIVIÑOS, 2009).

Em outras palavras, a reunião de diversos métodos, nos quais podemos incluir notas de campo, entrevistas, conversas, gravações, lembretes etc., consistem em práticas que dão visibilidade ao universo do pesquisador que por sua vez procura compreender ou interpretar “fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.” (DENZI; LINCOLN, 2006, p. 17).

De certo que, nesta investigação não privilegiamos representatividade numérica, procuramos aprofundar a compreensão da dinâmica das tomadas de decisão no trabalho docente em plataformas virtuais, a partir da ótica de três professoras de uma instituição privada de educação, sujeitos desta pesquisa. Para isso, escolhemos a noção dramáticas dos usos do corpo-si vivenciadas por essas trabalhadoras, colocando-as no centro da nossa análise.

As dramáticas dos usos do corpo-si podem ser compreendidas como espécie de tensão produzida pela necessidade impreterível de reconfigurar as normas antecedentes a atividade humana, especialmente a atividade de trabalho, “considerando toda ordem de variabilidades, possibilidades nunca antecipadas por completo”. (BOSCHETTI, 2021, p.15).

Por sua vez, atividade na perspectiva ergológica “é tomada no sentido de atividade interior. É o que se passa na mente e no corpo da pessoa no trabalho, em diálogo com ela mesma, com seu meio e com os ‘outros’.” (TRINQUET, 2010). Por essa razão, primamos pelo cuidado de evidenciar o caráter limitado e proximal do alcance deste estudo, assim como todos aqueles que se propõem a abordar a vida humana, sobretudo pelo ponto de vista ergológico.

1.3.1 Pesquisa Documental

Devido à singularidade inerente a cada situação laboral, as dramáticas dos usos do corpo-si no trabalho docente em plataformas virtuais não aparecem nas predeterminações do campo e das tarefas. Designadas pela ergologia por normas antecedentes, tais prescrições organizam as ações humanas, e neste caso, as que regem o trabalho docente na referida modalidade.

Nesse sentido, podemos afirmar que, além de descritiva, nossa pesquisa também é documental, quando segundo Vergara, a investigação é

[...] realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, ou com pessoas: registros, anais, regulamentos, circulares, ofícios, memorando, balancetes, comunicações informais, filmes, microfilmes, fotografias, videoteipe, informações em disquete, diários, cartas pessoais e outros. (VERGARA, 2009, p. 43).

Desse modo, para conhecer as normas antecedentes do trabalho docente em plataformas virtuais, procedemos com estudo documental de ferramenta que faz interface com a plataforma tecnológica, meio virtual de trabalho do professor dos cursos na modalidade EAD, a ferramenta de operação em Ambiente Virtual de Aprendizagem AVA CANVAS. Na prática, procuramos articular o conteúdo do documento às informações produzidas em campo, a partir das entrevistas com os sujeitos desta pesquisa, além de recorrer também à nossa experiência profissional em tutoria em cursos EAD por mais de uma década.

1.3.2 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo é a investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não. (VERGARA, 2009). Nesse sentido, o lócus desta investigação estabeleceu-se em uma universidade do setor privado que oferece cursos em modalidade EAD há mais de duas décadas, juntamente com a educação presencial tradicional com presença consolidada no mercado com mais de meio século de atuação.

Escolhemos a referida universidade por proximidade e facilidade de acesso. O contato com a universidade foi estabelecido a partir de acessibilidade (VERGARA, 2009), garantida por meio da relação de trabalho mantida com a instituição. Assim, para obter a autorização da instituição, solicitei a autorização ao diretor, conforme termo de autorização da pesquisa, que prontamente assentiu. Do mesmo modo, os sujeitos desta pesquisa foram encontrados, sendo duas professoras com as quais já havia trabalhado e a terceira por indicação. Os contatos foram realizados por e-mail e telefone.

Sobre os instrumentos para a realização das entrevistas, ponderamos sobre característica específica do tempo da pesquisa que foi durante a pandemia da covid-19. Esse cenário nos remeteu ao objeto de estudo pela necessidade de utilização de

mídia interativa, tal como utilizada na modalidade da EAD. Por esta razão, obedecendo critérios estabelecidos no Ofício Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS de orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, utilizamos a ferramenta de reunião virtual ZOOM.

Enviamos os convites por e-mail, explicando a natureza da pesquisa, a forma de participação, o tipo de entrevista e os meios de comunicação adotados, conforme nos ensina Vergara:

A entrevista é um procedimento no qual você faz perguntas a alguém que oralmente, lhe responde. A presença física de ambos é necessária no momento da entrevista, mas, se você dispõe de mídia interativa, ela se torna dispensável. (VERGARA, 2009, p. 52).

Para o autor, o referido procedimento pode ser denominado entrevista por pauta já que o pesquisador agenda vários pontos a serem explorados com o entrevistado em maior profundidade (VERGARA, 2009).

Conforme consta no TCLE, as datas e os horários das entrevistas foram determinados pelas participantes de acordo com a disponibilidade de cada uma delas, tomando atenção ao tempo disponibilizado, para estar com as participantes apenas o necessário para a apreensão dos conteúdos, as respostas para a pauta.

As três professoras aceitaram participar e em seguida, prosseguimos com o agendamento das entrevistas em profundidade, criando um link de cada reunião para cada professora acessar plataforma de comunicação ora mencionada de acordo com as datas e horários previamente estabelecidos

Assim, para a efetivação das entrevistas individuais, foi enviado o convite a cada docente e após o aceite foi criado um link na plataforma ZOOM, que permite a gravação das reuniões. Informados datas e horários, o link foi enviado e as entrevistas transcorreram dentro do limite de horário e tempo propostos de no máximo uma hora e meia para as entrevistas

Antes de iniciarmos cada entrevista, o TCLE foi lido e assinado. Em seguida, reiteramos o compromisso de manter em sigilo a identidade da participante, o documento assinado, os registros audiovisuais e escritos produzidos. Explicamos que, para cada professora entrevistada atribuímos à palavra Docente, um código de 01 a 03, de acordo com a ordem das entrevistas realizadas, assegurando confidencialidade, privacidade e proteção de imagem. A seguir, os tópicos foram

apresentados um a um e as interações se deram da forma mais natural possível, de acordo com os relatos e os tópicos temáticos do roteiro de entrevista.

Nesse sentido, o tempo de entrevista com a Docente 01 foi de 40 minutos e 11 segundos, com a Docente 02 foi de 1 hora, 40 minutos e 34 segundos e com a Docente 03, 1 hora, 16 minutos e trinta e três segundos. Ressaltamos que as participantes tiveram acesso aos resultados da investigação e à transcrição das entrevistas realizadas.

As entrevistas foram empreendidas com 03 professoras da universidade e que foram identificadas numericamente, conforme já explicitado.

Participante	Formação Acadêmica	Experiência Docente	Experiência EAD	Área de Atuação
Docente 01	Mestrado em Contabilidade	36 anos	14 anos	Ciências Contábeis
Docente 02	Mestrado em Ciências da Religião	47 anos	9 anos	Educação
Docente 03	Doutorado em Engenharia Elétrica e Ciências da Computação	27 anos	8 anos	Engenharia de Produção

Tabela 1: Síntese do perfil das entrevistadas

A Docente 01 possui formação em Ciências Contábeis, Administração de Empresas e Mestrado em Contabilidade. Trabalha como docente há 36 anos e na EAD desde 2008, portanto 14 anos de experiência na modalidade lecionando nas disciplinas Controladoria em Agronegócios, Perícia Contábil ambas no curso de Ciências Contábeis.

Já a Docente 02 possui Graduação em Pedagogia, Mestrado em Ciências da Religião. Trabalha como docente há 47 anos e na EAD desde 2012, na modalidade EAD, lecionando as disciplinas Trabalho Docente, Fundamentos da Educação: abordagem político e histórica, Educação Inclusiva: relação família/escola, Políticas Públicas em Educação.

Por último, a Docente 03 possui graduação, mestrado e doutorado em Engenharia Elétrica, e ainda Mestrado e Doutorado em Ciências da Computação. Trabalha como docente há 27 anos e na EAD desde 2016, portanto 8 anos de

experiência na modalidade lecionando nas disciplinas Pesquisa Operacional na Pós-graduação em Engenharia de Produção, Fundamentos e Análise da Informação BIM na Pós em Engenharia Civil e Pesquisa Operacional Simulação na pós-graduação em Engenharia de Produção.

Percorrido processo de organização, e aplicação, a técnica utilizada para analisar os dados obtidos nas entrevistas foi a análise de conteúdo categorial, Bardin (1977):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977, P. 31).

Assim, feitas as entrevistas as gravações foram salvas para a geração das legendas que compuseram os textos. Em trabalho de edição dos textos foi realizada inicialmente uma separação dos tópicos da pauta de entrevista. Na sequência, realizou-se uma edição no sentido de retirar do texto, trechos que não dizem respeito à pesquisa como cumprimentos, comentários de caráter pessoal ou de natureza não correlata à temática proposta.

DOCENTE 02:	
EXTRATO DA ENTREVISTA	TEMA
Reposicionamento do corpo do trabalhador docente e vários corpos do docente, emocional, etéreo, biológico neurologicamente falando;	Corpo físico
EAD como vetor de proximidade para pessoas separadas por distâncias;	Presencialidade e Distância

Figura 01 – Exemplo da tabela de organização e análise das entrevistas individuais

Adiante, já com o texto devidamente editado, foram realizadas as leituras dos relatos de cada docente sobre os itens da pauta. Em seguida, foram elaboradas categorias iniciais com a intenção de organizar os conteúdos temáticos emergentes do campo, para em seguida elaborarmos os temas relativos às possíveis dramáticas

dos usos dos corpos-si vivenciadas no trabalho docente em plataforma virtual de educação.

O presente estudo está organizado em duas partes, além desta parte introdutória na qual compomos o problema, os objetivos, a justificativa e os procedimentos metodológicos. Assim, na primeira parte apresentamos as aproximações teórico-metodológicas baseadas no diálogo e compreensão acerca dos campos de estudo que ancoram nossa pesquisa. Incluímos a ergologia, nossa principal referência e suas importantes noções. Seguimos com as Tecnologias da Informação e Comunicação contextualizando-a no modo de produção capitalista e seus efeitos no trabalho e por fim, discutimos acerca do trabalho docente em AVA, destacando suas características.

Organizada a partir dos dados empíricos da pesquisa, a segunda parte deste relatório aborda o trabalho docente em AVA, identificando suas normas antecedentes, descrevendo as renormatizações empreendidas pelos docentes na realização do trabalho e apresentando questões referentes aos saberes requeridos no trabalho docente em plataformas virtuais.

Concluimos nosso trabalho refletindo acerca da especificidade do trabalho docente, o qual demanda outros saberes para além dos requeridos na modalidade presencial.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nesta seção apresentamos o percurso e as práticas empreendidas nesta pesquisa, seus fundamentos teóricos e a aproximação com o objeto de estudo com vistas a alcançar os objetivos almejados.

2.1 A DEMÁRCHE ERGOLÓGICA

Nascida da necessidade de compreender os reflexos sociais das mudanças que foram impostas ao mundo do trabalho, a ergologia se apresenta no final do século

XX como démarche¹, objetivando estudar o trabalho em sua complexidade, integrando saberes do conceito e saberes da experiência de modo a contribuir para sua melhoria.

Para isso, Yves Schwartz junto a uma equipe pluridisciplinar composta por acadêmicos e profissionais do conhecimento prático, elaboraram um dispositivo para compreender melhor o trabalho. Contaram com a contribuição de três autores fundamentais, Alain Wisner, Ivar Odone e George Canguilhem. Esses autores trabalham conceitos como ergonomia da atividade, comunidade científica ampliada e filosofia da vida. Tais construções teórico-práticas trabalhadas por Schwartz deram contornos à ergologia e suas noções que nos guiaram neste estudo.

2.2.1 Noções fundamentais da ergologia

A abordagem ergológica procura compreender como o ser humano em seu universo normativo e axiológico vive suas dramáticas dos usos de si e faz história “em um mundo repleto de normas mais ou menos estáveis, antecedentes, ambíguas e anônimas, às vezes em desaderência no tocante ao agir humano” (ECHTERNACHT; VERÍSSIMO, 2016, s.p.).

A ergologia é um campo propício para reflexões conceituais acerca das suas definições nunca completamente circunscritas em razão da complexidade inerente ao seu objeto de estudo e principal noção que é a da atividade humana, cujo conteúdo, segundo Schwartz (2021) é demasiadamente problemático. Isso porque a noção de atividade na perspectiva ergológica assume um caráter dinâmico, próprio do ser humano em impulso de vida e de saúde. Tal qual síntese do agir, a atividade “opera, a cada vez, como uma sucessão ou encadeamento de agires, que são momentos mais concretos, mais identificáveis – as experiências acumuladas do corpo-si.” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2016, p.375).

Com uma maneira inédita de estudar o trabalho, a ergologia não se trata de uma disciplina, mas uma postura, um modo de ver a vida humana que atravessa todos os campos de estudo da vida, notadamente nas abordagens do trabalho, tomando-o como um lugar de debate de normas, de negociações, de gerência de si onde se é capaz de articular de maneira integrada saberes disciplinares (mundo dos conceitos)

¹ Tentativa que se faz de conseguir alguma coisa (DICIO, s.p. 2020).

e saberes da experiência, incorporados na experiência do trabalhador. (ATHAYDE; BRITO, 2007).

Nesse sentido, a noção de atividade é tomada tal qual um retrabalho contínuo das normas antecedentes, atualizando-as e personificando-as em um movimento que obriga a pessoa, o corpo-si, a reconfigurar, de maneira sempre inédita, o meio, centro do qual inscreve sua ação, se engajando e transformando o mundo em que vive, ininterruptamente. (ECHTERNACHT; VERÍSSIMO, 2016; MAILLIOTI; DURRIVE, 2016).

A noção de normas antecedentes pode ser entendida por um conjunto de determinações, regras explícitas ou implícitas, mais ou menos explicáveis, escritas, codificadas e estabilizadas, sobre o que e como deve-se proceder alguma coisa (VENNER; SCHWARTZ, 2016). No caso das situações laborais, são as prescrições, exigências do meio de trabalho, mas também as normas incorporadas pelo trabalhador, que é convocado inteiramente a empreender todas as suas capacidades para realizar suas tarefas ordinárias, em alguma medida.

O conceito de norma antecedente é fundamental para a ergologia, pois, a existência de uma regra anterior ao trabalho é aquilo que lhe organiza. No entanto, as normas são sempre insuficientes devido à variabilidade do meio, não sendo possível antecipá-las completamente. É por esta razão que a atividade é tomada como debate de normas. Então, temos normas prescritas e já organizadas no mundo conceitual e normas individuais, estabelecidas de maneira singular em cada um de nós. Dessa forma, essas normas se relacionam no viver humano e são colocadas em debate a cada situação sempre inédita de trabalho. (SCHWARTZ e DURRIVE, 2008).

Por isso, o trabalho é invariavelmente atravessado por dramáticas dos usos do corpo-si, ou seja, “qualquer que seja a situação de trabalho, sempre ocorrerão debates de normas, e ninguém pode escapar deles.” (MENCACCI; SCHWARTZ, 2016). Assim sendo, todo trabalho é retrabalho, remete à renormatizações, produzidas pelos debates de normas e dos conflitos de valores frente à variabilidade do seu ambiente, conferindo a essa variabilidade uma importância relativa, a cada vez, e de maneira diferente. (MAILLIOTI; DURRIVE, 2016).

A partir desse ponto podemos mobilizar os conceitos ergológicos de saberes que se dividem em saberes investidos e saberes constituídos. Em uma divisão parecida com a das normas, os saberes constituídos estão no mundo dos conceitos, das regras para determinadas ações, portanto, em “desaderência”, do aqui e agora

da vida, embora seja parte fundamental dela. Os saberes investidos por sua vez, são produzidos e retrabalhados na atividade de vida. Tais saberes surgem a partir do debate de normas e são aplicados no exato instante de sua criação ante à necessidade imposta pelo meio ao trabalhador vivente. Seu berço é a experiência no trabalho e por isso é investido nele criando saber inédito (SCHWARTZ, 2008).

Assim, pela ótica da ergologia não podemos imaginar atividade – de trabalho ou outra- que não envolva o uso de si, ou seja, a mobilização desta substância enigmática que a Ergologia nomeia “corpo-si”. (SCHWARTZ. ECHTERNACHT, 2007).

A ergologia aborda a complexidade da atividade humana a partir de uma análise singular e situada do trabalho, observando questões que vão além da pretensa definição taylorista de que o trabalho seria um mero agir de acordo com orientações pré-determinadas. Da maneira ergológica de analisar o trabalho foi possível verificar que há uma parte do conhecimento que ultrapassa aquilo que está formalmente determinado na função. Em alguma medida, o trabalho conta com a presença de forças como a experiência do trabalhador, sua relação com outros trabalhadores, sua história de vida e a própria história que ele constrói no exercício da sua função. Assim, os estudos ergológicos partem de um incômodo com o dado de que o trabalho de fato é algo maior que aquilo que eventualmente se pretenda limitar em conceitos antecipados.

A abordagem ergológica pressupõe a existência de saberes distintos, separados por sua natureza, mas em constante relacionamento no corpo-si. Há uma relação dialética entre os saberes que se compõem, daqueles que já são conhecidos e sistematizados, e aqueles que surgem da relação do indivíduo com seu trabalho. A ergologia considera que não é possível compreender o trabalho sem considerar essa relação entre esses saberes.

Ao considerarmos as noções da *démarche* ergológica, somos levados à compreensão de que se trata de uma comunhão entre a pesquisa sobre o trabalho e a realidade do trabalho. Essa união se estabelece pela escuta do conhecimento criado e vivido pelos trabalhadores e especialmente a consideração dos saberes que pode revelar. Investigar o mundo do trabalho sem essa consideração seria como fechar os olhos a uma parte fundamental desse universo.

Assim, encontrar os indivíduos em seus trabalhos é como encontrar a própria história em construção, repleta de singularidades e valores que, por suas naturezas, são mutáveis e, se assim são, também são imunes a qualquer padronização total. No

máximo pode se tentar descrevê-los, contudo jamais essa descrição será capaz de defini-los em sua plenitude, pois, trata-se de algo inalcançável.

Dentro desses trabalhos, há realidades singulares a cada trabalhador, que se relaciona com uma realidade coletiva e, que por sua vez, compõem a vida. Cada trabalhador recebe as prescrições de seu trabalho de uma maneira e as exerce fazendo suas adaptações de forma única, própria. Assim, estabelece-se uma distância entre o trabalho pré-definido e aquele que efetivamente acontece, ou como a ergonomia define, distância entre o prescrito e o real.

Por isso trabalhar nunca é meramente realizar uma tarefa ou função, e sim um exercício constante de administrar as “dramáticas do uso de si”, sendo esse si referência de um corpo vivo, um corpo histórico, o corpo-si (DURRIVE; SCHWARTZ; 2008). A separação entre a norma e a prática, ainda que mínima, obriga o corpo-si a viver em estado permanente de reavaliação do que lhe é instruído ante aquilo que lhe é inerente enquanto ser vivo.

Ergologicamente, ao se observar o trabalho, muitas grandezas se apresentam para serem analisadas e compõem a tarefa de estudar esse mundo. Nas relações entre trabalhadores e suas funções, aspectos como a linguagem e seu uso, o conceito de experiência e a maneira como ele se adquire e influencia as ações estão sempre presentes e exercendo tal influência. Os saberes que são produzidos sobre o trabalho em “aderência e desaderência” (DURRIVE; SCHWARTZ; 2008, p. 27), quando se pensa o trabalho em sua perspectiva prevista e a sua realidade prática e até subjetiva, *idem*.

Há reflexões ergológicas sobre o trabalho coletivo e a constante relação entre questões materiais e não materiais, normas e valores em constante debate e, portanto, em influência de tempo real na vida desses sujeitos. Para estudar e conhecer o trabalho é necessário que se ultrapasse o limite do normatizado e considere-se que o trabalho, tal como o viver, é sempre uma gestão de si mesmo.

Não se pode definir o trabalho de maneira simples como sendo apenas uma prestação de serviço remunerada dentro de uma sociedade. É isso e um emaranhado de possibilidades objetivas e subjetivas em constante relacionamento. Para entender o trabalho é necessário que se caminhe até ele rompendo a clausura dos conceitos e sua pretensa definição. A ergologia estuda atividade humana, sobretudo a relacionada ao trabalho. (SCHWARTZ, 2013).

O trabalho é sempre um drama para o corpo-si. O drama mencionado, sob o prisma ergológico, remete ao contínuo travar de um debate entre as normas que perfazem a função, sejam externas ou internas, essas normas. Esse drama é a gestão dos embates das normas e a necessária tomada de decisão, uma arbitragem, em um meio que, ao mesmo tempo, influencia e é influenciado pela natureza complexa do agir no aqui e agora no trabalho.

Daí vem a ideia de que esse uso de si é uma imposição contínua dessas micro-escolhas permanentes e disso surge a expressão do trabalho como dramática do uso de si. Por fim, a atividade industriosa se torna cada vez mais um encontro de dramáticas do uso de si, a de um agente no trabalho e a do usuário, do cliente, do paciente, do aluno etc. (SCHWARTZ, 2014, p. 261).

As dramáticas dos usos de si, portanto, são uma constante na essência do agir humano e compõem a noção ergológica da atividade. Schwartz (2007) citando Canguilhem, filósofo que lhe serviu de inspiração e orientação na elaboração da démarche ergológica afirma que:

Por exemplo, numa frase famosa, o filósofo francês Georges Canguilhem (1966) utiliza o termo “atividade” para identificar especificamente o que é a vida; desse uso resulta uma segmentação entre o uso do termo em mecânica, e seu uso no reino do vivo: para ele, a Vida pode ser definida através da atividade que está em luta permanente com “a inércia e a indiferença”. Não somente o contrário da inércia, mas uma luta contra a inércia.” (SCHWARTZ, 2007, p. 02).

A concepção ergológica de atividade parte de um princípio filosófico que a toma como lugar de vida, ação em potência de vida que não se permite ser reduzida ou limitada por qualquer teoria ou conceito, tampouco restrita a alguns aspectos. O trabalho é uma parte, importantíssima, mas apenas uma parte da atividade, ergologicamente falando. Tratar assim a atividade, afirma uma postura ética frente a vida dos indivíduos trabalhadores que encerra uma gama de interações entre variadas grandezas e instâncias da própria vida e entre elas o trabalho, que não podem ser em nenhuma hipótese limitadas.

O trabalho, para a ergologia, é também um lugar de vida, está nela inserido como uma dimensão da atividade, onde o sujeito empreende a si mesmo e a seus valores mediante as normas que lhe são apresentadas e avalia a relação, gerindo-se em mediações permanentes entre si, os outros e o meio.

Através dessa busca permanente, através desse peso de valores que estão nela, a “atividade”, e mais especificamente a atividade de trabalho, é um momento de *mediação* entre o indivíduo e o coletivo, entre macro e microscópico da vida social: os valores humanos e sociais não permanecem, não podem estar confinados no único posto de trabalho ou no único local de

trabalho. Um valor é sempre um operador de mediação (SCHWARTZ, 2007, p. 15).

A natureza do trabalho é complexa, assim como é a da vida humana, atravessada de normas em um universo de valores mais ou menos estáveis. Compreendido como debate de normas, para a ergologia o trabalho é exigência vital, compreendido como redefinição e re-hierarquização, recompondo de maneira sempre inédita a dimensão axiológica do trabalhador e por isso é fonte de história e história em constante criação, de que se trata a atividade e dentro dela o trabalho. Por tal condição não se permite totalmente compreendida ou conceituada de maneira absoluta ou definitiva.

Por essas razões, a atividade humana é atravessada por *contradições* potenciais e se revela como uma matriz autêntica da história humana. No entanto, se a atividade então se revela ser uma matriz de história, ela não pode ser verdadeiramente compreendida, antecipada por qualquer “teoria”, ou sistema, exceto se se propõe a construir uma nova teoria filosófica geral da história (SCHWARTZ, 2007, p. 15).

2.2.2. Dispositivo Dinâmico a 3 Polos

Como démarche de análise do trabalho, a ergologia desenvolveu esse Dispositivo Dinâmico a 3 Polos, que busca garantir uma postura ética para a tarefa pretendida de compreender o trabalho em sua complexidade. Em nosso estudo o DD3p tem caráter de contribuição conceitual para a compreensão da perspectiva ergológica, não sendo diretamente aplicado em nossa metodologia.

Ao desenvolver o DD3p, a ergologia começa pelo polo dos saberes já estabilizados em conceituações que orientam as realizações das tarefas. Esses saberes foram sendo materializados no decorrer do tempo e por existirem mesmo sem que o trabalho esteja em execução, se distanciaram do aqui e agora do agir, o que lhes conferiu uma situação de “desaderência”, (Schwartz, 2008). Em outras palavras esses saberes já fazem parte do mundo dos conceitos e têm relevância ergológica porque são os propositores iniciais da função exercida.

O polo dos saberes constituídos envolve os conceitos, saberes sistematizados, organizados e formalizados nas diversas disciplinas acadêmicas e profissionais, bem como nas prescrições ao trabalho. São saberes necessários, porém externos e genéricos ante a situação de trabalho em questão, e estão em desaderência da atividade laboral. (SOUZA, p. 55, 2021).

O segundo polo é aquele onde se criam os saberes, por parte dos trabalhadores no momento do exercício de suas funções. Os trabalhadores precisam dos saberes já conceituados para o trabalho, no entanto eles não bastam. Dessa maneira no momento de aplicarem esses saberes o meio lhes demanda que esse exercício esteja sempre em um processo de readequação e adaptação, pois, nenhuma função é sempre igual e em todo o fazer existe uma ressignificação dos saberes. Essa ressignificação que decorre da readequação e adaptação cria saberes novos, inéditos e que por sua vez configuram o segundo polo do DD3P a partir da “renormatização”, Schwartz, (2008).

Já o polo dos saberes investidos se refere aos saberes singulares, experiências e histórias individuais geradas na atividade de trabalho. São saberes que não estão prescritos ou formulados, são originais, representam regras, normas e hierarquias constituídas nas experiências singulares, e, nesse sentido, são caracterizados como saberes em aderência à atividade. (SOUZA, p. 55, 2021).

De tal forma, o trabalho encerra esses dois polos em constante relação, pois o trabalho é executado no aqui e agora, sendo influenciado pelo meio. Nesse fazer do trabalho com o enfrentamento da influência do meio surge a necessidade das ressignificações que fazem surgir novos saberes. Assim, a geração de saberes no momento do exercício da função em relação direta com os saberes já constituídos, exige segundo a ergologia a presença de um terceiro polo.

O terceiro polo, contrariamente aos dois outros, não contém saberes pré-estocados ou saberes investidos nas atividades, mas impõe, de uma parte, uma certa humildade dos universitários para retornar a palavra à atividade e, de outra parte, uma aceitação da disciplina do conceito e de sua aprendizagem pelos protagonistas das atividades. (SCHWARTZ; 2000, p. 44).

A existência do terceiro polo significa que para conhecer o trabalho e sua complexidade se faz necessária uma postura ética que não mutile ou reduza a noção sobre o trabalho. Para isso é preciso que o lugar do observador ergológico em sua análise seja o lugar de entendimento. É preciso considerar o evidente aprendizado dos trabalhadores no uso desses conceitos e a criação de novos saberes, que surgem por conta da dialética entre aqueles conceitos e as exigências do meio produzindo conhecimento inédito e não delimitável. Entre estes três polos, não existe começo nem fim, nem anterioridade de um sobre os outros, eles estão em relação dialética. O conceito de atividade nasceu deste dispositivo a três polos e, ao mesmo tempo, justifica-o e o exige. (SCHWARTZ; 2000).

Assim, partindo de onde partir, a abordagem ergológica percorrerá os polos do DD3P invariavelmente. Do contrário, não se tratará de ergologia, tampouco de trabalho. Ainda que não aplicado o DD3P de maneira pontual e específica, as ideias que ele representa na ergologia estarão sempre presentes na análise do trabalho. Na própria análise se exercerá um trabalho e, portanto, é inescapável percorrer os caminhos que levaram a concepção do DD3P.

Sob qualquer campo teórico, o estudo de um trabalho, que se pretenda ergológico, ainda que não aplique o DD3P, se encontrará com as percepções do dispositivo. Onde houver trabalho, aí estarão os saberes de ordem social estabelecidos e os saberes criados no exercício da função. Uma postura ética será necessária para fazer com que esses dois outros polos dialoguem sobre suas funções em promover o trabalho. Essa postura ética é a proposta da ergologia consubstanciada no terceiro polo, ou polo ergológico por excelência. Seja como for, a démarche ergológica aciona, inevitavelmente, este dispositivo a três polos pois, se assim não for, não falamos do que dizemos, não fazemos o que pretendemos fazer. (SCHWARTZ; 2000). Portanto, a compreensão do DD3p, ainda que conceitualmente, é parte fundamental da compreensão da ergologia em si.

2.2.3 Centralidade das Dramáticas dos Usos de Si

Considerando nossos objetivos e a importância do conceito das dramáticas dos usos de si (Schwartz, 2008), para a ergologia e em especial para nossa pesquisa, chamamos especial atenção para elas buscando que seja possível a compreensão do próprio conceito, da démarche que o apresenta e ainda da complexidade do trabalho enquanto observado de tal maneira. As dramáticas dos usos de si que ocorrem em situação de trabalho quando essa situação se apresenta de maneira infiel às prescrições da função e das normas e valores que compõem a singularidade do trabalhador. A situação é então matriz de variabilidade, matriz de história porque engendra outros possíveis em razão das escolhas a fazer (micro-escolhas) para tratar os acontecimentos. (DURRIVE; SCHWARTZ; 2008).

A gestão desses debates ocorre em tempo real e integral, caracterizando um gerenciamento constante das dramáticas. E nada é mais importante para a gestão do trabalho: podemos gerir, governar o trabalho, ignorando que os protagonistas são

atravessados por dramáticas de uso de si? (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010; SCHWARTZ, 2022).

Diante de tal questionamento, a resposta a nosso juízo é definitivamente não, pois, negar que o trabalho é atravessado pelas dramáticas dos usos de si, é como atribuir ao humano em trabalho uma condição de máquina, que desligada, queda inerte. Quando tratamos do humano em trabalho não há “desligamento”, pois, trata-se de uma singularidade de vida. Vida em movimento de viver, atividade.

Assim, gerir as próprias escolhas, rearranjando e renormatizando as regras pré-concebidas para o trabalho é vivenciar a complexidade que esse processo representa. Definir essas escolhas colocando em perspectiva essas grandezas das normas, e das próprias concepções, diante delas é gerenciar o interno e o externo de cada indivíduo com todas as suas particularidades. É também, nesse processo, conceber novas normas quando se vive o trabalho. Em nosso entender, tal processo não pode ser simplificado e sim compreendido como de fato um drama, complexo e inescapável. As escolhas que arbitram entre valores diferentes e até mesmo contraditórios constituem as dramáticas dos usos de si. (SOUZA, 2021).

Escolher entre valores, normas, prescrições e concepções sempre em tempo real é viver no corpo-si o drama da tomada de decisão para responder à demanda do aqui e agora do trabalho. Tais escolhas são compostas por todas as instâncias do indivíduo trabalhador e nelas estão inscritas as particularidades, a singularidade de cada um em seus aspectos, físicos, psicológicos, sociais etc. Essa gestão produz novos saberes e novas normas. O que no linguajar ergológico, define-se como renormatização, um verdadeiro debate de normas entre normas antecedentes e as normas dos trabalhadores. (SOUZA, 2021).

Tal condição exerce influência não só no trabalho, mas em toda a complexidade da vida, que não pode ser abandonada por nenhum vivente. O trabalhador exerce suas funções e tarefas em sua plenitude singular e não apenas em uma parcela extraída de sua inteireza. Esse complexo vivo atua em trabalho considerando tudo o que lhe compõe e isso faz com que ele seja exposto a tomar decisões, fazer escolhas baseado nas normas que antecedem a execução da tarefa e em tudo o mais que ele carrega como composição de si mesmo. Daí surgem os debates e em consequência as dramáticas dos usos que ele fará de si para responder às solicitações do trabalho inserido no meio.

A atividade humana de trabalho é marcada por dramáticas, porque, em toda situação de trabalho, o homem é obrigado a fazer escolhas entre as normas antecedentes – do prescrito, do protocolo – e todos os seus valores, comprometendo-se, não raras vezes, a renormatizar. (VERÍSSIMO; SENA, 2021, p. 101)

2.2 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO CAPITALISTA

O trabalho é uma manifestação humana que ocupa lugar na organização social de enorme importância. Diante disso, é preciso contextualizar o cenário social em que o trabalho em estudo se encontra para que seja possível a compreensão de suas relações com o meio observadas pela ergologia a partir dos relatos dos humanos trabalhadores. Assim, conecta-se com nossa referência teórica, a démarche ergológica, uma abordagem sobre as tecnologias e seu contexto social ao analisarmos a docência em modalidade EAD.

Anterior as técnicas das TIC's está o mundo de desenvolvimento em que elas se dão. Desse modo é preciso ponderar sobre uma condição que se estabelece e se consolida a cada dia. Estamos em uma sociedade conectada globalmente. Tal condição nos coloca diante de um contexto social muito distinto dos tempos em que a EAD começava a dar seus primeiros passos.

As estruturas físicas foram remodeladas quase à sua totalidade e agora as dinâmicas socioeconômicas se dão pela internet e toda a sua potência em fazer circular informações. Dentro dessas informações cabe a educação inteira, no que diz respeito às suas necessidades tecnológicas para se procederem os processos educacionais. Desse modo, para introduzir nosso tópico referente às tecnologias de informação e comunicação, é preciso que consideremos uma realidade dada sobre a sociedade dinamizadas através das redes.

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica das redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. (CASTELLS, p. 565, 2002).

Castells nos oferece a compreensão de que as tecnologias formataram uma nova maneira de fazerem circular todas as relações sociais, e entre elas está a educação. Na EAD, isso se deu de maneira processual e como veremos, os avanços tecnológicos representaram sua própria história através de tecnologias, se sobrepondo e se revisando em seus meios e métodos até chegarmos atualmente.

Por certo que apenas o assunto das TIC's e da sociedade conectada via redes, já seria demasiado amplo e potente como objeto de estudos, porém, aqui ele se encontra em lugar de contexto em que se deposita nosso foco de pesquisa. Ainda veremos questões relativas ao modelo capitalista e as observações de outros teóricos sobre as dinâmicas desse tempo sobre o trabalho. Por hora nos interessa apresentar o encadeamento tecnológico que nos trouxe até o momento em que nos encontramos para a docência exercida por intermédio de um AVA.

2.2.1 Das TIC's aos AVA's

As Tecnologias de Informação e Comunicação compreendem todas as formas organizadas para que se estabeleça algum tipo de comunicação informacional. A denominação TIC, Tecnologias de Informação e Comunicação, diz respeito aos procedimentos, métodos e equipamentos usados para processar a informação e comunicá-la aos interessados. (CORREIA; SANTOS, 2013).

Na modalidade EAD, as TIC's passaram por muitas modificações que podemos chamar de evolutivas, com alterações em insumos e métodos para promoção da educação à distância. Inicialmente materiais impressos remetidos a estudantes promoviam o que conhecemos como estudo por correspondência. O recurso impresso foi a primeira tecnologia de comunicação utilizada na Educação a Distância. Com este recurso, se tornou possível a educação por correspondência. (FERREIRA; VALE, 2012).

Os correios eram o meio pelo qual se faziam transitar, por correspondência, os materiais destinados aos estudos por correspondência e isso se fazia na completude do processo, desde a matrícula do aluno até a conclusão do curso. Um processo de proporções gigantescas e que mobilizava uma estrutura imensa de recursos financeiros, de logística entre outros. Este processo poderia ocorrer mais de uma vez

no mesmo dia e, nos anos auge desta onda, uma escola chegava a ter mais de dez mil alunos matriculados por mês. (FERREIRA; VALE, 2012).

Nesse método de EAD já se podia perceber as primeiras influências e reflexos na função docente. Dada a necessidade dessa grande e organizada estrutura para o atendimento da dinâmica de ida e volta de correspondências entre os alunos e os institutos que ofereciam os cursos. Muitas tarefas que antes se incluíam na função docente, estavam agora compartimentadas em tarefas específicas e realizadas por outros atores conforme a organização institucional. Estes institutos desenvolveram um processo que era dividido em seis etapas: autoria, avaliação do editor, mediação pedagógica, avaliação do editor, ilustração e diagramação. (FERREIRA; VALE, 2012).

Vejamos que aquilo que a referência aponta como tendo sido feito pelos “institutos” apontam para ações eminentemente docentes. Em outras palavras a EAD por correspondência já afetava diretamente a função de lecionar e certamente teve seus efeitos nos trabalhadores envolvidos nesses processos.

A próxima tecnologia utilizada seria o rádio, que na sequência do estudo por correspondência permitia aos estudantes acompanharem parte do processo de ensino e aprendizagem via transmissões radiofônicas. Essa possibilidade ampliou o alcance da EAD considerando a abrangência que essa mídia atingiu socialmente falando.

Devido à abrangência e penetração social, o rádio oferecia a possibilidade de redução dos índices de analfabetismo, isso porque poderia atingir públicos que não eram contemplados pelo sistema escolar formal, oferecer escolarização suplementar e também a possibilidade de chegar a regiões de difícil acesso. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 47).

Um aspecto interessante dessa tecnologia foi que seu uso não extinguiu o estudo por correspondência, ao contrário se valia dos envios e recebimentos para questões como o cumprimento de tarefas entre outras funcionalidades. Em geral a educação pelo rádio acrescentou importantes aspectos a EAD e que em alguma medida se viabilizaram até os dias de hoje, em especial pelas questões que envolviam o uso da linguagem falada, que no rádio ganharam importância evidente.

A onda da educação por rádio ajudou a trazer para EAD um elemento importante na mediação a distância, pois por meio de uma linguagem lúdica e descontraída torna-se possível ao professor conseguir atrair a atenção e a curiosidade do aluno. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 48).

Ainda hoje a linguagem oral tem papel fundamental na educação à distância, pois, em aulas e exposições munidas de áudio-vídeos essa forma de transmissão de conteúdo é parte essencial.

Além deste aspecto, a oralidade, que já fazia parte do domínio das práticas docentes, ganha outros valores e é resignificada quando inserida nos recursos tecnológicos dos alunos, como por exemplo, o uso dos podcasts nos Ambientes Virtuais de Aprendizado – AVA. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 48).

Na mesma linha do rádio, no que se refere à entrega de conteúdo, e inserida no ambiente da radiodifusão, tivemos as aulas veiculadas pela televisão. Sempre por iniciativas de governos estaduais ou federal e com alguma coparticipação de emissoras de TV, públicas ou privadas, esses programas via televisão entregavam pacotes fechados de conteúdos e tinham como característica uma baixa interatividade. Aqui novamente, uma influência direta na função docente, uma vez que os professores e professoras trabalhavam na elaboração dos conteúdos e eventualmente em sua apresentação sem poderem, contudo, estabelecer qualquer tipo de troca com seus alunos remotos.

O advento dos computadores e de seus softwares fez com que o primeiro grande ganho do manejo de conteúdos em comparação com as tecnologias anteriores, fosse ao que diz respeito a quantidade de material que podia ser mobilizado. Assim, o computador, ainda que desconectado de qualquer rede de comunicação, podia, através de sua tecnologia operar com uma grande quantidade de conteúdo condensado em algumas mídias.

O CD-ROM foi uma tecnologia desenvolvida pela Philips e pela Sony em 1985 como meio para armazenamento de dados de computadores, usado o mesmo recurso físico utilizado nos discos compactos CD (compact disc). No primeiro momento, o uso era somente para a leitura, os dados eram gravados pelo fabricante, depois foram lançados os discos compactos de leitura e gravação CD-RW (compact disc reading and writing) tornando possível a gravação e leitura de qualquer tipo de dados. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 48).

A novidade principal dessa tecnologia, o computador e o processamento de suas mídias como o CD-ROM, é o fato de que nele é possível fazer uso de todos os recursos usados nas TIC's mencionadas anteriormente, porque todas elas, textos, áudios e imagens estavam condensados nesses espaços digitais, mas ainda não virtuais, de armazenamento.

A possibilidade de desenvolver e distribuir informação em formato digital representava um grande avanço na EAD, pois, seria possível desenvolver conteúdos com animação e manipulação da informação, por mecanismo de indexação, busca e navegação hipertextual, contribuindo para que o aluno torne-se mais ativo. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 48).

No percurso histórico da modalidade EAD há um momento de grande movimento e novidades nesse campo e em suas interações que foi o advento da

internet. Sua disseminação representou uma ampliação em várias das facetas do ensino à distância. Essas mudanças alcançaram amplitude alargada tanto em espaços físicos de acesso quanto em possibilidades de implantação de novas técnicas de estabelecimento de comunicação dentro dos ambientes viabilizados na rede mundial.

A aplicação de novas tecnologias na Educação a Distância (EAD), especialmente aquelas ligadas à Internet, vem modificando o panorama dentro deste campo de tal modo que seguramente podemos falar de uma EAD antes e depois da Internet. (AZEVEDO, 2020, s.p.).

Inserida a internet no mundo da educação, e observadas suas possibilidades, tivemos a concepção de ferramentas para promover a tarefa de educar em modalidade de separação físico-temporal entre alunos, conteúdos e docentes. Como potências da internet estão sincronidade nas transmissões, arquivamento e compartilhamento de materiais além de acesso ampliado geograficamente entre outras. Em alguma medida, todas as técnicas para EAD conhecidas até então, ganharam novo formato e tiveram ampliação em seus alcances com a internet.

A rede mundial Internet veio trazer, além de benefícios e alguns outros problemas que não caberiam aqui ser discutidos, uma nova perspectiva para o EaD, primeiramente por suas oportunidades de interação e, em segundo, por sua disseminação em vários contextos: instituições de ensino, empresas, lares, entre outros (SCHLÜNZEM JUNIOR, 2009, p. 19).

A internet em uma concepção primária representou para a EAD também uma TIC, porém seu ganho em potência foi inédito, pois, com seu advento se estabeleceu uma comunicação para além das fronteiras, quaisquer elas fossem, físicas ou temporais e até culturais, considerando que nem mesmo idiomas diferentes permaneceram como obstáculos para essa interlocução.

Dentro do cenário potencialmente criado pela internet, a modalidade EAD ganhou um impulso sem precedentes no que se refere às possibilidades de interação. Isso não representou um abandono do instrumental que foi desenvolvido ao longo dos anos na educação à distância, mas sim uma reconfiguração de seu uso que exige de antemão qualificação e competência técnicas para seu manejo no ambiente virtual.

Com o advento da internet, as instituições de educação, puderam contar com a criação dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA's. Esses espaços são destinados à hospedagem dos cursos e seus conteúdos onde podem ser compartimentados de acordo com a organização teórica de cada instituição/docente. Melhor definindo, os AVA's são o produto de softwares desenvolvidos com a finalidade

de organizar e gerir processos educacionais conforme cada instituição. Nesse momento novas alterações na tarefa de lecionar foram impostas aos docentes. Passamos a ter um espaço educativo on-line, no qual a mediação ocorre por meio de interfaces digitais e professor e alunos são sujeitos ativos e colaborativos do processo de aprendizagem. (FERREIRA; VALE, 2012).

O reestabelecimento da interação entre alunos e professores na TIC internet é um dado relevante da nova realidade para a modalidade EAD.

Fazer uso desta tecnologia representou uma revolução na Educação a Distância, pois, agora era possível ao professor realizar a mediação com seus alunos de forma síncrona, on-line, em tempo real, o que até então não era possível nas ondas anteriores. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 50).

Para além dessa possibilidade de sincronicidade, houve mudanças que exigiram conhecimento técnico aos docentes. Nos AVA's, propriamente ditos, são muitas as funcionalidades e é possível estabelecer restrições de acesso via senhas, criar perfis individualizados de usuários, seja discente, docente ou operador técnico e a separação e configuração de ambientes de atuação conforme cada perfil. É possível ainda controlar visualizações para cada um desses perfis, destinando nichos virtuais para cada função. Todas essas funcionalidades, concentradas em um único espaço virtual compõem os AVA's que tiveram e ainda estão tendo suas configurações e desenvolvimento em ascendência vertical desde o advento da internet como TIC de oferta educacional.

Com a introdução destes ambientes educativos on-line, a EAD ganha uma nova trajetória, pois agora emerge uma grande mudança na prática docente com novas reflexões sobre o papel do professor no processo ensino-aprendizagem. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 49).

Modernamente são muitas as marcas e nomes para as empresas que oferecem uma gama de softwares de gestão educacional para concepção dos AVA's. Em geral os nomes dos próprios softwares são incorporados aos nomes dos AVA's, em outros casos a sigla prevalece como nomenclatura, provavelmente pela facilitação que as siglas representam em comunicação institucional e de sistema.

Estas ferramentas caracterizam-se por, primeiramente, organizar a informação e as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos e professores. Em segundo lugar, por oferecer recursos de comunicação e interação entre os participantes. Como exemplos de ambientes virtuais de aprendizagem, podemos citar: TelEduc, Moodle, E-ProInfo, Tidia-AE, entre tantos outros (SCHLÜNZEM JUNIOR, 2009, p. 19).

Os exemplos citados na referência são alguns dos AVA's mais conhecidos no mercado hoje em dia. No entanto existe ainda uma gama de outros softwares, comercializados, com atendimento de configuração personalizado a cada cliente. Dentro dessa gama de plataformas está o AVA Canvas da empresa Instructure. Abordaremos essa plataforma em virtude de ser aquela com a qual trabalham os docentes que colaboraram em nossas entrevistas.

Para conhecimento e composição do nosso esforço acadêmico, reputamos necessária uma análise direcionada ao AVA de oferta da modalidade EAD. A influência latente das ferramentas sobre a tarefa de trabalho, faz jus a uma observação da função exercida partindo desse instrumental. Desse modo, apresentaremos como parte documental de nossa análise, a descrição da apresentação do AVA – CANVAS, para que se estabeleça o vínculo entre esse ambiente e a função de trabalho dos docentes em modalidade EAD.

Nesse aspecto e em conexão com a ideia com a qual pretendemos abordar o trabalho docente é preciso entendermos que as ferramentas/instrumentos denotam de saída, um certo modo de se fazer o trabalho na mesma medida em que são apropriadas pelos trabalhadores no momento da execução de seus trabalhos. Enquanto instrumento e local de trabalho o AVA não difere nesse quesito.

Assim estabelecemos a relação dos docentes com a organização do seu trabalho em uma modalidade complexa de métodos e instrumentos inseridos em um ambiente virtual. Assim, os docentes podem descrever suas experiências com os ambientes virtuais de aprendizagem que são uma tentativa de organização social e pretérita de seu “local” de trabalho e mais ainda, da sua maneira de exercer a sua função.

2.2.2 O trabalho em plataformas digitais e o capitalismo de vigilância.

Nos debates de relevo na produção científica mais recente, dois grandes nomes das ciências humanas e sociais, Pierre Lévy e David Lyon, tem posições bastante distintas sobre o cenário social que vivemos com o auge das tecnologias de informação e comunicação. Retomando uma primeira abordagem que fizemos através de Manuel Castels, a sociedade está conectada e por isso vive, através das

tecnologias que fomentam essas conexões, um tempo muito singular de sua história. Estamos em rede!

De um lado Pierre Levy, tem visão positiva sobre as dinâmicas sociais estabelecidas pelas tecnologias.

“Estou profundamente convencido de que permitir que os seres humanos conjuguem suas imaginações e inteligências a serviço do desenvolvimento e da emancipação das pessoas é o melhor uso possível das tecnologias digitais.” (Lévy. 1999, p. 208).

O autor advoga que a criação do que chama de ciberespaço contribui para que a sociedade se consolide em suas relações a tal ponto de que se concebe até mesmo um novo modelo organizacional humano. Nesse modelo as tecnologias têm um papel preponderante porque através delas se darão a maior parte das interações. Uma mediação tecnológica a se estabelecer nas mais variadas instâncias de uma sociedade pela força da comunicação.

O ciberespaço se transforma, então, numa esfera das decisões públicas e coletivas dos cidadãos, onde o computador – e, com ele, todas as outras formas de tecnologias informacionais – é uma ferramenta necessária na mediação e constituição desse novo modelo societário (LÉVY, 2000).

Essa visão otimista sobre as tecnologias e sua potencialidade como instrumentos de organização social descrevem uma previsão de futuro cujos detalhes podem ser inclusive comparados a algumas manifestações tecnológicas que vivenciamos atualmente. Simulações digitais, mineração de dados e uso de algoritmos, por exemplo, já fazem parte de nossa rotina diária em uma sociedade amplamente conectada. O que certamente afeta o mundo do trabalho onde estamos a exercer nossa pesquisa.

No campo sensorial dilatado da civilização do futuro, simulação digital e realidade aumentada vão se misturar com fluidez e darão origem a ecossistemas de ideias geradas pela inteligência algorítmica em torno de pessoas, comunidades, lugares, objetos concretos e temas de aprendizagem. (LÉVY, 2016, p. 140).

Quando trata da criação de um “ecossistema de ideias” Lévy nos mostra que sua compreensão alcança amplitude tal que supera os limites da sociedade enquanto coletivo de pessoas e passa a ser um ambiente onde ela se insere e vive sob a força das tecnologias. Atribui a isso um valor positivo e sugere que tal cenário nos fará,

enquanto humanos vivendo em sociedade, refletirmos sobre nossas condições e modificá-las ou não a partir de representações de nós mesmos.

Eu designo o ecossistema de ideias que diz respeito a uma pessoa pelo termo avatar semântico. Esta aura brilhante quer exibir em um modo holográfico (por exemplo, usando o vidro do Google) os dados que os indivíduos produzem, coletam e analisam, os algoritmos que eles criaram e os que eles usam, as conexões que eles definem. Nossos avatares semânticos querem nos dar a oportunidade de refletir sobre nossa experiência de vida, proteger nossa saúde, planejar melhor nossos empreendimentos cognitivos, gerenciar nossas relações sociais. (LÉVY, 2016, p. 140).

De outro lado, David Lyon, com a valorosa parceria de Bauman, observa que a mesma sociedade conectada conforme descreve Castels e cuja perspectiva de Lévy avalia positivamente, enfrenta e enfrentará problemas sérios. Aborda uma questão de vigilância que se dá em tempo real e integral sobre a totalidade da vida das pessoas em conexão. Todos aqueles que se encontram de alguma maneira inseridos em algum sistema, estão sendo em alguma medida monitorados. O uso dos instrumentos tecnológicos de comunicação e informação permitem tal situação. “A maneira como usamos esses dispositivos afeta o quanto a vigilância atinge o sucesso” no mundo de hoje. (LYON, 2015).

Além do fato de estar estabelecida uma vigilância, a conexão permite que tais vigilantes, os sistemas e seus programas, se espalhem pela rede. Usando como justificativa o poderoso argumento da segurança, as redes estão repletas de propriedades que geram informações sobre todas as ações que ocorrem e com esses dados produzem o que mais interessante lhes parecer. Induções a consumo, controle sobre o trabalho entre outras possibilidades.

A vigilância suaviza-se especialmente no reino do consumo. Velhas amarras se afrouxam a` medida que fragmentos de dados pessoais obtidos para um objetivo são facilmente usados com outro fim. A vigilância se espalha de formas até então inimagináveis, reagindo a` liquidez e reproduzindo-a. Sem um contêiner fixo, mas sacudida pelas demandas de “segurança” e aconselhada pelo marketing insistente das empresas de tecnologia, a segurança se esparrama por toda parte. (BAUMAN; LYON, 2013)

Lyon e Bauman, alertam que embora virtual, esse mundo é composto por humanos, pessoas e elas vivem em uma realidade física, onde os efeitos dessa conexão em larga medida e que possibilita uma vigilância irrestrita, podem ser de inúmeras naturezas, inclusive danosas. “[...] o ciberespaço não está ‘separado’ do mundo real. Existe uma falsa ideia de separação entre o mundo ‘online’ e ‘offline’. Tal visão pode produzir uma certa irresponsabilidade entre os usuários.” (LYON, 2015, p. 42).

A irresponsabilidade dos usuários é um dos aspectos, e assim sugerimos que a ignorância acerca dessas possibilidades também é, colocando as pessoas em situação de fragilidade diante de tamanha potência. Quando Lyon e Bauman, questionam Lévy, estão alertando em certa medida para o fato de que [...] o uso destas ‘ferramentas’ não é uma brincadeira inocente ou mesmo uma atividade neutra (LYON, 2015).

Diante deste debate e dessas compreensões, nos atemos a um outro autor que observa com especificidade a internet e suas manifestações para nos inserirmos em uma discussão também inerente à nossa pesquisa. Trazemos Gaudêncio Frigotto para adiante abordarmos o capitalismo de vigilância em que também inserimos outras obras para nos dedicar a esse aspecto, em especial conectando-o com a EAD.

Dentro das mudanças que vive o mundo do trabalho, as TIC's que aqui observamos no uso da internet para a oferta de educação à distância, representam um salto tecnológico e de perspectiva para a análise das experiências dos trabalhadores. Gaudêncio Frigotto, tratando em sua obra Educação e a Crise do Capitalismo Real, no terceiro capítulo aborda o que chama de Fim da Sociedade do Trabalho e a Não Centralidade do Trabalho na Vida Humana.

Na moderna sociedade das mercadorias, sob a égide do capital financeiro, da tecnologia flexível, das máquinas inteligentes, da robótica e do fantástico campo da microeletrônica, microbiologia, engenharia genética e novas fontes de energia, a liberação do homem da máquina que o embrutece e, portanto, tecnologia que tem a virtualidade de liberar o homem para um tempo maior para o mundo da liberdade, da criação, do lúdico, paradoxalmente o escraviza e o subjuga, sob as relações de propriedade privada e de exclusão, ao desemprego e subemprego. (FRIGOTTO, 1996)

Em linhas gerais o capítulo percorre abordagens teóricas que tratam das questões que evidenciarão o fim do trabalho como fator central em nossa sociedade confrontando ideias que apontam razões para essa sentença, baseadas em vários fatos históricos. Certo é que há mudanças no mundo do trabalho ocorrendo historicamente, no entanto, como aponta Frigotto em consonância com o que leciona a ergologia, o trabalho permanece em evidência de nossa vida em sociedade sob muitos aspectos, ainda que com características diversas através dos tempos. O trabalho está no centro da vida em sociedade e enfrenta desse lugar todas as turbulentas mudanças que os avanços tecnológicos e as alterações sociais implicam.

O trabalho e todas as mudanças que lhe foram aplicadas continua em lugar de centralidade. Permanece com suas influências sobre a vida humana em larga medida.

Ergologicamente falando o trabalho é ambiente de produção da própria história de vida dos trabalhadores e esse fato não configura uma descentralização, muito antes ao contrário. Quando olhamos para o Brasil, a dinâmica não é diferente e como estamos a tratar de um trabalho exercido em uma plataforma AVA em uma universidade brasileira, tal peculiaridade merece consideração sem, contudo, nos fecharmos à transnacionalidade da questão que abordamos.

Muito embora estejamos num recanto tropical definido como “Terceiro Mundo”, onde as relações de exclusão vêm sobredeterminadas pela violência do capital transnacional e, portanto, os custos humanos são potenciados geometricamente, nem tudo é negatividade. O inequívoco avanço das forças produtivas e as contradições que daí advêm, engendram uma positividade de deve e que pode ser dilatada pela ação política das classes, grupos e movimentos sociais. (FRIGOTTO, 1996)

No mundo e consequentemente no Brasil com todas as nossas condições sociais, o trabalho tem sofrido profundas transformações com o advento das tecnologias nos mais variados campos da vida. Tais mudanças podem representar riscos e perdas para os humanos trabalhadores. No entanto, essas mudanças podem representar também oportunidades de debates para a garantia de condições adequadas de trabalho. Podem significar o momento de iniciarmos discussões sobre as concepções do trabalho para que possamos considerá-las em por inteiro, verificando continuamente se estamos na direção correta em nossos métodos de gestão desse campo. Nesse aspecto, nosso estudo, tem a modesta pretensão de contribuir para tal reflexão ao nos debruçarmos sobre a tarefa indubitavelmente relevante de estudar o trabalho em educação mediado por das tecnologias digitais na nossa sociedade.

Desse modo, considerando as mudanças no mundo do trabalho e as grandes implicações que elas representam, nos dedicamos nesse tópico ao trabalho mediado por plataformas digitais. O Advento da internet e a criação dos ambientes virtuais formataram uma condição de trabalho específica, altamente controlada, vigiada. Dentro de um cenário global essa condição encerra características cuja influência na execução das tarefas de trabalho é sensível.

Assim, estabelecemos a relação entre a nossa pesquisa e os tempos modernos que vivemos quando nos referimos ao trabalho, especialmente trabalho em meios virtuais. O aspecto que nos exige abordar essa temática é o fato de que nossos trabalhadores pesquisados exercem suas funções em uma plataforma de EAD, denominada Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, portanto, um trabalho de

componente digital evidente. Assim, há muitos trabalhadores que se relacionam, de uma maneira ou de outra, com contextos digitais ao longo do circuito do trabalho (QIU, CRAWFORD e GREGG, 2014; GROHMAN e QIU, 2020, s.p).

O mesmo autor nos traz ainda uma outra definição possível para uma compreensão inicial de nossa perspectiva. Isso significa considerar as atividades de trabalho que são mediadas por plataformas digitais e como são as condições de trabalho dessas pessoas. A isso podemos nomear como trabalho em plataformas. (GROHMAN e QIU, 2020, s.p).

Outra abordagem possível toma as plataformas como “locais” de organização do trabalho e produção de capital. Dentro de si mesmas as plataformas se nutrem de informações para sua própria organização e exercem cada vez maior controle sobre a atuação de seus trabalhadores. Aqui cabe uma pequena consideração que embora intimamente ligados, o trabalho e as plataformas são coisas distintas. Van Doorn (2017) citado por Grohman (2020), define o trabalho de plataforma como as atividades de trabalho que são mediadas, organizadas e governadas por meio de plataformas digitais. Assim, as plataformas pretendem uma formatação e gestão do trabalho de maneira prévia, porém, a função de trabalho, como já vimos, compreende aspectos singulares e complexos que não podem ser totalmente parametrizados ou pré-estabelecidos.

Desse modo, empreendemos o estudo de uma forma de trabalho mediada por uma plataforma digital as quais guardam singularidades inerentes à EAD. Como característica principal de trabalho em plataforma está a existência de um ambiente virtual onde transitam as informações. No nosso caso, informações relativas a um processo de ensino e aprendizagem. Após desenhada, a plataforma é um espaço – com modulações programadas – para distintas atividades de trabalho, como mostram as distintas tipologias de plataformas de trabalho, que explicitamos em artigo anterior. (GROHMANN, 2020).

Em nosso contexto, a plataforma AVA se performa em um lugar de exercício da função docente onde se exige interação, capacidade técnica, ampliação e aplicação de saberes. Aqui cabe uma pequena diferenciação entre os tipos de plataformas, pois, os aplicativos de atendimento, por exemplo, são plataformas com as quais o trabalho se efetiva, mas de alguma maneira fora do ambiente virtual pelo menos em sua parte prática. Nas plataformas para a EAD, o trabalho é exercido dentro de um AVA, tanto administrativa/gerencial, quanto praticamente.

Tal plataforma AVA é organizada e parametrizada no sentido de produzir retorno capital a uma empresa. Tudo isso sob o controle da organização que detém institucionalmente o poder sobre a plataforma e por consequência sobre seus trabalhadores. Aqui são evidentes as semelhanças guardadas em todos os tipos de plataformas no que se refere à objetivação do uso do trabalho.

Essa configuração está claramente demonstrada na perspectiva em que a empresa detentora do uso da plataforma lhe atribui característica de “lugar” onde se exerce a atividade econômica de oferta de educação à distância e é nesse “local” que os trabalhadores estão inseridos para o exercício de sua função docente.

Os distintos mecanismos de extração de mais-valia a partir das diferentes atividades de trabalho em um “circuito de trabalho” nos ajudam a compreender seu papel na circulação comunicacional do capital em contexto de plataformização. Essas transformações nos modos de organização da produção implicam em mudanças nos circuitos dos processos produtivos em escalas local e global, com distintas maneiras de extração do valor a partir de plataformas digitais. (GROHMAN, 2020, s.p).

Nesse ambiente a detentora do capital busca através do trabalho de seus docentes e demais trabalhadores da EAD, estabelecer uma organização pela qual oferece ao mercado seu produto educacional, através de uma plataforma buscando a obtenção do resultado financeiro. No que diz respeito à função docente, demonstra a evidente modificação no trabalho, cujo material é a educação e o produto por assim dizer é o ensino e aprendizagem, se comparada aos moldes históricos da tarefa educacional.

Toda essa alteração no que aqui nos parece configurar um processo produtivo educacional, se dá, especialmente nos últimos anos, e mais ainda durante a pandemia da covid-19 em velocidade bastante alta. A dinâmica de mercado no setor da educação exige modernamente que se alcance cada vez mais potenciais consumidores e a custos cada vez menores. Custos menores que na EAD podem se dar de duas maneiras, pois, em uma sala virtual podem caber milhares de alunos e a estrutura docente pode se reduzir a um aparelho pessoal com acesso à internet.

Para isso, é central compreender as plataformas como meios e tecnologias de produção, comunicação e circulação. Essa aceleração nos circuitos do capital é parte central do seu modo de sobrevivência. Isso se acentua em um contexto de pandemia, em que o capital busca acelerar ainda mais processos que estavam em andamento, como trabalho remoto, educação à distância e vigilância digital (GROHMAN, 2020, s.p).

Neste cenário, a docência torna-se uma tarefa ainda mais complexa e singular. Os trabalhadores docentes se encontram em um meio social e institucional diverso

daquilo que se convencionou historicamente para a função de lecionar. Tantas singularidades impostas à um trabalho tradicional como é a docência não passam ao largo da vida de cada indivíduo inserido nessa dinâmica de tal modo que é fundamental que esses trabalhadores sejam partícipes na pesquisa sobre seu trabalho. Ouvir essas experiências e sistematizar uma análise sobre elas a partir dos relatos de quem as vivenciou é ampliar o espectro da investigação e adotar uma postura ética diante de tal fenômeno.

A reboque das evoluções tecnológicas que se deram em todos os setores da vida em sociedade capitalista, as TIC's tiveram a sua dinâmica de mudança e adaptação ao tempo, e em especial na educação à distância, esse processo trouxe uma série de questões e sobretudo uma ampliação sensível, via implementação dos AVA's.

Tecnologias de informação e comunicação estão mais disseminadas do que a eletricidade, alcançando três dos sete bilhões de pessoas no mundo. Os entrecruzados dilemas de conhecimento, autoridade e poder não estão mais confinados a locais de trabalho, como ocorria nos anos 1980. Hoje eles se entranham de maneira profunda através das necessidades da vida diária, mediando quase toda forma de participação social. (ZUBOFF, 2021, p. 18)

Neste contexto Zuboff (2021) desenvolve todo o cenário do que chama de Capitalismo de Vigilância. Essa concepção vai ao encontro de nosso tema de investigação e observação, uma vez que a dinâmica evolutiva da TIC's até o advento da internet e em seu bojo o desenvolvimento dos AVA's colocou os trabalhadores docentes em um ambiente digital e virtual onde a vigilância se dá em tempo e meio integrais. Dito de outra maneira, o sistema vigia e registra tudo e a todo o tempo que é feito pelos seus operadores, no nosso caso, os docentes. O capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais. (ZUBOFF, 2021, p. 22).

Em nosso objeto de pesquisa, para além das capacidades técnicas de operação dos sistemas, ocorre uma reivindicação de tempo de vida dos trabalhadores docentes para o seu trabalho. O acesso do ambiente por seu operador docente agora se dá a qualquer tempo e em qualquer lugar onde sejam satisfeitas as necessidades tecnológicas para isso. Agora o local de trabalho não está mais delimitado, tampouco o tempo, pois, a apresentação das demandas está condicionada apenas a alguns cliques e não mais a presença do trabalhador em seu local de trabalho.

Em sua essência, o capitalismo de vigilância é parasítico e autorreferente. Ele revive a velha imagem que Karl Marx desenhou do capitalismo como um vampiro que se alimenta do trabalho, mas agora com uma reviravolta. Em vez do trabalho, o capitalismo de vigilância se alimenta de todo aspecto de toda a experiência humana (ZUBOFF, 2021, p. 24).

Na EAD que investigamos na qualidade de modalidade de trabalho, a condição do docente ultrapassou a restrição física da sala de aula e ganhou, ao menos em possibilidade de acesso ao ambiente virtual, todo o espectro de vida dessas pessoas. Na dinâmica desse novo modelo de capitalismo, a vigilância efetivada na EAD se dá pela presença em tempo e espaço integrais do trabalho sobre a vida do trabalhador, que, por vezes tem borradas as fronteiras dos âmbitos público e privado, doméstico e empresarial, e isso certamente gera implicações na relação entre este e aquele. Ao que nos parece, não há mais uma formatação do processo de exercício da função, e isso se transveste em uma falsa liberdade de executar a tarefa em qualquer lugar e tempo, popularmente chamada de “flexibilidade”, quando de fato se está diante de invasão ou supressão do tempo livre do trabalhador. A face do capitalismo de vigilância voltada para o controle e o condicionamento da função docente nos parece evidentemente apresentada na EAD através do alcance que caracteriza a plataforma AVA.

2.3 TRABALHO DOCENTE EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Se tomarmos os livros como primeiras experiências de educação formalizada, em alguma medida essa educação também se daria em modalidade à distância, como acontecia em passado remoto. Uma vez impressos, os livros levavam seus conteúdos a outros pontos no espaço e até no tempo que não aqueles em que seu conteúdo fora elaborado ou verificado. Embora não demonstre intencionalidade, essa metáfora ilustra a separação espaço-físico-temporal que caracteriza a educação à distância.

2.3.1 Educação à Distância – EAD

Ao considerarmos a diversidade das conceituações e abordagens sobre o tema e os mais variados pontos de observação possíveis, optamos por, inicialmente, apresentar a definição prevista na legislação brasileira em seu decreto nº 9057 de 25 de maio de 2017 e que assim descreve a EAD.

Art. 1º Para os fins deste Decreto considera-se educação à distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017).

A modalidade EAD foi abordada pelas regulamentações legislativas no Brasil, sempre em conjunto com a educação presencial ou pelo menos dentro de seus dispositivos gerais. Em outras palavras não há regramento público, via lei ordinária, exclusivo para a EAD. De sorte que a regulamentação da modalidade EAD no Brasil se deu pelo estabelecimento de normas genéricas sob as quais as instituições podem em alguma medida interpretar e tomar suas decisões que eventualmente podem ser julgadas pelos órgãos reguladores como o Ministério da Educação. Com o surgimento da pandemia de COVID 19, foram exaradas duas portarias que regulamentaram a oferta da EAD sem, contudo, lhe redefinir ou aprimorar o conceito. As portarias foram 2253 de outubro de 2021 e 343 de março de 2020 que apontaram algumas regras de funcionamento ampliando parcialmente as possibilidades de oferta.

Nos idos de 1996 houve ainda uma legislação, Lei 9394/96, essa ordinária, que também pretendeu regulamentar a EAD² sem lhe atribuir exclusividade e lhe inserindo como modalidade assessoria da educação presencial. Até o momento, não tivemos, portanto, uma atenção específica para a modalidade a ponto de alterar significativamente sua concepção conceitual. Tecnicamente, a generalidade não é um problema em si, no entanto, deixa aberto um espaço interpretativo demasiado amplo para as instituições quando nos debruçamos sobre seus textos.

Para credenciamento e oferta de cursos presenciais ou EAD, as instituições precisam atender a uma série de indicadores previstos em instrumentos de avaliação. À medida que são cumpridos esses indicadores, as instituições/cursos recebem notas de 1 a 5 sendo necessário um mínimo de 3 para credenciamento/recredenciamento institucional, aprovação ou renovação de aprovação de cursos. Novamente tais instrumentos são destinados às modalidades presencial e à distância, o que denota a não exclusividade da análise para a EAD. Embora esses instrumentos sejam avaliativos, não são vinculantes, o que significa que as instituições podem escolher como cumprem parte desses indicadores, assim, ficam abertas muitas possibilidades de interpretação dos critérios.

Essa generalidade nas normas da EAD causa uma série de entendimentos de suas regras e por isso a nosso ver a modalidade carece de uma análise e regulamentação específicas, considerando mais aspectos como trabalho docente, trabalho assistente, trabalho técnico etc., entre outras questões que ainda são objeto de extensa discussão no seio das instituições, públicas e privadas. Tal amplitude legislativa quanto à regulamentação, nos remete já de início ao que a ergologia descreve como uma infidelidade do meio, considerando a baixa possibilidade de organização da função docente em modalidade EAD.

Nesse sentido, a indefinição legal sobre a natureza do trabalho de tutoria na EAD se apresenta como lacuna ou insuficiência de norma do trabalho docente na educação à distância, nosso objeto de estudo. Tal aspecto causa uma confusão entre a função docente propriamente dita e a função tutorial. Por isso, convém esclarecer que em nossa dissertação lançamos mão de referências que abordam a tutoria como

² Para além disso a EAD no Brasil se regula também pelos instrumentos avaliativos do Ministério da Educação, disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2017/curso_rec_onhecimento.pdf

função docente, no entanto, na própria universidade pesquisada a figura do tutor está em um processo de definição, e ainda com uma função bastante distinta da função do professor, por isso, fica o esclarecimento e ainda as ressalvas que estarão em cada citação no decorrer do texto quando elas se fizeram necessárias sob esse aspecto. Após essa abordagem da conceituação legislativa e para compreensão temporal da EAD, apontamos brevemente dois momentos históricos que nos trouxeram ao presente contexto.

Não é curta a história do ensino à distância no mundo e no Brasil, embora nacionalmente o espaço de tempo seja consideravelmente menor. Ainda no século XIX tivemos as primeiras organizações de educação formatada em modalidade à distância.

A Universidade de Londres foi a primeira a oferecer abordagens educacionais à distância, seu objetivo era educar os cidadãos britânicos que viviam nas colônias inglesas (Índia e Austrália) por volta de 1800, de nenhuma outra forma poderiam ter acesso a educação superior. (ZAPELINI; ZAPELINI, 2011, p. 02).

No Brasil, especificamente, a EAD se iniciou na primeira metade do século passado. As primeiras experiências de EAD brasileiras se deram com intuitos de capacitações, sempre na direção de um ensino e aprendizagem para tarefas determinadas como cursos profissionalizantes entre outros. No Brasil registros apontam que a educação a distância teve início na década 1940, passando por várias fases e modificações. (ZAPELINI; ZAPELINI, 2011, p. 02). Um nascimento coincidente com a origem industriosa da démarche ergológica.

No que se refere à evolução de métodos e instrumentos para sua implementação, A EAD enquanto modalidade de ensino e aprendizagem foi sendo moldada por novas tecnologias para dinamizar seus procedimentos. Isso fez com que a iniciativa fosse sendo modernizada conforme cada nova tecnologia lhe era acrescentada como possibilidade em seus usos.

Considerando a dinâmica evolutiva dos meios utilizados para a oferta da EAD, uma boa maneira de lhe percorrer historicamente está na observação em sequência de seus principais mecanismos tecnológicos. Os instrumentais foram sendo experimentados e aprimorados no decorrer do tempo na educação à distância e seu processo de ensino e aprendizagem e esse encadeamento que trouxemos em nosso capítulo sobre as TIC's revela em essência a história da modalidade através de seus métodos e técnicas.

2.3.2 Considerações sobre as mudanças da EAD no trabalho docente.

Precedente às especificidades das mudanças na educação, mais evidentemente explicitadas na modalidade EAD, é preciso tratar introdutoriamente sobre como se encontra o cenário do trabalho na sociedade. A concepção de trabalho sendo parte da organização social do mundo sofreu alterações sensíveis em sua dinâmica com o advento de novas tecnologias. Embora as questões do trabalho, pretéritas aos avanços tecnológicos não tenham sido extintas com seu caráter determinante, foram de algum modo repaginadas, permanecendo com outra roupagem, na realidade social. Especialmente no que se refere ao Taylor-fordismo, em larga medida as tecnologias, que aqui estudamos com olhar para a docência EAD, estão entre as responsáveis pelo fenômeno.

Os debates do início da década de 90 sobre a natureza das novas tecnologias caracterizadas como configuradoras da Terceira Revolução Industrial, as mudanças na base técnica da produção e o impacto sobre o conteúdo do trabalho, divisão do trabalho e qualificação e formação humana nos permitem identificar uma problemática que se expõe como desafio teórico e político prático para quem tomou como eixo de compreensão dos processos educativos e da organização da escola unitária e politécnica, a categoria trabalho. (FRIGOTTO, p. 53, 1996).

Os reflexos das mudanças no mundo do trabalho, em nossa análise, incidem diretamente sobre os profissionais docentes e a necessidade de reinventar-se na forma de trabalhar, diante das novas exigências, bastante peculiares do que lhe era costumeiro. As tecnologias aplicadas à docência, tais como em outras áreas, estabeleceram uma nova organização do trabalho em que o conhecimento de conteúdo ou da prática passou a dividir espaço com a necessidade de conhecer e dominar essas tecnologias.

No plano econômico, no nível mundial, este novo modelo de organização social implica em um novo tipo de organização industrial, baseada em tecnologia flexível (microeletrônica associada à informática, microbiologia e novas fontes de energia), em contraposição à tecnologia rígida do sistema taylorista e fordista e, como consequência, um trabalhador flexível, com uma nova qualificação humana. (Gentili, 1994), (FRIGOTTO, p. 54, 1996).

As mudanças mencionadas se deram quanto às tecnologias, sem, contudo, extinguir parte das concepções que o modelo Taylor-fordista implementou, como veremos mais adiante. Assim como no setor industrial, o trabalho docente em EAD, se dá em um cenário de alterações em suas dinâmicas tradicionais, e conseqüentemente as exigências e imposições aos trabalhadores não escapam a

esse fenômeno. As TIC's se firmam como mediadoras do processo de ensino e aprendizagem e ao mesmo tempo como ambiente de trabalho.

Esse contexto requisita dos humanos trabalhadores novas competências e lhes impele em uma situação, que embora com uma modulação diferente, configura questões que já se verificavam no modelo anterior quando da experimentação do Taylor-fordismo, por assim dizer. No plano da ordem econômica, os conceitos ou categorias pontes são: flexibilidade, participação, trabalho em equipe, competência, competitividade e qualidade total. (FRIGOTTO, p. 55, 1996).

Ainda além das questões de ordem econômica que têm influência direta no mundo do trabalho, temos as questões internas aos próprios trabalhadores. Diante das particularidades e condições específicas, variabilidade inerentes à atividade de trabalho, eles enfrentam diariamente questões particulares ao mundo do trabalho. No plano da formação humana são: pedagogia da qualidade, multi-habilitação, policognição, polivalência e formação abstrata. (FRIGOTTO, 1996).

Nesse contexto, as mudanças são fatores de forte influência no trabalho em si. A presença das tecnologias e o condicionamento ao seu domínio e uso são fortemente relevantes. Na docência tais mudanças carregam dois aspectos de peso, pois, ao mesmo tempo em que as mudanças drásticas se impuseram ao trabalho de lecionar, a carga antiga de questionamentos sobre que tipo de educação está sendo promovida permanece como uma questão em debate.

Em nossa dissertação as mudanças no mundo do trabalho, enquanto parte de nossa organização social, se apresentam como pano de fundo do estudo que estamos a empreender. O advento da EAD se dá no bojo dessas mudanças, por isso se faz importante a menção sobre tais modificações para que a complexidade da questão esteja contemplada.

A tarefa de lecionar via AVA, dentro do ambiente de mudanças no trabalho no seio do capitalismo, é demandada através de um sistema operacional digital que faz surgirem outras tantas questões. O controle das funções e seu registro em tempo real de tudo o que ocorre dentro do AVA se evidenciam. As dinâmicas de precarização do trabalho, ampliação de carga horária, e uma exposição a riscos trabalhistas afloram. Atores inseridos em um ambiente de constante atualização e exigência de adaptação a tecnologias.

Ao observarmos os atores da EAD e suas relações com essa maneira de lecionar estamos abordando pessoas inseridas em uma dinâmica relativamente nova.

Nela, as normas antecedentes, regramentos de ordem geral ainda se encontram em formatação, o que implica dizer que para além das tecnologias usadas, as questões institucionais e regulamentares da EAD também se configuram em incertezas à medida que estando em processo de formatação, são pontos de eventuais modificações.

Inúmeros são os elementos assinalados, nesse aspecto, especialmente quanto aos riscos trabalhistas que os programas em EaD envolvem: o aumento da carga de trabalho dos docentes, as novas exigências impostas pelo uso das tecnologias digitais, o “empobrecimento” da mediação pedagógica por meio da atuação da tutoria, precarização do trabalho em termos de condições de trabalho, entre outros. (MILL, et al. 2008. p. 57).

Muitos são os aspectos que geram debate na questão do trabalho docente na EAD, especialmente em virtude do fato de que a modalidade já de início é uma reformatação da tarefa de ensinar. Essa nova forma promove alterações em todos os âmbitos da educação e afeta diretamente até os mais específicos detalhes da relação entre trabalhador e trabalho. Entre eles temos a questão do espaço e do tempo na vida dos trabalhadores docentes. Ainda que pareça abstrata a questão, trata-se de um tema central na função docente, discutir o como, o quando e o onde essa tarefa é exercida. Os espaços e tempos de trabalho da educação (presencial) passam por um completo redimensionamento com o advento do trabalho docente na EAD. (MILL, et al. 2008. p. 58).

Um aspecto relevante dessa questão é a transformação ocorrida no processo de exercício da função docente na EAD por conta das ferramentas tecnológicas aplicadas. Já tratamos aqui das configurações históricas das TIC's que se sucederam no tempo até chegarmos aos dias atuais em que a internet modulou todas as anteriores em ambientes interativos.

As tecnologias de informação e comunicação – típicas do nosso tempo e mais presentes no processo de trabalho docente à distância do que na educação presencial – interferem na experiência com o espaço-tempo de determinado grupo social e passam a condicionar o sentido do tempo e espaço. (MILL, et al. 2008. P. 58).

Como principal condicionamento desse espaço tempo na tarefa de lecionar nos parece estar a nova configuração, que como dissemos, remodelou a forma de exercer a docência e impôs a presença mediadora de ferramenta tecnológica. A simples presença desse “ente” entre os alunos e os docentes já configura enorme alteração na dinâmica dessa relação de ensino e aprendizagem.

Isso quer dizer que o trabalhador docente à distância, tendo suas atividades intensamente mediadas por tecnologias digitais, poderá estabelecer relações diferenciadas com o tempo e com o espaço em relação ao trabalhador docente presencial, implicando necessariamente um outro patamar de exploração da mais-valia pelo capital no âmbito educacional. (MILL, et al. 2008. p. 59).

Aqui, temos o fator comercial inserido na tarefa de lecionar à distância. Por óbvio, antes do advento da EAD a educação já estava inserida na dinâmica de mercado e na exploração do trabalho docente feita pelas instituições. Não obstante, o caráter tecnológico da EAD confere novos contornos a essa relação e implica fatalmente na concepção técnica de que devem ser capazes aqueles que oferecem sua força de trabalho aos que detém o capital de fomento. Em outras palavras, a EaD exige a previsão de novos tempos, espaços e recursos para o desempenho do trabalho docente, os quais não podem ser atribuídos à esfera dos esforços individuais dos docentes. (MILL, et al. 2008. p. 61).

Estabelecidas as relações a partir da dinâmica tecnológica dessa modalidade de educação, a função exigida ao trabalhador docente, passa como sempre, a ocupar lhe um espaço e um tempo de vida, com a sensível diferenciação que a tecnologia permite que o trabalho “acompanhe” o trabalhador de maneira ampla. O que isso quer dizer é que na EAD, o trabalho ultrapassa o espaço da sala de aula física em sua concepção virtual colocando o tempo e o espaço integrais da vida do trabalhador em alguma medida à disposição de seu trabalho. Assim, o trabalhador adquire a tarefa adicional de gerir o seu tempo de trabalho em conexão permanente com seu tempo de vida dentro de uma espécie de simbiose forçada entre esses dois “tempos”.

2.3.3 Fragmentação do trabalho e demandas de qualificação.

Na EAD o trabalho docente se viu remodelado. Partes que antes eram inerentes à tarefa da docência, tais como preparo do conteúdo didático, aplicação de atividades, avaliações entre outras demandas, estão agora pulverizadas em uma organização virtual diversificada e interdependente.

Isto traz todas as implicações (geralmente negativas) inerentes ao Taylor-fordismo. Assim, essa separação de atividades cria distinções entre os educadores da EaD: tutores fazem parte do processo, professores conteudistas realizam outra parte e outros profissionais também participam

do processo. É clara a separação de cunho taylorista entre quem pensa e quem executa as atividades na EaD. (MILL, et al. 2008. p. 66).

Nota-se que a EAD promove invariavelmente uma fragmentação da função docente, causando duas mudanças principais. A primeira é a precarização de determinadas funções e do trabalho em si, pois, agora algumas questões que estavam no bojo docente, são comumente solicitadas a outros atores na EAD, cujo reconhecimento e remuneração são ainda menores do que aquele devolvido aos docentes. A segunda é a inserção de demandas de capacitação para outras tarefas que passam a fazer parte das necessárias competências exigidas. Em outras palavras, a reformulação inseriu novas demandas, ressignificou e precarizou outras, estabelecendo uma descaracterização parcial da tarefa de lecionar e colocando-a em situação um tanto problemática para seus trabalhadores.

Não diferente de outros trabalhos fragmentados e compartimentados, é possível vislumbrar também na educação os resultados dessa dinâmica de “taylorização” do trabalho de docência em modalidade EAD.

A maioria dos aspectos desagradáveis do trabalho na EaD concentra-se na **sobrecarga de trabalho**, seja na perspectiva de excesso de atividades, quantidade de tempo pago para realizar tais atividades, elevado número de alunos ou tamanho das turmas, baixo valor hora-aula ou outros desdobramentos da sobrecarga de trabalho. (MILL, et al. 2008. p. 66).

Esses resultados se observados na EAD não fogem à média dos resultados de outras funções fragmentadas pela dinâmica mercadológica do taylorismo nas relações de trabalho. Na EAD a singularidade fica por conta do uso da tecnologia em um espaço virtual, que dispensa a presença, mas vincula fortemente os trabalhadores. Esse vínculo pode ser observado na questão do espaço e tempo de trabalho ampliados e ainda em outras tantas questões que afetam diretamente a vida dos trabalhadores docentes na EAD. Na “liberação” do espaço físico, para o trabalho à distância, fica subterraneamente alocado um controle na totalidade do tempo, impondo ao trabalhador a necessidade de gestão de tal realidade.

De forma direta ou indireta, praticamente todos os problemas que acometem a saúde do trabalhador da EaD e que podem ser considerados novos em relação ao trabalho docente presencial são consequência dos novos espaços e tempos de trabalho. A *flexibilidade do espaço e do tempo de trabalho* seduz muito por suas promessas (nem sempre verdadeiras) de liberdade, autonomia, maior qualidade de vida etc. (MILL, et al. 2008. p. 66).

Muitas outras questões estão em análise na produção científica acerca do trabalho, mas percorrer todas as referências sobre a docência na EAD seria uma

tarefa demasiado extensa, no entanto, os demais aspectos que pretendemos trazer aqui, estão diretamente ligados à nossa pesquisa em si.

A função docente na EAD, apesar de sua fragmentação, abarcou uma gama de ações possíveis levando os professores para dentro de uma nova realidade. A natureza tecnológica da modalidade EAD vincula o professor a um modelo de funções fracionadas e diversificadas. Esse fracionamento mudou nomes, conceitos e passou a exigir aptidões novas como operação técnica de sistemas ou comandos específicos.

Assim estamos diante de uma influência direta da inserção da tecnologia na tarefa docente pela implantação de um AVA no processo educacional. Desse modo, para tratarmos sobre o trabalho docente na EAD é preciso considerar as especificidades e efeitos da divisão e diversificação na tarefa de lecionar.

A influência da existência de um sistema tecnológico no trabalho afeta obviamente a concepção do que é ser docente em um ambiente de EAD. Considerando verdadeira essa premissa, todo trabalho docente é colocado em uma perspectiva de novo significado. Diante disso, surge-nos uma realidade própria da função, o que caracteriza o trabalho docente em EAD de forma singular.

Em análise do trabalho de docência em uma instituição que exerce com largo alcance a EAD no Brasil, a pesquisa de Almeida e Wolff, destaca a exigência de novas aptidões, qualificações e polivalência frente às “novas tecnologias”:

O trabalho docente é, assim, redefinido em termos de qualificação/polivalência ditada pelo manejo das TIC's nos moldes do trabalho operário, em detrimento do trabalho artesanal, de pesquisa e reflexão, próprio à elaboração de aulas. Sua especialização é, assim, preterida em favor de uma qualificação de cariz operário. (ALMEIDA; WOLFF, 2011, p. 06).

Assim, é possível aqui verificar, na mudança que atinge a essência da tarefa de lecionar, um fenômeno ocorrido em outras áreas do trabalho na humanidade.

A divisão do trabalho na EaD se traduziu na distribuição das diversas tarefas do processo educacional, em diminutas atividades para serem realizadas por diferentes atores, construindo-se, assim, uma educação fragmentada, como era a organização da produção apresentada por Taylor. (MARINHO; REZENDE, 2017, p. 233).

Nas plataformas utilizadas institucionalmente para a oferta do ensino à distância, a divisão do trabalho fica evidenciada em tarefas novas, como função tutorial de acompanhamento discente, função técnica de organização e manutenção dos AVA's, entre outras que são impostas aos docentes e na compartimentação e ressignificação de tarefas tradicionais vinculadas a um sistema computacional.

Para estas novas tarefas é demandado dos trabalhadores docentes um conhecimento técnico e operacional das ferramentas disponíveis nas plataformas. Para tarefas tradicionais da docência, é imposto aos trabalhadores um necessário compartilhamento de ações e de dados, visto que a estrutura institucional conta, em regra, com setores especializados em cada uma das funções do sistema. Além disso, na modalidade EAD existe ainda o controle realizado diretamente pelo sistema via operação de outros atores dentro do mesmo ambiente. Tudo isso via TIC's em nosso caso a internet, dentro de um AVA.

De modo específico, há claras evidências na modalidade de educação à distância que remontam às concepções do “taylorismo”. Na EAD é perpetuada a ideia de Taylor, na qual o trabalho é dividido, cada personagem desenvolve sua atividade e há uma especialização para a execução das tarefas. (MARINHO; REZENDE, 2017, p. 234).

As tarefas são identificadas e pontuadas junto aos atores de maneira que saibam especificamente a qual delas deve se ater. Os sistemas usados nas plataformas permitem o controle também pontual de cada tarefa, considerando que são gerados registros sobre a totalidade das ações dentro dessas plataformas, o que quantifica os dados da subdivisão das tarefas. Na atualidade são percebidos, na EAD, os reflexos do taylorismo na medida em que todas as suas ações se convergem para a especialização dos trabalhadores e seu consequente aperfeiçoamento na execução de suas tarefas. (MARINHO; REZENDE, 2017, p. 235).

Para a obtenção do controle e dos resultados esperados na oferta da educação à distância, as tecnologias usadas na EAD promoveram justamente o que configura o ideário de Taylor. Fragmentação do trabalho, especialização de afazeres e o aperfeiçoamento dos atores. Aos trabalhadores docentes, na EAD, essa realidade se mostra ainda mais evidente, pois, exige-se qualificação para a operação e para a relação com as plataformas e seus AVA's.

Enquanto Taylor (1966) sistematizou os processos de produção, a EaD sistematizou sua metodologia se utilizando da padronização dos métodos e das tarefas, da divisão do trabalho com vistas a uma maior produtividade, assentando suas premissas na relação custo-eficiência. (MARINHO; REZENDE, 2017, p. 236).

De modo pontual sobre a EAD, a sistematização das práticas pedagógicas e a inserção de instrumentos de controle e de ferramentas de interação dos sistemas, pretenderam de alguma maneira lhe conferir uma identidade. No entanto, essa

pretensão não livrou a modalidade da dinâmica taylorista de fragmentação do trabalho. Há ações e seus atores pulverizados em toda a cadeia de trabalho do processo de ensino e aprendizagem e esses são cada vez mais especializados em suas funções e interdependentes entre si. Todos eles inseridos nos ambientes criados pelas plataformas e cercados em todas as suas ações pela configuração dos sistemas que organizam esse cenário.

De forma objetiva, a racionalização do trabalho docente, que remonta a ideia de Taylor, já se vê aplicada na própria regulamentação oficial da EAD. Especificamente no Brasil, o Ministério da Educação promove uma divisão do trabalho quando define atribuições em seus referenciais que servem de norte para as instituições na oferta comercial da EAD.

Os Referenciais de Qualidade do MEC (2007) dividem o trabalho na EaD entre docentes, tutores presenciais e a distância e corpo técnico-administrativo. Cada um desses papéis possui função definida, tarefas específicas, forma de relacionamento com o aluno, qualificação exigida. (MARINHO; REZENDE, 2017, p. 236).

Essa divisão impõe diferenciações entre categorias, e estabelece noções prévias sobre as tarefas a serem atribuídas aos atores que exercerão suas funções na EAD. Dessa maneira, a própria gestão pública, confere ao concessionário privado um mecanismo de organização de seu serviço que lhe permite fracionar a função docente, retirando-lhe algumas atribuições e exigindo capacidades para outras que estarão inseridas em um sistema tecnológico.

Em linhas gerais é possível observar na dinâmica da educação à distância evidente similaridade com as concepções tayloristas da gestão do trabalho. A começar pela fragmentação de tarefas exigindo especialidade em cada uma delas.

Em sequência, ocorre uma restrição da ação pedagógica do docente na EAD dentro do ambiente virtual, confrontando um valor conhecido da docência que é a liberdade de cátedra. No terceiro aspecto, embora haja uma participação mais efetiva dos trabalhadores nas IES, cada profissional desenvolve as funções a ele atribuídas sem questionar ou mesmo propor alterações nas atividades. (MARINHO; REZENDE, 2017, p.237).

Além disso, estabelece-se um valor monetário conferido a cada ator e sua função específica formatando-se um controle também pelo viés econômico. No quarto aspecto, a remuneração proposta é padronizada, partindo da premissa de que há uma

determinação prévia das atividades atribuídas a cada trabalhador e para os quais a retribuição pecuniária é justa. (MARINHO; REZENDE, 2017, p.237).

Adiante, estabelece-se uma definição clara e determinante das funções e posições na composição da cadeia de trabalhadores da EAD, criando uma espécie de hierarquia entre os setores funcionais e os docentes. No quinto aspecto, fica claramente definido que os professores são os pensantes e os demais, em especial os tutores, são os trabalhadores do chão de fábrica, os obreiros, aqueles que põem a mão na massa e se encontram na linha de frente da produção. (MARINHO; REZENDE, 2017).

Outra das características é a restrição de deslocamento vertical na estrutura de oferta da EAD pela instituição criando critérios e condições rígidas e em geral raras, para a mudança de tipo de atuação. No sexto aspecto na EAD, um tutor pode ser, no futuro, um professor, mas terá que atender aos requisitos mínimos exigidos para a atribuição, pois, a norma de viés taylorista versa que a experiência de chão de fábrica é mais importante que um curso formal. (MARINHO; REZENDE, 2017, p.237). Muitas vezes sequer contando com os requisitos mínimos é possível ascender institucionalmente, dado, entre outras coisas, à concorrência por determinados postos dentro da EAD.

A segregação dos tipos de cargos e a rigidez para acesso a eles, estabelecem definições organizacionais de maneira a segregar tipos de trabalhadores, deixando interdependências que vinculam o trabalho ao sistema com rigor absoluto no uso das ferramentas de disponibilizadas dentro do AVA específico e de sua respectiva plataforma. Por fim, o sétimo aspecto capacita cada uma das funções para o exercício específico de suas atividades ou das atividades inerentes ao cargo. (MARINHO; REZENDE, 2017).

Assim, evidenciam-se semelhanças latentes entre a concepção taylorista sobre a gestão do trabalho e a formatação adotada para a oferta da EAD na configuração brasileira, em especial nas instituições privadas onde imperam a dinâmica capitalista de mercado e todas as suas influências, em especial sobre os trabalhadores que essa dinâmica exerce.

A condição a que são submetidos para exercerem sua função de trabalho, é praticamente dissecada, desmontada e reconfigurada. Nessa nova configuração, ela é formatada de maneira a estabelecer uma divisão bastante clara do trabalho, teoricamente criando possibilidades de controle minucioso do trabalho, assim como

na análise de desempenho e do estabelecimento de critérios que atendam às exigências institucionais, critérios estes que o trabalhador é submetido.

Embora haja um discurso de equipe, de trabalho conjunto, de núcleo, há claramente uma divisão em termos de titulação exigida, da remuneração proposta, da destinação das atividades e da responsabilidade junto às turmas de discentes. (MARINHO; REZENDE, 2017, p. 241).

Já dentro da plataforma AVA que lhe fora apresentada e determinada como sendo seu “local” de trabalho, o docente e os demais atores ficam expostos às condições de trabalho inerentes à função de docência. Nesta dinâmica o trabalho da equipe é exaustivo e muitas vezes, o professor perde a noção de valor do seu trabalho e do seu tempo e se torna refém da tecnologia. (MARINHO; REZENDE, 2017, p.241). Tecnologia essa que para além de fragmentar o trabalho, impõe exigências e controla-o em absoluto, criando uma situação bastante distinta do que significa a palavra “liberdade” decantada como essência da EAD.

3 PESQUISA DE CAMPO E RESULTADOS

Nosso objeto de estudo, trabalho docente é uma mediação do aprendizado, em parte sistematizado e em movimento de interlocução entre docentes e discentes. “Yves Schwartz afirma repetidamente que ensinar é compartilhar.” (TRINQUET, 2021, p. 19,). Na EAD esse manejo se dá via AVA, uma singularidade da função que configura um tema vasto e complexo para a abordagem ergológica. A ergologia comparece como uma abordagem que permite direcionar o olhar do pesquisador para as microdimensões, tomadas de posição que envolvem a ordem subjetiva e objetiva do docente em sua atividade de trabalho. (DIAS, et al. 2015, p. 212)

Ao considerar a complexidade do trabalho, notadamente o trabalho docente, compreende-se que ele não se limita à mera repetição de ações em cumprimentos de tarefas pré-concebidas. A ergonomia da atividade e a abordagem ergológica do trabalho podem aportar contribuições ao debate e possibilitar novas perspectivas de análise abertas a partir da noção de *atividade humana*. (CUNHA e ALVES, 2012).

Especialmente na docência em modalidade EAD, dar participação aos trabalhadores para pesquisar sobre o seu trabalho, nos parece fundamental para compreender essas peculiaridades. Portanto uma premissa da ergologia é de colocar o ponto de vista de quem, de fato realiza o trabalho. (SILVA, et al. 2019, p. 31). São

os docentes que manejam para além dos conteúdos, o ambiente virtual em que são inseridos e as exigências que a modalidade EAD lhes impele, nos usos que fazem de si, por si, mas principalmente pelos outros.

Assim, o trabalho docente para ser estudado na perspectiva ergológica exige que sejam abordados os saberes, os valores e as competências aplicados no ato de trabalhar e todas as implicações que tal exigência representa a partir de seus relatos. Na perspectiva da abordagem ergológica, passamos a incorporar o ponto de vista de quem trabalha, suas próprias normas, valores, saberes e competências que são colocados em jogo no ato laboral. (CUNHA e ALVES, 2012).

Nesse aspecto, a docência em EAD se mostra fecunda para nossa perspectiva em observá-la com postura ergológica, pois a relação entre as normas pré-estabelecidas, as condições do meio em situação - sempre novas - e os saberes de investidos no corpo-si do trabalhador docente, firmam um embate no momento de fato do exercício do trabalho, criando dramáticas dos usos de si (SCHWARTZ, 2008).

Assim sendo, demandas novas da EAD exigem do professor, o enfrentamento de outras dramáticas dos usos de si, diferentes das vivenciadas na sala de aula física, devido as constantes readaptações na efetivação de sua tarefa de lecionar, o que não pode em nenhuma hipótese ser minimizado em seus efeitos na vida. As discussões sobre a atividade de trabalho que a abordagem ergológica nos convocam a direcionar nossas lentes para aquilo que, no trabalho, escapa às prescrições, e torna o trabalho possível mesmo com toda sua nocividade. (SOARES, 2007).

Assim, à defasagem entre o trabalho prescrito e o trabalho real do professor, na modalidade EAD, acrescentam-se ao primeiro, prescrições, muito mais instáveis, que fazem menção a competências tecnológicas e de inter-relação com uma nova plêiade de atores inseridos no ambiente AVA, tornando-a ainda mais problemática. Aspectos externos e internos ao trabalho se fazem presentes exigindo a gestão individual de seus efeitos.

Portanto, as dramáticas do uso de si são evidenciadas quando o/a trabalhador/a é convocado a preencher, com base em seus saberes investidos e seus valores, a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, fazendo escolhas e se posicionando. (SILVA, et al. 2019, p. 33).

A não possibilidade de definir integralmente a função docente denota a natureza dinâmica desse trabalho. Verifica-se que os trabalhadores docentes são expostos em tempo integral a uma necessária tomada de decisão, pois, todas as

prescrições à docência em EAD, são incapazes de prever ou sistematizar o que pode acontecer quando se vive o trabalho docente em sua plenitude. Há sempre uma distância entre as previsões das normas e a realidade.

O trabalho prescrito é aquele definido em algum documento que visa antecipar e conduzir a execução das tarefas. Do mesmo modo, âmbito da docência, e mais especificamente em modalidade EAD, tal característica afeta diretamente a ação docente. (SILVA, et al. 2019, p. 33).

No âmbito da EAD são exigidas novas competências. Consequentemente, se ampliam as relações do trabalhador na gestão do seu fazer. Em outras palavras, a docência EAD aumenta as demandas da função em todos os seus aspectos, tanto no que se refere à prescrição quanto ao efetivo exercício da tarefa docente. E por consequência, ampliadas as demandas também o são os debates entre as normas inerentes ao trabalho e aos trabalhadores.

Retomando um aspecto que abordamos lateralmente neste tópico, e que resta evidente na função docente, estão os valores dos trabalhadores. Valores esses que compõem a tomada de decisão no momento do exercício dessa função. Tais valores não se restringem a expressões sociais tomadas como definição de virtudes ou outras características. Esses valores são a expressão da construção de vida de cada trabalhador e suas experiências sociais de todas as naturezas que invariavelmente lhe influenciam no agir em trabalho, são a matéria de composição de suas singularidades. Valores são usados para caracterizar pessoas, grupos sociais ou sociedades, para acompanhar as mudanças ao longo do tempo e para explicar as motivações básicas por trás de atitudes e comportamento. (SILVA, et al. 2019, p. 40).

A tarefa de lecionar apresenta-se como uma escolha de alteridade, no sentido de que se dedica tempo de vida para a instrução do outro. Essa escolha e todas as suas implicações na vida do trabalhador, delineiam o perfil de valores que o compõem e estão durante todo o seu exercer, influenciando suas escolhas nesse exercício. Portanto se o objetivo for compreender a complexidade do trabalho docente, faz-se necessário ouvir o professor falando sobre seu próprio trabalho ou sobre o trabalho de outro colega. (Silva, et. al. 2019).

3.1 SABERES E COMPETÊNCIAS

Para tratarmos dos saberes que nos propomos abordar em nossos objetivos, é preciso antecipadamente retomarmos com um pouco mais de profundidade, o que são os saberes que nos dedicamos a observar neste estudo e que compõem como ingredientes as dramáticas dos usos de si vivenciadas no trabalho. Aqui retomamos a importância da presença do DD3p em nossa dissertação na condição de referência conceitual porque é através do dispositivo ergológico para a observação e análise do trabalho que se torna possível verificar a existência desses saberes distintos, mas complementares entre si no exercer do trabalho. Cada um desses saberes está em um dos polos do DD3p e a existência do terceiro polo, onde se pretende colocar nossa pesquisa, permite a visualização dessa relação que se estabelece entre eles para a gestão do debate de normas e o enfrentamento, sobrevivente, das dramáticas dos usos de si.

A ergologia em seus conceitos define os saberes como sendo de dois tipos, o saber constituído e o saber investido. O saber constituído se assemelha às normas antecedentes porque estão acessíveis no campo conceitual. Sua existência independe da realização ou não de qualquer trabalho ainda que se refiram a qualquer um deles especificamente. Se encontram nas normas acadêmicas, institucionais, sociais entre outras que prescrevem parcialmente as funções e tarefas do trabalho. Esse saber possibilita a pessoa acessar os conhecimentos formalizados nos cursos, nos livros, nas normas técnicas, nas normas organizacionais, nas leis nos programas de ensino. (VERÍSSIMO; SENA, p. 99, 2021).

Os saberes investidos se distinguem dos constituídos por sua condição de localização e uso. Trata-se de um saber inerente ao humano, singular e elaborado a partir da experiência quando se a vive. Ao experimentar o contato com o meio de trabalho e sua infidelidade na apresentação de condições de trabalho e demandas, o trabalhador toma para si os seus saberes e valores, suas concepções e coloca em debate com as normas antecedentes na busca por atender a tal contexto, por meio do uso de si mesmo. Essa espécie de tensão vivenciada frente às micro decisões, denominada pela ergologia por dramática dos usos do corpo-si, convoca a produção de novos saberes para aquela situação sempre inédita de trabalho. Designados pela ergologia por saberes investidos, estão relacionados com a construção contínua de

patrimônio singular de saberes na experiência da gestão da vida, sobretudo do trabalho. (VERÍSSIMO; SENA, 2021).

O humano em trabalho se defronta com as demandas dessa tarefa de trabalhar impostas pelo meio, pelo mundo onde tanto o humano e o trabalho se encontram inseridos e em movimento de existência. Essa interação exige que o trabalhador faça usos de si para responder ao que lhe é exigido. O processo de criação das respostas ao meio e todo o contexto de que esse processo se compõe, com saberes, valores e normas delinea a relação imprescritível da vida em trabalho e da posição essencial dos saberes.

Resumidamente, o saber investido é, por conseguinte, o saber inato de uma coisa ou o conhecimento natural, que tem a sua origem no desenvolvimento da espécie humana ou na atividade. Porque a ação julgada útil pela espécie ou por um dos seus representantes gera um hábito, e o hábito, culturalmente transmitido, torna-se saber investido. (Veríssimo, p. 311, 2015)

O saber investido é a construção humana do ato de viver em atividade.

3.1.1 Ingredientes da competência e o trabalho docente em EAD.

Ainda antes de acessarmos os relatos que nos remontam aos saberes constituídos e investidos que foram verificados ao longo desta pesquisa, entendemos necessária uma abordagem sobre os aspectos de competência conforme trazidos ao debate pela ergologia. Uma reflexão que se relaciona diretamente com os saberes utilizados e exigidos aos docentes em sua tarefa de lecionar em modalidade EAD.

O conceito de competência poderia não parecer relevante se seguissemos a ideia da fragmentação dos trabalhos Taylor-fordista ou sobre sua função meramente mercantil. No entanto, quando nos debruçamos sobre a questão da competência com o olhar aguçado da ergologia, é possível verificar que há maior profundidade e constatar sua relação direta com os valores que perpassam o trabalho e os saberes que elas representam, especialmente na docência.

Ao trabalhar a ideia de competência, e a amplitude que esse conceito possui, a ergologia busca, para fundamentar a tese dessa amplitude, descrever, sem, contudo, definir, o que seriam itens imprescindíveis à compreensão desse conceito para a abordagem ergológica. Chamou esses itens de ingredientes que passamos a descrever estabelecendo conexões com o trabalho docente em EAD.

“O primeiro ingrediente de uma competência: o relativo domínio dos protocolos numa situação de trabalho” (SCHWARTZ, 2007, p.). Embora pareça óbvio, o domínio dos protocolos perfaz uma questão central do trabalho, pois, refere-se à capacidade de executar conforme a demanda, um certo tipo de ação. Já sabemos que não é possível resumir-se a isso, porém, também se sabe que é fundamental essa predefinição. Na docência em EAD os protocolos a serem dominados foram ampliados em larga escala se comparados aos regramentos do modelo tradicional e por isso, exigidos como condicionantes da própria tarefa aos trabalhadores.

Na sequência do raciocínio sobre o que seriam os componentes da formação da competência, atribuiu-se à capacidade industriosa dos trabalhadores de incorporarem às suas vidas e histórias os conhecimentos que afloraram e foram sendo desenvolvidos no trabalho. “O segundo ingrediente de uma competência: a relativa incorporação do Histórico de uma situação de trabalho” (SCHWARTZ, 2007, s.p.).

Em nosso caso de estudos, os docentes em modalidade EAD foram impelidos a exercerem seus conhecimentos de área em um ambiente novo e repleto de prescrições das quais não podem se furtar a conhecer e usar, de tal forma que essa exigência solicitou novos conhecimentos simultaneamente aplicados na tarefa de lecionar e que em definitivo deveriam ser incorporados à função.

“O terceiro ingrediente de uma competência: a capacidade de articular a face protocolar e a face singular de cada situação de trabalho” (SCHWARTZ, 2007, s.p.). Em outras palavras, esse ingrediente seria uma necessária relação entre os conhecimentos prévios do trabalhador e os conhecimentos que surgem apenas no tempo real da execução do trabalho. Na docência EAD que estudamos essa condição ocorre em tempo real e singularmente caracterizada pela presença de um AVA que ao mesmo tempo é instrumento e ambiente de trabalho, e como ambiente de relações, parcialmente imprevisível.

Como quarto ingrediente, apresenta-se a influência da história de vida dos trabalhadores em suas decisões para a efetivação da função. Dito de outro modo, trata-se de uma gestão de certo conflito entre o que se sabe antecipadamente sobre a função e aquilo que é preciso saber durante o seu exercício, ou seja, “o debate de valores ligado ao debate de normas, as impostas e as instituídas na atividade” (SCHWARTZ, 2007, s.p.). Nesse item especificamente, à docência encerra uma característica de relevância sensível, pois, a tarefa de lecionar tem lugar de tradicional metodologia e concepção de seus trabalhadores e na EAD esse contexto sendo

modificado em profundidade impeliu os docentes a novos debates diante da nova realidade.

Imediatamente após o quarto ingrediente, que estabelece uma tensão entre os conhecimentos envolvidos no exercício da função, está a energia com a qual o trabalhador faz isso e como essa energia se impõe sobre os demais ingredientes para que eles se relacionem na existência em trabalho de cada um deles. Assim, “O quinto ingrediente de uma competência: a ativação ou a duplicação do potencial da pessoa, com suas incidências sobre cada ingrediente” (SCHWARTZ, 2007, s.p.). Por sua vez, a docência em EAD exigiu dos docentes uma nova elaboração de seu agir frente aos demais ingredientes que foram reformulados na função. Em outras palavras exigiu-se dos trabalhadores uma completa reformulação de sua potência e composição individual para o trabalho.

Por último o sexto ingrediente é a capacidade de cada trabalhador de, ao viver de sua função, ir tomando para si e para sua história os saberes produzidos na relação entre os demais ingredientes que lhe compõem a competência. “O sexto ingrediente de uma competência: tirar partido das sinergias de competências, em situação de trabalho” (SCHWARTZ, 2007, s.p.). Na docência em EAD esse ingrediente encontra as mesmas características ante a novidade do método para uma tarefa de tradição multissecular. Por certo que, aos trabalhadores, neste caso, da EAD é exigido uma recomposição dessas competências para a possibilidade de entrega das demandas internas e externas de seu ofício.

Ora, se o item de competência, que é um entre tantos da análise ergológica do trabalho, já conta um nível de complexidade dessa monta, é possível reafirmar que o trabalho é de fato um catalizador da vida no qual perpassam todas as experiências do indivíduo trabalhador onde exercem evidente influência.

Ao pensar o trabalho e olhar para ele com abertura suficiente a compreender, ou ao menos considerar sua complexidade, a ergologia trata de questões que consideram a subjetividade do trabalho, e nesse cenário, aborda a relação entre o trabalhador, seu trabalho e a presença de outras pessoas nesse ambiente. Questiona a ideia ergológica: em que parte se encontra o trabalho na vida do indivíduo, e qual é a relação desse lugar com os outros lugares da vida? Claramente se pode observar que não é pouca coisa e assim resta superado em larga medida o reducionismo taylorista.

Para a Ergologia toda atividade é constituída sempre da relação entre um protocolo, de normas a seguir e de valores a gerir. Portanto, a atividade humana de trabalho é marcada por dramáticas, porque em toda situação de trabalho o homem é obrigado a fazer escolhas entre as normas antecedentes – do prescrito, do protocolo – e todos os seus valores, comprometendo-se não raras vezes a renormatizar. O empenho para renormatizar se dá em função da exigência para se tratar os aspectos singulares de cada situação. (Veríssimo, p. 300, 2015).

3.1.2 Saberes e competências docentes

A EAD apresenta descrições antecipadas de como, onde e quando a função docente é exercida por seus trabalhadores. De tal sorte, trouxemos algumas proposições acadêmicas sem a pretensão de esgotar a temática, apenas para que nos sirvam de referência em uma compreensão da docência à distância.

Toda atividade de trabalho é sempre, em algum grau, descritível, por um lado, como seguimento de um protocolo experimental e, por outro, como experiência ou encontro. Isso nos parece estar no princípio mesmo de todo processo ergológico. (SCHWARTZ, 1998 s.p.).

Desse modo, admitir apenas uma dessas características, a descrição ou a experiência, é renunciar à outra e da complementariedade entre as duas. A proposição ergológica aponta para duas dimensões inseparáveis porque complementares entre si.

Aqui, temos algumas questões pertinentes à função docente, impostas pela mudança dessa modalidade de entrega da educação formal. Tais questões implicam em transformações relevantes na tarefa de lecionar e desta feita alcançam a singularidade do trabalhador docente em variados aspectos de sua relação com seu trabalho.

A disposição para dar novas orientações à experiência docente já constituída, em direção à docência online, guarda em si a transformação, a recriação, a reformulação ou a resignificação daquilo que esses professores comumente realizam ou realizaram na sala de aula presencial, a fim de desenvolver uma prática educativa para a sala de aula do ciberespaço. (CARMO; FRANCO, 2019, p. 03).

De início, essa “nova orientação” se mostra como um primeiro conflito a ser enfrentado pelos docentes na EAD, pois, ministrar aulas e trabalhar com educação é um trabalho de histórico extenso e complexo, com métodos e práticas desenvolvidas através do tempo. Essas maneiras constituídas de lecionar fazem parte do contorno prático da função docente, e qualquer alteração que se faça nesse desenho,

representa, como toda novidade, impacto na compreensão sobre o trabalho. Diante dessa realidade em que se constitui a EAD, é preciso compreender como ele se vê diante dessas necessidades estabelecidas, especialmente na prática efetiva de sua tarefa.

Para os professores, as tarefas da docência na EAD se apresentam de maneira efetiva e evidente com características peculiares. Assim, as exigências aplicadas aos trabalhadores são oriundas do meio em que agora lecionam. Esse lugar das tecnologias aplicadas a essa tarefa para que seja cumprida requer desses atores que adquiram e apliquem saberes inerentes a ela.

Esses saberes exigidos aos docentes na EAD se juntam e eventualmente se opõem em debate aos saberes com os quais já contam esses trabalhadores e dos quais não podem se apartar. Não nos parece considerável que a tarefa de lecionar na EAD seja de tal maneira exclusiva e diferenciada que estabeleça uma relação entre o docente e o seu trabalho capaz de afastar saberes e admitir apenas novos. Da mesma forma não é crível que apenas os saberes da docência nos moldes tradicionais da presencialidade sejam suficientes para o trabalho em um AVA e suas particularidades.

A realidade mostra os dois momentos do conhecimento de cada trabalhador se relacionando em tempo real e integral, e a nosso juízo, isso representa algo de interesse evidente. O contato dos saberes já estabelecidos em cada trabalhador docente com os novos saberes exigidos na modalidade EAD, se dará como dissemos em tempo real, colocando esses saberes em constante confrontação. Esse confronto entre saberes estabelece uma exigência de gestão que se impõe a cada docente. Além do seu saber disciplinar, serão dele requeridos outros saberes a fim de tornar a sala de aula online um lugar onde seu cursista aprenda pelo incentivo à participação, à autonomia, ao diálogo e à construção. (CARMO; FRANCO, 2019, p. 12).

Avançando, a necessidade de ser capaz para além de lecionar, garantir um processo de ensino e aprendizagem dos alunos com o AVA nos parece ampliar o espectro de demanda da tarefa docente. Tal ampliação e a gestão necessária que ela impõe, nos parece caracterizar uma condição aproximada do que a ergologia desenvolve como uma dramática dos usos de si (Schwartz, 2008).

No mesmo compasso, as particularidades entre os modelos e saberes onde e com que se exerce a docência é uma necessária discussão. Sua relevância se impõe, pois, a EAD se apresenta como uma nova modalidade, que, no entanto, é influenciada pelo método presencial de educação. A relação estabelecida entre a educação

presencial, seus métodos e técnicas com a EAD e suas demandas moduladas ao seu meio de oferta, criam um paralelo de culturas, que embora distintas em muitos aspectos, não se dissociam e por isso abarcam identidades múltiplas tanto de discentes quanto de docentes. O que acrescenta em complexidade ao contexto da tarefa em exercício. As diferenças e eventuais similaridades entre as culturas educacionais presencial e à distância são uma constante no agir em trabalho docente.

A educação presencial e a educação online representam culturas escolares específicas. Enquanto, na primeira, ainda existem práticas tradicionais baseadas na rigidez, na homogeneização e no monologismo, a expectativa é que a segunda seja flexível, descentralizada e interativa. Assim como na sala de aula física, outra variante a ser considerada na sala de aula online diz respeito ao perfil cultural dos discentes, determinado por idade, gênero, crenças ou pertença territorial, por exemplo. (CARMO; FRANCO, 2019, p. 17).

Certo é que são distintas, mas como veremos, algumas das competências exigidas na EAD já se encontram como instrumentais da docência desde sempre. A EAD enquanto novidade metodológica para o trabalho docente, representa uma repaginação da tarefa de lecionar. Sua singularidade sob vários aspectos até então tradicionais da docência, modula novas versões dessa função. Inseridas nesses modelos semidistintos estão uma gama de competências que se exigem dos trabalhadores docentes para a realização de sua função.

O exercício do trabalho em um AVA cujo funcionamento técnico depende da capacidade de operação de vários comandos e a compreensão das funções desses comandos formata a necessidade de capacitação e de competências aos docentes na EAD.

Neste cenário, para além das questões tecnológicas que também exploramos aqui, é colocada na demanda ao docente, a necessidade de novas capacitações que estão ligadas à questão pedagógica. Entre elas a ideia de uma “competência social” (Carmo e Franco, 2019), cuja essência nos parece estar associada à capacidade do docente, ainda que diante apenas de uma máquina na qual exerce a função, ser capaz de enxergar no outro extremo do AVA um ser humano com toda a sua complexidade na condição de discente. Ser docente online é experimentar mudanças nas ações e nas relações estabelecidas entre os sujeitos participantes do ato educativo em sala de aula digital, especialmente para professores habituados ao ensino presencial. (CARMO; FRANCO, 2019, p. 12).

Nada mais ergológico, para conectar nossa referência, que a complexidade de uma situação de trabalho configurada por diferentes atores em atividade. Docentes, discentes e demais atores em um AVA estão convivendo em relacionamento mediado por essa tecnologia e isso certamente implica no desenvolvimento de normas que lhes permitam responder às demandas internas e externas dessa dinâmica, o que lhes exige competências certamente.

Para encerrarmos nosso estudo estabelecemos um breve diálogo entre as palavras de Pierre Trinquet, no prefácio do livro *Dramáticas dos Usos de Si na Sala de Aula*,

Formar, enriquecer, educar os outros é considerado na minha opinião, como a profissão mais bonita do mundo. Na verdade, é o futuro da nação que está em jogo nessa profissão. Eu diria até nessa “vocação” ou mesmo nesse “sacerdócio”, pois, muitas vezes a docência é subestimada, desconsiderada, mal paga. É difícil se dedicar a ela sem ser revestido por uma verdadeira “paixão sacerdotal”. E é essa paixão que supera todos os obstáculos e eles são muitos! (TRINQUET, 2021, p. 19).

E um trecho de nossas entrevistas concedido por uma docente que trabalhou na educação presencial e na EAD por muitos anos e do alto de seus 62 anos descreve dessa maneira parte de sua concepção sobre educar:

Então, entre a educação a distância e o processo de escolarização que é feito e é trabalhado pelo um corpo docente é né ele precisa ser saudável porque senão esse corpo você tira o "C" e ele ficará corpo doente ao invés de o corpo docente (DOCENTE 02).

...

Eu estou trabalhando agora o trabalho docente vem tudo isso que nós estamos conversando aqui vem aquisição do conhecimento vem o amor pela profissão no amor do sentido freiriano o amor maior tá? O amor pela profissão e pelo trabalho docente e não é esse ofício né? Esse ofício de ser professor não pode ser um ofício doente o que eu disse lá no começo ele não é um sacrifício, é um sacro ofício é um ofício sagrado. (DOCENTE 02).

3.1.3 Competência Tutorial e Pedagógica

Assim apresentamos o cenário funcional em que estão inseridos os trabalhadores que estudamos aqui e principiamos por uma competência que se confunde com uma figura trazida para a oferta de EAD e que em larga medida exerce papel docente, qual seja a função tutorial.

Destacou-se a atenção que os entrevistados dão ao retorno das dúvidas ou dificuldades apresentadas pelos alunos no estudo das disciplinas. Além disso, faz parte do trabalho tutorial o envio de mensagens com alertas sobre prazos de atividades ou a manutenção de um ambiente acolhedor. (CARMO; FRANCO, 2019, p. 18).

A primeira competência que se apresenta na referência é a competência tutorial, que o trabalhador docente exerce para além da tarefa de ensinar, acompanhar as interações dos discentes no ambiente. Convém aqui um esclarecimento de que há tipos distintos de função tutorial entre as instituições. Em algumas delas a figura do tutor tem natureza docente, enquanto em outras a tutoria cumpre papel administrativo.

Em nosso trabalho, reiteramos que a função tutorial está abordada de maneira a demonstrar entre outras, uma das novidades funcionais solicitadas aos trabalhadores docentes. Assim, a primeira competência para os trabalhadores docentes, inerente ao uso do AVA é a de realizar um acompanhamento sobre interações dos discentes com o ambiente, o que na modalidade presencial era superado pela presença em sala de aula, onde o docente pode acompanhar em tempo presente a postura do aluno ante ao curso ministrado.

Essa segregação da tarefa em uma função específica de acompanhamento, por si, demanda um novo entendimento de que houve uma compartimentação do trabalho docente. Além dessa percepção inicial, a própria execução dessa conferência da participação e da interação discente, implica o docente em uma modulação de um saber que eventualmente ele tem, porém, não identificado e segregado como é para essa competência tutorial.

Outra das competências demandadas é a capacitação didático pedagógica, que pode de início parecer uma obviedade uma vez que estamos tratando de trabalho docente, no entanto, a questão ganha complexidade com a presença de um AVA para a docência. Além da presença necessária desse AVA, estamos tratando aqui de uma modalidade bastante diferente de lecionar ainda que guarde parte considerável de similaridade com o modelo presencial.

A própria compreensão sobre o que mudou e o que pode ser utilizado entre um modelo e outro configura como uma competência exigida ao docente. Observa-se que os docentes na EAD estão sujeitos à elaboração e estudo de uma carga maior de conteúdos e ainda configurada de maneira a servir ao AVA e a formatação da EAD. Ao que parece, do docente agora é exigida uma ampliação do conhecimento do conteúdo lecionado para a adequação desse conteúdo ao modelo EAD.

A competência didático-pedagógica, enquanto essência do processo de ensino e aprendizagem e por isso fundamental no tema da educação, por si, deveria ser amplamente debatida e profundamente explorada. Nosso estudo reconhece a potência temática da questão, mas precisa, infelizmente, se deter apenas em sua breve menção considerando a exiguidade do tempo e a preponderância, em nossa discussão, da abordagem da docência a partir dos relatos dos trabalhadores da EAD. Registre-se aqui nosso desejo de que os dados produzidos nesta pesquisa, bem como os resultados dela obtidos possam servir de colaboração para outros estudos que busquem explorar essa competência com a devida profundidade.

3.1.4 Competência tecnológica e o processo de ensino e aprendizagem

Inerente ao processo da EAD e ao uso das TIC's já apresentadas em nossa dissertação, está a competência tecnológica, sem a qual fica definitivamente prejudicada a operação dentro do AVA nas plataformas digitais em que se hospedam. Em outras palavras, a capacitação ao uso das tecnologias de informação e comunicação é uma demanda imposta, sem qualquer alternativa individualizada ao trabalhador da EAD. É condição absoluta para a realização da docência em modalidade EAD que se conheça e que seja capaz de operar as funcionalidades disponíveis no AVA enquanto instrumento de trabalho. Em um programa de EAD, as tecnologias digitais eleitas para a mediação de sua proposta didático-pedagógica devem ser dominadas da perspectiva técnica para que sejam integradas ao processo de ensino e aprendizagem característico da educação online. (CARMO; FRANCO, 2019, p.23).

O domínio técnico praticamente configura-se como um novo conhecimento e que é exigido aos docentes. Na EAD o domínio técnico das TIC's é presumido em todos os atores, o que pode eventualmente não ser consumado factualmente, pelo menos de início. Observa-se que na EAD esse domínio tem força desproporcional ante aos demais, pois, não havendo capacitação técnica não haverá efetiva realização da função mediada pela ferramenta tecnológica, o que configura um tensionamento para a própria essência da tarefa de lecionar.

Na esteira das competências exigidas aos docentes para o exercício de sua função em ambientes virtuais de aprendizagem, a última palavra da sigla AVA define bem uma das exigências feitas aos trabalhadores da docência, “aprendizagem”. Obviamente quando estamos tratando de educação, em qualquer modalidade, a questão do processo de ensino e aprendizagem está no cerne da discussão e não se difere dessa assertiva a EAD. “Assim como em outras experiências de educação formal, ao professor-tutor online cabe, primordialmente, levar o aluno à aprendizagem” (Carmo e Franco, 2019). Ressaltamos aqui, as mesmas considerações sobre a abordagem apenas pontual das competências didático-pedagógicas.

A presença de um AVA e a dependência de seu funcionamento são fatores que a princípio se configuram como questões a serem superadas na busca pela efetivação do processo de ensino e aprendizagem na modalidade EAD. A capacitação docente neste cenário deve alcançar o “sucesso” na tarefa de lecionar de maneira que esse novo fator, o AVA, não seja um obstáculo intransponível. A tarefa docente nesse contexto ganha mais essa responsabilidade, de promover uma interação satisfatória entre conteúdo, AVA e discente tendo como gestor desse processo o professor. Ganha inclusive requisitos um tanto subjetivos como afetividade, acolhimento etc. A fim de lidar com esse obstáculo na mediação pedagógica, aos saberes sociais para o acolhimento e a afetividade devem ser associados saberes que possibilitem ao professor-tutor intervir nas dificuldades que se interponham à aprendizagem dos estudantes. (CARMO; FRANCO, 2019, p. 25).

Considerando a aprendizagem o resultado do trabalho docente, podemos inferir que estarão presentes todas as demais questões referentes ao trabalho na modalidade, afinal a execução da tarefa de educar tem como objetivo a própria aprendizagem em todo o processo. Assim, as demandas e exigências para o seu cumprimento se encontram direcionadas para esse objetivo de fazer o aluno aprender e a tarefa de ensinar na modalidade que aqui estudamos se mostra de forma clara e com todos os seus desafios, ao trabalhador.

Coloca-se, portanto, como desafio para esses professores desenvolver sua competência para identificar e intervir, mesmo à distância, nas dificuldades dos cursistas que se referem a conciliar vida pessoal e profissional à vida acadêmica, o que pode comprometer o processo de aprendizagem na EAD. (CARMO; FRANCO, 2019, p. 25).

Se estamos a elaborar uma análise administrativa e socialmente aplicada de nosso objeto de estudos, a inserção de um fator de tamanha influência como é o uso das TIC's na oferta da educação não passa despercebida. Ao contrário, a influência desse fator na tarefa multissecular de educar e especialmente na observação dos trabalhadores dessa tarefa é, por demais, relevante.

Na análise da produção acadêmica recente sobre a questão, o que se observa sob esse prisma da mediação pedagógica, é que as demandas apresentadas aos docentes ampliaram a necessidade de domínio para outros saberes que não mais os exclusivos de sua formação original, em especial o domínio tecnológico. Essa ampliação afeta diretamente a função docente e se dá pela interposição da tecnologia na histórica relação entre docentes e discentes.

Da experiência dos entrevistados, a mediação pedagógica online que promove a construção do conhecimento e a aprendizagem do discente é aquela em que o professor-tutor possui domínio da disciplina ensinada, da tecnologia educacional utilizada, da linguagem escrita, da organização de seu trabalho e da abordagem ao aluno a distância. (CARMO; FRANCO, 2019, p. 26).

3.1.5 Os saberes languageiros

Um aspecto fundamental da docência não só na EAD, mas em qualquer modalidade, no que se refere às práticas pedagógicas e as competências docentes é a linguagem. Na EAD especificamente, a linguagem tem papel determinante, pois, em todos os meios e todas as TIC's disponíveis é através do uso de alguma forma de linguagem que se estabelecem os vínculos de transmissão de conceitos e ideias e por consequência os processos de ensino e aprendizagem.

A EAD estabelece a necessidade de uma “competência linguística” (Carmo e Franco, 2019) da qual o professor precisa dispor para que a relação entre discentes e o AVA seja efetivada. Ressalte-se que para além de uma necessidade singela de comunicação, a competência da linguagem guarda a essência mesma da EAD, pois, temos uma gama de termos e expressões afeitas à modalidade. Essa seleção de palavras e suas ordenações trazem para além da significância um instrumento de controle quando a partir de seu uso, pode-se ou não, ser “competente” para o trabalho

na EAD e cuja avaliação pode ser feita por todos os outros atores da relação, especialmente a instituição e os alunos.

A linguagem nas relações de trabalho é fator que merece especial atenção da produção acadêmica, e se considerarmos que estamos tratando da relação de trabalho de docentes com uma plataforma de ensino fomentada por um software, esse fator torna-se fundamental. “A linguagem, enquanto sistema de signos sejam eles gestuais, escritos, visuais ou falados, é a essência do sistema de comunicação” (Vieira; et. al. 2015).

Ao considerarmos a relação entre o docente e o sistema virtual inserido entre ele e o discente, estamos diante de um cenário em que se estabelece uma relação de mutua necessidade do uso da linguagem. “Essa via de mão dupla permite que a comunicação entre sujeito e mundo se estabeleça, intermediada pela leitura de signos e compreensão de significados” Vieira; et. al. (2015). Essa relação configura uma condição constante na tarefa de exercer a tarefa docente em modalidade EAD.

A troca através da linguagem exerce influência essencial na função docente, ao ponto de lhe dar características próprias. Em outras palavras a modalidade EAD ao mesmo tempo confere e exige à linguagem uma força enorme, quando nela se deposita a essência do exercício do trabalho. Nesse processo a linguagem é uma demanda que abrange aspectos técnicos e também o instrumento essencial para o trabalho.

Especificamente observando o trabalho docente, a linguagem como forja de sentido do conteúdo que está sendo ministrado é o instrumento em essência da função. Os componentes da linguagem são usados para que sejam elementos constitutivos da mensagem transmitida. Estes elementos são códigos, objetos, ferramentas selecionadas no curso da função e que permitem a estruturação do discurso, do diálogo e estabelecem uma relação intencionalmente mediada. (Vieira; et. al. 2015).

No trabalho docente em modalidade EAD, alguns aspectos são de caráter fundamental, como é o caso da competência com a linguagem. No exercício docente em modalidade EAD, a presença do AVA afeta diretamente a relação docente-aluno e sob esse aspecto, “como instrumento de mediação, a linguagem é meio de intervir na relação de aprendizagem. Quer dizer que aprendizagem não ocorre diretamente, mas mediada” (Vieira; et. al. 2015).

Boa parte da comunicação efetivada no AVA pelos trabalhadores docentes se dá de maneira escrita, o que coloca nesse tipo de linguagem peso de grande monta na construção da função. A tarefa de lecionar em modalidade EAD está diretamente ligada à competência técnica de domínio das linguagens, da escrita principalmente. É o tutor, por intermédio dos dispositivos comunicacionais midiáticos, que facilitará o processo de aprendizagem do profissional em formação. (VIEIRA; et. al. 2015, p. 104). Ao docente, tutor ou não, prescreve-se o mesmo.

A compreensão da linguagem como instrumento catalizador da tarefa de educação em modalidade EAD está no cerne do exercício do trabalho. Na relação entre docente e aluno com a presença do AVA enquanto arena de interação, o cenário estabelecido é de amplitude ultrapassando a condição de relação trabalhista ou de consumo. A linguagem é antes de tudo social. Por consequência, sua função inicial é a comunicação, expressão e compreensão. Assim, a maneira como a comunicação é instaurada faz diferença na mediação” (Vieira; et. al. 2015).

No trabalho de lecionar em EAD é possível vislumbrarmos dois extremos dados na relação docente-AVA-discente. Essa relação conta com um extremo onde se encontra o discente, onde a mensagem chega, o que denota ainda mais a importância da linguagem como instrumento de trabalho do docente, que por seu turno está no lugar de onde a mensagem sai.

A capacidade do tutor de transpor o conteúdo e abordar o processo de aprendizagem do profissional em formação em linguagem apropriada, abordar o cotidiano e a realidade, permite estabelecer uma reciprocidade durante este diálogo. A linguagem escrita é ferramenta para mediação do tutor, então o que é da ordem do gesto, olhar, tom de voz não estão presentes. (VIEIRA; et. al. 2015, p. 108)

Dessa maneira, no momento da recepção da mensagem, apenas ela, a mensagem, está presente e por isso na emissão, faz-se necessário que toda a capacidade técnica do docente, tutor ou professor, esteja empenhada em enviar o conteúdo ao discente. Essa necessidade de entregar o conteúdo de maneira plena ao discente, constitui o que para nós determina o uso da linguagem na função docente em modalidade EAD, qual seja a efetivação da troca dos saberes. No decorrer da pesquisa, ficou claro que a interação e a reciprocidade são fatores preponderantes da atividade de trabalho do tutor. Isto adquire muita importância na tutoria, pois tudo se passa pela linguagem escrita. (VIEIRA; et. al. 2015, p. 109)

Parte determinante da linguagem na função docente em um AVA é a sua potência como função instrumental. Sua capacidade de servir como ferramenta para que os saberes sejam compartilhados e recebidos de parte a parte entre docentes e discentes, tudo isso considerando a presença de um AVA como ambiente. Certamente resta demonstrado um grau de complexidade que como queremos crer, afeta objetivamente a vida dos trabalhadores e sua concepção sobre a própria função.

3.2 NORMAS ANTECEDENTES – ANÁLISE DE UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM.

Para que exista o trabalho enquanto atividade humana é preciso que haja normas, regramentos que o especifiquem minimamente. A ergologia chama esses regramentos de normas antecedentes (Schwartz, 2008) e lhe apontam como a organização pretérita e afastada do trabalho em sua execução prática. Em outras palavras as normas antecedentes são as prescrições do trabalho embora estejam materialmente distantes de seu exercício ainda que o regulem. Em Taylor, as regras ganharam relevância tal que estabeleceram a possibilidade de controlar o trabalho, ou a tentativa de controlar o trabalho tirando a centralidade do humano. A tentativa de estabelecer padrões para o trabalho, relegou o ser humano a um mero cumpridor de tarefas pré-determinadas. A ergologia ao se debruçar sobre esse contexto observou que a pretensão taylorista para além de agredir a existência humana no trabalho, é impossível de se efetivar, pois existe uma distância entre a regra e a ação que somente as renormatizações são capazes de percorrer.

Desse modo é fundamental observar o trabalho partindo do conhecimento criado pelos trabalhadores enquanto exercem suas funções e a partir daí entender que a necessidade das regras é essencial, porém, incompleta, pois, elas não bastam. Não é possível prescrever um trabalho em sua totalidade porque quando se executa a prescrição estão em ação o meio e suas imprevisibilidades, os saberes e os valores dos trabalhadores construídos em sua história de vida entre outras questões imprevisíveis que as normas não podem prever ou alcançar.

Portanto há uma relação, nem sempre saudável e tranquila, entre as normas antecedentes e os saberes e valores humanos concebidos em situação de trabalho. Entre as normas antecedentes estão as ferramentas, seus usos, os ambientes de trabalho e suas demandas etc. De tal sorte, consideramos que a influência das ferramentas sobre os trabalhadores e as adaptações que estes precisam empreender para efetivação de suas funções, são uma condição inescapável no espaço de vida. Em outras palavras a relação entre trabalhador, seus instrumentos e o meio ambiente de trabalho são perenemente produtoras de história, saberes e, portanto, vida.

Com efeito se o objecto da tecnologia releva efectivamente de um processo de evolução, não é um processo histórico, mas um processo determinado por leis de transformação de natureza operatória e funcional.

...

Então, o objecto da tecnologia não é apenas a origem do utensílio e a sua concepção, mas o gesto operatório que permite a sua postura em movimento, o gesto eficaz regulado pelos constrangimentos da matéria. (OUVRIER-BONNAZ, 2010, p. 4).

Em nossa pesquisa, a matéria que se encontra como ferramenta, e que também é um espaço para a efetivação da função de trabalho docente em EAD é o AVA. A ideia do AVA porque também é um ambiente, um lugar, se torna mais ampla que uma ferramenta.

Fazer uso desta tecnologia representou uma revolução na Educação a Distância, pois, agora era possível ao professor realizar a mediação com seus alunos de forma síncrona, on-line, em tempo real, o que até então não era possível nas ondas anteriores. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 50).

No entanto, internamente, os AVA's contam com diversos instrumentos de interação que são exigidos em conhecimento e competência dos seus trabalhadores.

Além de propiciar a mediação professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno os Ambientes Virtuais de Aprendizado disponibilizam para o professor, novas interfaces de aprendizado como: chat, fórum, conteúdos multimedia, exercícios, avaliação, links, mensagens e muitos outros recursos. (FERREIRA; VALE, 2012, p. 50)

O AVA para além de ser uma ferramenta vai além até mesmo de ser uma coleção delas, porque é também um espaço, assim, apresenta-se como uma figura peculiar. Ergologicamente falando o AVA é, especialmente, um ambiente de normas antecedentes e também tem natureza de própria norma, pois, usar, estar, conhecer e operar o AVA é uma regra determinante para o docente da EAD.

Técnica e objetivamente, os AVA's são ambientes virtuais de aprendizagem, cercados de requisitos de acessibilidade e munidos de diversas funcionalidades para seus atores. Dentro das instituições os requisitos de acesso são sempre vinculados ao cumprimento de determinações burocráticas institucionais, cada uma adequando o acesso a seus cursos conforme sua organização funcional de momento.

3.2.1 Estrutura da ferramenta CANVAS – Instrumentos Operacionais

A análise que apresentamos refere-se ao AVA da empresa INSTRUCTURE cuja denominação é CANVAS. Ao observar o funcionamento do ambiente virtual, verificamos que nela se encontram a maior parte das ferramentas utilizadas pelos

trabalhadores e trabalhadoras da EAD, as quais descrevemos a partir de recorte das páginas iniciais de uma das disciplinas para descrever suas funcionalidades, observando seus principais aspectos.

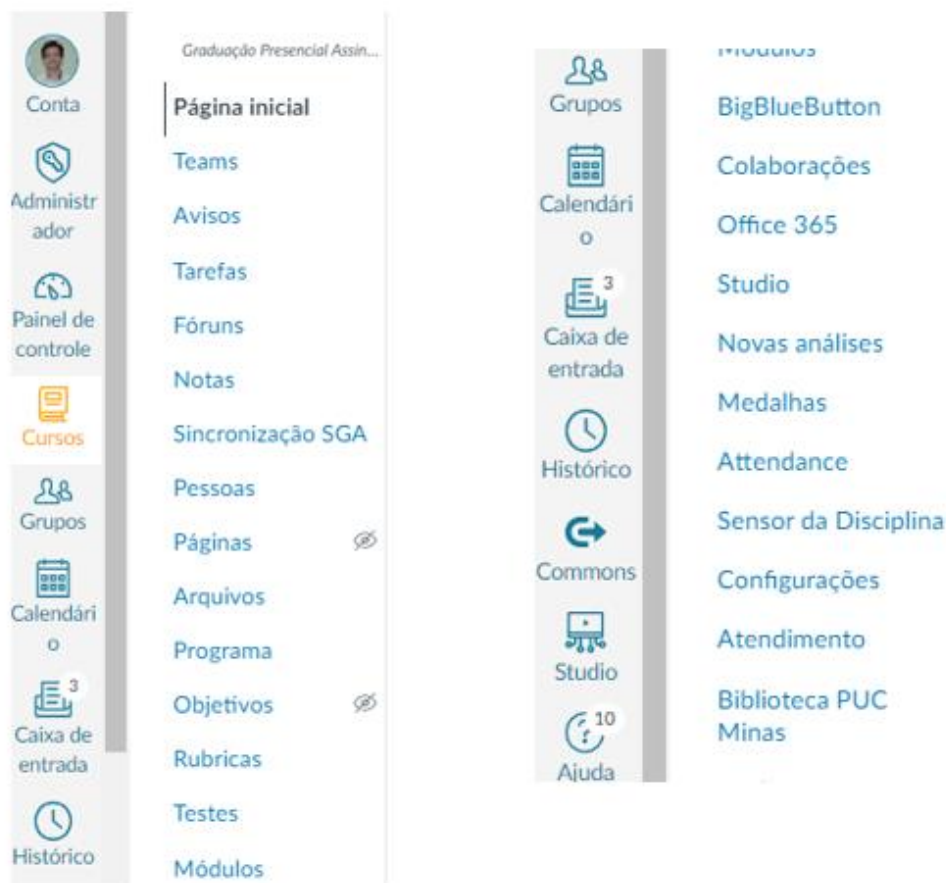


Figura 02 – Recorte da página inicial de uma disciplina no AVA – Canvas.

No AVA, tais ferramentas estão disponíveis em menu vertical à esquerda da tela, cuja nomenclatura pode ser customizada pela instituição que a utiliza, embora com as mesmas finalidades. Em função da extensão da página, que conta com barra de rolagem para visualização integral, posicionamos os recortes lado a lado para possibilitar a visualização unificada de todas as ferramentas disponíveis na plataforma.

De início, observamos que são duas colunas do que aqui chamamos de ferramentas, sendo a que está em tom cinza, uma coluna destinada a ferramentas de movimentação dentro do ambiente geral, o AVA, e a coluna em fundo branco, as ferramentas destinadas à operação interna de cada disciplina.

Na coluna cinza, das ferramentas gerais, estão os itens *Conta, *Administrador, *Painel de Controle, *Cursos, *Grupos, *Calendário, *Caixa de entrada, *Histórico, *Commons, *Studio e Ajuda.

De antemão, todas essas ferramentas se destinam à navegação e gestão do perfil docente dentro do AVA, pois, todas remetem ao ambiente como um todo, onde se hospedam as disciplinas dentro das quais cada docente trabalha. Assim, o item Conta é o que analogicamente às redes sociais, chamamos de perfil e nele estão dispostos todos os dados pessoais do usuário trabalhador. Os itens Administrador, Painel de Controle, Cursos e Grupos remetem todos, por caminhos diferentes, aos links de acesso às disciplinas de cada docente, ou a todas do ambiente conforme a função dentro da instituição. Remetem ainda às configurações possíveis para a visão de cada docente, portanto, dentro desses itens é possível que o trabalhador configure até certo ponto como será a aparência, ou o layout de sua primeira visão dentro do AVA.

O item calendário se destina à organização no tempo, tanto do ambiente quando das disciplinas que nele se hospedam e por ele é possível verificar nas datas as atividades previstas e ou os compromissos agendados. De tal sorte que essa ferramenta tem incidência geral, tanto fora do ambiente das disciplinas quando dentro delas. Da mesma forma o item Caixa de entrada serve como uma caixa de e-mail para fazermos aqui uma analogia exemplificativa. Por essa natureza, ela se encontra na parte geral, uma vez que funciona unificada, portanto, todas as mensagens, de todas as disciplinas e setores que operam no AVA, concentram-se em um mesmo local. Para organização mais efetiva, todas as mensagens exigem identificação completa de remetente e destinatário.

O item histórico funciona por sua vez como um arquivo de ações efetivadas dentro do ambiente e tem uma forte característica de controle sobre o trabalho, onde a institucionalidade pode verificar tudo o que cada perfil realizou em ações dentro do AVA. O item Commons por seu turno, é uma parte do ambiente destinada à promoção da empresa detentora do sistema que gere o AVA. No caso do AVA Canvas, a Instructure, já mencionada nesta dissertação disponibiliza cursos e outras formas de promoção de seus produtos e serviços neste setor do ambiente.

O item Studio por sua vez é um ambiente destinado à produção de conteúdo em vídeo e áudio. Trata-se de uma ferramenta em que os docentes, especialmente das disciplinas assíncronas, podem criar material para disponibilizar aos discentes.

Esse item guarda uma peculiaridade, pois toca em questões de direitos de imagem e autorais que são tratados de maneira distinta em cada instituição, ainda que haja uma legislação a respeito. Outro aspecto importante é o fato de que na EAD os docentes são colocados diante de um desafio especialmente sensível pela necessidade de ministrar suas aulas diante de uma câmera. A tarefa ainda que pareça simples, gera desconforto em parte dos docentes por uma série de razões que vão da inabilidade em operar o equipamento até o constrangimento de falar para um vídeo. Questões de adaptabilidade ao modelo EAD que atravessam a experiência de trabalho do docente na modalidade.

Por fim o item Ajuda estabelece um canal entre a institucionalidade, o docente e a empresa detentora do sistema do AVA para que se possa solicitar apoio em resolução de questões e em alguns casos emitir impressões e sugerir adequações quando estas se fizerem necessárias.

Nessa parte do AVA os pontos de maior atenção quanto à realização do trabalho docente ficam por conta da usabilidade de cada ferramenta. Muitos docentes da instituição encerram duas características básicas e comuns a boa parte do corpo docente da universidade. São de áreas não afeitas à tecnologia e já contam com uma carreira na própria instituição que remonta a muitos anos antes da implementação da EAD em suas matérias. Nesse contexto, os maiores enfrentamentos são de adaptação à modalidade de educação e a capacidade operacional das ferramentas, além do fato de que há que se gerir um costume, uma habitualidade de ensino que precisa ser adaptada ao novo jeito de fazer o que sempre fizeram no âmbito da educação presencial.

A observação dos detalhes exigidos para alcançar êxito na operação dos instrumentos da EAD apresenta aos docentes como pode ser extraído dos seus relatos, um desconforto de adequação. Um processo de entendimento e aprendizado imposto e inarredável na educação em modalidade EAD. Assim, o que parece ser simples como enviar uma mensagem aos alunos, ou organizar uma página inicial para várias disciplinas se apresenta como um desafio repleto de detalhes de linguagem, manejo e compreensão de um sistema virtual, por sua vez, eivado de prescrições.

No segundo menu, de fundo branco na imagem, temos as ferramentas que servem à operação interna das disciplinas. Observe-se aqui que a instituição adota um padrão formatado pela Instructure e o determina a todas as matérias. Nesse campo temos todas as funcionalidades do sistema e passamos a tratar uma a uma.

O Item “página inicial” serve para fixar dentro do ambiente o início de qualquer disciplina. Por esse “local” é possível ver de maneira geral como está organizada a disciplina com suas sequências de conteúdo e separação de unidades, módulos, tópicos, conforme determinem os docentes.

Na sequência temos o item “teams” que se trata de uma utilização de um software da empresa Microsoft para reuniões síncronas e gestão de conteúdo. Essa ferramenta está disponível dentro do ambiente pois serve tanto à institucionalidade em suas reuniões internas e de trabalho, quanto à docência para aulas síncronas entre outras possibilidades. Aqui convém observar que na instituição pesquisada temos disciplinas de duas naturezas, síncronas e assíncronas, o que representa o uso ou não da ferramenta.

Adiante temos o item “Avisos” que serve às disciplinas como um quadro de comunicações fixas onde os docentes e demais atores da EAD publicam, com envio de notificações a todos os usuários, que permanecem publicadas durante todo o período acadêmico ou até que seja excluído.

Como próximo item temos “tarefas”, um dos mais utilizados instrumentais da EAD, pois, nesse nicho os docentes estabelecem os processos avaliativos. Os eventos, geralmente denominados atividades, tarefas ou provas ficam disponíveis aos alunos nesse campo, configurados no que se refere à modelo, prazos e valores de acordo com a definição docente. Em geral os docentes criam documentos interativos que podem ser realizados de maneira objetiva ou dissertativas além da inclusão de arquivos de extensões diversas. Aqui o sistema confere ao docente uma gama de possibilidades que para serem utilizadas necessitam da capacidade técnica operacional por parte deles para a elaboração das avaliações.

Os “fóruns” por seu turno são “locais” onde as interações são coletivas entre docentes e discentes, em que todos têm acesso às postagens de todos. Diferentes dos chats que temos nas redes sociais e que no AVA podem ser efetivados pelo Teams, os fóruns são um espaço de interações textuais, em geral sobre uma temática proposta e que também são utilizados como eventos avaliativos eventualmente.

O item “notas” são um quadro de valores simples em que se organizam os desempenhos dos discentes nos eventos avaliativos e que é preenchido automática ou manualmente, a depender da natureza da atividade. Aqui o sistema permite o lançamento dos valores diretamente no quadro de notas ou ainda que esse

preenchimento se dê de maneira automática em exportação das avaliações para o quadro.

O item “Sincronização SGA” é uma funcionalidade de exportação de notas para o sistema de gestão acadêmica da universidade. O SGA é um sistema organizado pela instituição para a gestão acadêmica ampla na universidade por onde se emite documentação acadêmica diversa e que se fundamentam nas notas que ele gerencia.

“Pessoas” é o item de lista de usuários inscritos, um ambiente onde os perfis de todos os usuários inseridos em cada disciplina podem ser visualizados e acionados no sistema através do envio de mensagens pela caixa de entrada que já vimos na primeira parte das ferramentas.

O item “páginas” é também uma lista, mas por seu turno, de edições que foram feitas dentro da disciplina em apresentação de modelo lista. Nesse ponto estão em uma lista todos os módulos criados, documentos postados e todas as ações de organização da disciplina feitas tanto pelos administradores do sistema quanto pelos docentes. Se trata de um registro em sequência de datas das ações efetivadas no ambiente da matéria.

Em “Arquivos” temos condensados em um local único todos os documentos, vídeos e outros conteúdos que foram postados no ambiente. Nesse local o que se tem é uma espécie de pasta geral do material utilizado nas disciplinas. Por sua vez, o item “programa” é uma destinação do sistema a postagem de um cronograma da disciplina onde é possível estabelecer pelo uso do sistema a previsão do andamento da disciplina durante todo o semestre. Ferramenta de uso bastante efetivo na EAD.

Em “Objetivos” o AVA permite que o docente regule gradualmente as pretensões de ensino e aprendizagem em uma espécie de plano de ensino, no entanto, a universidade pesquisada conta com um sistema de aprovação dos planos de ensino de todas as suas disciplinas, o que ocasiona uma quase inutilidade desta ferramenta, pois, a universidade conta com outro mecanismo de controle, via SGA e aprovação das coordenações. Fenômeno que se repete nas rubricas do AVA, pois, nos planos de ensino da universidade, as métricas de aprendizagem são descritas e este também é um item subutilizado no sistema AVA – Canvas.

Nos “testes” temos uma segunda possibilidade de inserção de atividades avaliativas. A diferença para tarefas é a configuração possível entre um e outro local. Os testes se destinam preponderantemente às avaliações objetivas, no entanto, tanto em testes quanto em tarefas as avaliações ficam disponíveis aos alunos por opção

gerencial da instituição, assim, onde quer que os docentes criem suas atividades avaliativas, elas estarão disponíveis aos alunos nos dois itens.

O item “Módulos” se destina a levar e mostrar ao usuário a organização elencada da disciplina. A maneira pela qual o docente organizou os conteúdos ministrados, segregados à maneira que o docente concebeu. A visualização nesse item se parece bastante com a do item “Página Inicial”, no entanto, nele é possível realizar movimentações de conteúdo sem a necessidade de novos downloads ou uploads. Permite ainda que sejam feitas novas inserções e exclusões diretamente dentro das unidades ou setores das disciplinas, apenas incluindo ou excluindo arquivos.

No item “BigBlueButon” temos a ferramenta do AVA – Canvas para a realização de conferências. Reuniões online que podem ser mediadas pelo sistema. Já mencionamos o Teams que é uma ferramenta externa ao AVA usada pela instituição para os encontros síncronos, chats e outros, desse modo, a ferramenta tem uso bastante reduzido na universidade.

Em “Colaborações” temos a possibilidade de trabalhar de forma colaborativa em tarefas como tomar notas ou papéis agrupados. Em outras palavras os docentes podem se utilizar dessa funcionalidade para propor atividades em grupos que demandem o manejo de documentos ou outros arquivos de maneira coletivizada. Uma espécie de sala de reuniões para termos uma analogia.

“Office 365” dirige o usuário do AVA – Canvas para a gestão de e-mails institucional, assim, ele pode acessar por dentro do ambiente da disciplina suas mensagens no endereço institucional além de todas as outras funcionalidades que o produto, que também é externo ao AVA, oferece. Mais uma vez temos, por deliberação institucional, a inserção de uma ferramenta no AVA da Instructure que não faz parte de seu portfólio.

No item “Studio” temos a replicação da ferramenta já tratada na parte geral. Aqui a diferença é que os arquivos gerados nas gravações por acionamento deste link ficam à disposição do usuário dentro da disciplina e por isso mais próximo do acesso para gestão.

Por sua vez, o item “novas análises” é uma ferramenta de conferência e avaliação, pois, permite a realização de uma análise detalhada da participação, via acessos e visualizações, registradas para cada discente. Trata-se de um acesso ao

histórico de interações de cada aluno com o ambiente que registra todas as ações efetivadas dentro de si.

Já em medalhas o AVA – Canvas cria uma condição de reconhecimento das ações e emite medalhas virtuais a alunos que cumprem determinados padrões de atuação dentro do ambiente. Assim, os docentes podem nesse item criar uma organização que devolva aos discentes uma espécie de premiação pelo atendimento de determinados requisitos.

O item “Attendance” é a ferramenta do AVA para a execução do que presencialmente chamaríamos de “chamada”. Especialmente para as disciplinas síncronas a ferramenta permite aferir a assiduidade dos discentes. Nas disciplinas assíncronas a ferramenta se tornou pouquíssimo utilizada porque a dinâmica dos conteúdos e atividades nessas matérias permite que fiquem à disposição dos discentes durante todo o semestre, dispensando a aferição de presença.

Sobre o item “sensor da disciplina” se trata de uma funcionalidade que permite à instituição, via sistema, obter informações sobre as impressões dos usuários a respeito da disciplina e dos demais usuários em uma avaliação por pares e pelo círculo de convivência.

Nas “Configurações” a funcionalidade se destina à gestão do próprio perfil no que se refere à relação com o sistema. Escolhas sobre periodicidade de recebimento de notificações, partes do ambiente a serem visualizadas em primeiro plano entre outras opções da relação entre usuário e o AVA.

O Item “Atendimento” se destina ao acesso dos alunos ao e-mail institucional para tratamento de questões de ordem administrativas. Novamente o AVA remete por esse ícone, o aluno a um ambiente externo ao Canvas, e nesse ambiente o aluno pode tratar de questões extra-acadêmicas. Portanto, para o trabalho docente, o item em tela não apresenta relevância, salvo como ponto de referência em eventuais orientações.

Por fim, a página do AVA dentro de uma disciplina trás o item “Biblioteca PUC Minas”, item pelo qual o usuário é direcionado para um novo ambiente externo (site da biblioteca da universidade) onde é possível acessar o acervo virtual da instituição, do qual os docentes da EAD são obrigados a se utilizarem de obras digitais em suas referências bibliográficas nos planos de ensino.

Entre os itens percorridos acima, os mais utilizados pelo corpo docente na universidade que pesquisamos, são os que compreendem as funções de

comunicação/interação, avaliações e organização do ambiente virtual de aprendizagem. Aqui é preciso fazer uma distinção entre os modelos de disciplinas, síncronas e assíncronas, porque isso representa uma alteração sensível nas ferramentas utilizadas, especialmente no que se refere à comunicação e interação com o corpo discente.

Na comunicação/interação das disciplinas assíncronas as ferramentas mais utilizadas são a “caixa de entrada” e sua troca de mensagens, os “fóruns” e sua sobreposição de comentários além dos “avisos”. Por esses instrumentos os docentes emitem e recebem informações e mensagens junto aos discentes e dão andamento às suas disciplinas sendo mediados pelo sistema com a colaboração de outros atores como os tutores e assistentes.

Nas disciplinas síncronas, por sua vez, acrescenta-se o uso das aulas online via “Teams”, que são aulas efetivadas em meio digital com dia e hora marcados para os encontros entre discentes e docentes. Em regra, esses encontros se estabelecem por áudio e vídeo com transmissão ao vivo e gravação para arquivamento e disponibilização posterior do conteúdo da aula. Para as demais ações de comunicação e interação as disciplinas síncronas contam com o mesmo instrumental, basicamente de texto, das assíncronas.

Um aspecto importante da diferenciação entre os modelos síncrono e assíncrono é a proximidade sentida pelos docentes quanto aos discentes. Os relatos denotam que a possibilidade de trocas em tempo real com os alunos aproxima o modelo EAD do presencial do qual elas vêm e ainda trabalham.

Para a função de avaliação, os docentes usam os itens “tarefas” e “Testes” com alguma incidência também do item “fóruns” que podem ser avaliados. De toda forma, o ambiente permite nesses itens a elaboração de variados tipos de avaliação entre eles: tarefas objetivas com questões de múltipla escolha, menus suspensos, associações em colunas, preenchimento de lacunas, envio de arquivos ou escrita de texto direto, entre outros tipos. Permite ainda a determinação de padrões como limite de tempo, prazo de duração das atividades, quantidade de tentativas e visualização ou não de gabaritos. Nas disciplinas síncronas e assíncronas o sistema avaliativo conta com as mesmas ferramentas.

Aqui o aspecto a ser observado é a dificuldade de controle das avaliações. O modelo EAD rompeu em definitivo a possibilidade de fiscalização do discente nos momentos avaliativos, pois, não há como saber se a postura discente está ou não

cumprindo as regras estabelecidas em sua integridade, assim, criou-se a dúvida permanente no trabalho docente sobre a efetividade das avaliações. Essa questão ainda passa por mudanças e adaptações do modelo presencial para o EAD e conta com imensa carga de críticas a seu respeito.

Por fim, mas poderia estar também no início, as ferramentas de organização do ambiente das disciplinas fazem parte do grupo de itens mais utilizados pelos docentes, pois, durante todo o tempo de atuação na EAD, as estruturas das disciplinas estão sendo construídas e reorganizadas. A inserção de conteúdo de texto, áudio e vídeo, a realocação de conteúdos conforme o andamento da matéria, a definição de avaliações sobre partes e períodos dos conteúdos tratados se dão nas ferramentas “módulos”, “páginas” e nas ferramentas de avaliação. Aqui o docente exerce a gestão e formatação de sua disciplina. Exige-se desses trabalhadores que sejam capazes de organizar um conteúdo de maneira a percorrê-lo durante o semestre ensinando, avaliando e gerindo esse processo. Essa exigência faz com que os itens de gestão sejam amplamente utilizados e coloquem os docentes diante de uma tarefa de tempo praticamente integral, especialmente pela variedade e intensidade das demandas que surgem conforme as disciplinas se desenvolvem.

Nos relatos colhidos é possível perceber a relação intensa que se estabelece entre os trabalhadores docentes, o sistema e seus demais usuários e os alunos. Uma rede de conexões complexa e diversa que assume como objetivo geral o ensino e a aprendizagem em nível superior numa modalidade em que cada usuário se encontra em tempo e espaço distinto de seus eventuais interlocutores. As ferramentas desenvolvidas para o cumprimento dessa tarefa ainda que contem com alto grau de detalhamento e uma gama ampla de possibilidades, também tem nessas características o desafio de compreensão e domínio. Esse fato aponta para uma realidade onde professores precisam na EAD de mais do que o conhecimento específico de suas áreas de formação, precisam buscar, conhecer e assimilar saberes novos e diversos para a realização de seu ofício.

3.2.2 Descrição analítica do ambiente virtual de aprendizagem

São infinitas as possibilidades de organização e nomenclatura, assim trazemos aqui uma descrição analítica do ambiente virtual de aprendizagem utilizado pelos

docentes em pesquisa. Desse modo, após tratarmos do instrumental de ação docente dentro do AVA, poderemos descrever esse ambiente delineando as normas antecedentes que emolduram o AVA em questão e estabelecem as regras de caráter geral, a que estão submetidos os trabalhadores da EAD.

Segundo apresenta a página inicial do sistema, “o Canvas é a plataforma de gerenciamento de aprendizado que torna o ensino e a aprendizagem exponencialmente melhores” (Canvas, 2021). Um aspecto inicial das plataformas de oferta de educação à distância é o uso de um tom sempre de promoção das qualidades e benefícios da modalidade EAD. De saída, o tom promocional denota a forte influência das características mercadológicas da modalidade onde os docentes exercem sua função. No entanto quando ouvimos uma trabalhadora docente, da área de tecnologias percebe-se uma distância considerável entre a retórica do produto AVA e sua efetiva aplicação.

mas como que esse pessoal conseguiu, ou consegue, ou será que tá conseguindo e agora no ensino superior que forneça curso EAD, como é o nosso caso eu acho que mesmo assim, a tecnologia ela ainda avança mais do que a capacitação docente, mas como diz não capacitação tecnológica em si, mas a capacitação para o ensino em EAD. Eu acho que isso tem que evoluir muito, mas né não é pouco não, é muito e aí como eu te disse essa distância é devido à falta de preparação. (docente 03)

Observando com atenção ergológica, verifica-se de saída a importância das normas antecedentes na relação do trabalhador com seu trabalho e a dificuldade que a ausência dessas normas pode representar. Observa-se também com nitidez a distância entre as previsões de um sistema para a EAD e a sua efetivação na prática sob a ótica de quem trabalha.

No documento aqui analisado, que é denominado de Guia do Canvas, disponível em: <https://pt-br.guides.instructure.com/> os desenvolvedores da Instructure, empresa proprietária da plataforma, listam as funcionalidades de seu software oferecendo breves descrições que pretendemos aqui em alguma medida tratar. Esses instrumentais que analisamos representam as possibilidades existentes em um AVA.

As configurações do instrumento/ambiente AVA, gerido pelo software Canvas especificamente e em boa parte dos demais softwares, de maneira genérica, compõem o rol de instrumentos com as quais os docentes devem exercer sua função na modalidade EAD. Ao mesmo tempo são um compilado de normas antecedentes

(DURRIVE; SCHWARTZ; 2008), impostos para o exercício da função de trabalho docente na educação à distância.

Diante disso, passamos a descrever a plataforma Canvas conforme ela se apresenta, instruindo a presente análise com os conhecimentos que este autor detém sobre a temática, na tentativa de contribuir com a compreensão dela. Observamos ainda que nossa análise se dedica a apresentação das normas antecedentes com as quais convivem os trabalhadores docentes sem a intenção de tecnicidade, por não ser esse o nosso foco. Recorre-se aqui às imagens feitas a partir de recortes extraídos da página do guia do Canvas já mencionado, para ilustrar este trecho de nosso trabalho.

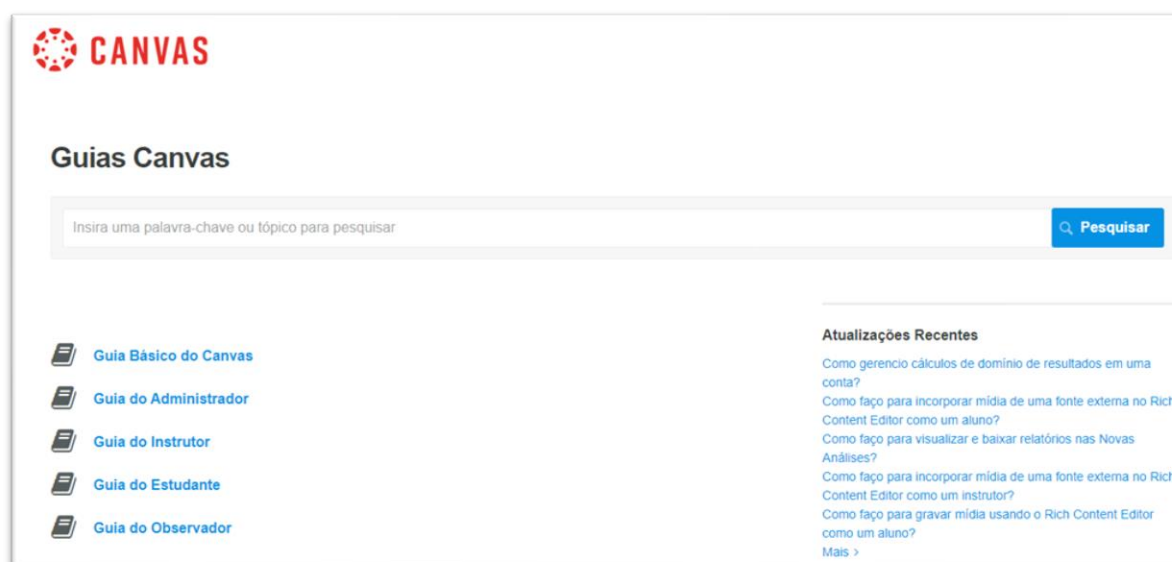


Figura 03 – Página Inicial do Guia Canvas. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas

De início, a apresentação da plataforma traz em sua separação de documentos uma primeira percepção de mudança sensível na docência, uma vez que na EAD o professor precisa se ater que há funções e pessoas distintas com as quais ele precisará se relacionar. Em outras palavras em um AVA temos perpassado a relação entre docente, aluno e conteúdo, novas figuras que compõem esse ambiente. Na imagem é possível observar que temos guias destinados a atores como administrador, instrutor, estudante e observador, papéis e funções segregadas que denotam também uma fragmentação e uma tentativa de controle do trabalho que remonta a Taylor e que ao docente é imposto conviver.

No exercício da docência tradicional presencial não é diferente, uma vez que as estruturas escolares contam com variados personagens em sua configuração, no entanto, na modalidade EAD essa relação se dá mediada por uma máquina pela qual se acessa uma rede onde se hospeda uma plataforma de um ambiente virtual de aprendizagem e não mais por um contato direto entre docentes e os demais atores da educação. Este cenário dá os contornos da modalidade em que ao docente se exige o cumprimento da tarefa de lecionar. Nada trivial observar que entre as normas prévias para o exercício da função docente, das quais ele não pode se eximir, está a presença de uma estrutura inteira e a configuração de um ambiente específico e virtual, rompendo com uma tradição metodológica consolidada na docência.

Para isso e seguindo na descrição da ferramenta AVA que nos serve de documento de análise, buscaremos realizar uma descrição de seus aspectos gerais correlatos ao nosso objeto de estudos, por isso nosso próximo passo é acessar o “Guia Básico do Canvas” onde estão presentes as primeiras informações e divisões da plataforma com a qual o docente exerce sua função.

Guia Básico do Canvas

Informações gerais

Como o Canvas define os termos usados para descrever seus recursos e funções?

Quais são os requisitos de navegador e computador para o Canvas?

Quais são as especificações básicas de um computador para o Canvas?

Como eu limpo o cache do meu navegador em um Mac?

Qual é a função do Administrador?

Qual é a função do Professor?

Qual é a função do Assistente do professor?

Qual é a função do Aluno?

Qual é a função do Designer?

Como datas do período, datas do curso e datas da seção funcionam no Canvas?

Onde encontrar a URL da minha instituição para acessar o Canvas?

Quais são as especificações básicas de computador para o Canvas?

Quais países são proibidos de usar o Canvas?

Figura 04 – Opção: Guia Básico do Canvas. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas

Uma característica que evidencia a força da norma na EAD é a tentativa de definir o manejo do AVA e atribuir funções específicas e distintas a itens variados que se relacionam dentro desse ambiente. Assim, quando se acessa o tópico “Guia Básico do Canvas” a primeira imagem que surge na tela é a lista de itens desse guia com variados tópicos que ofertam, ou impõem ao usuário, no nosso caso o docente, uma espécie de “menu” onde podem ser escolhidos o que “consumir” das informações que a apresentação desse guia se propõe a realizar.

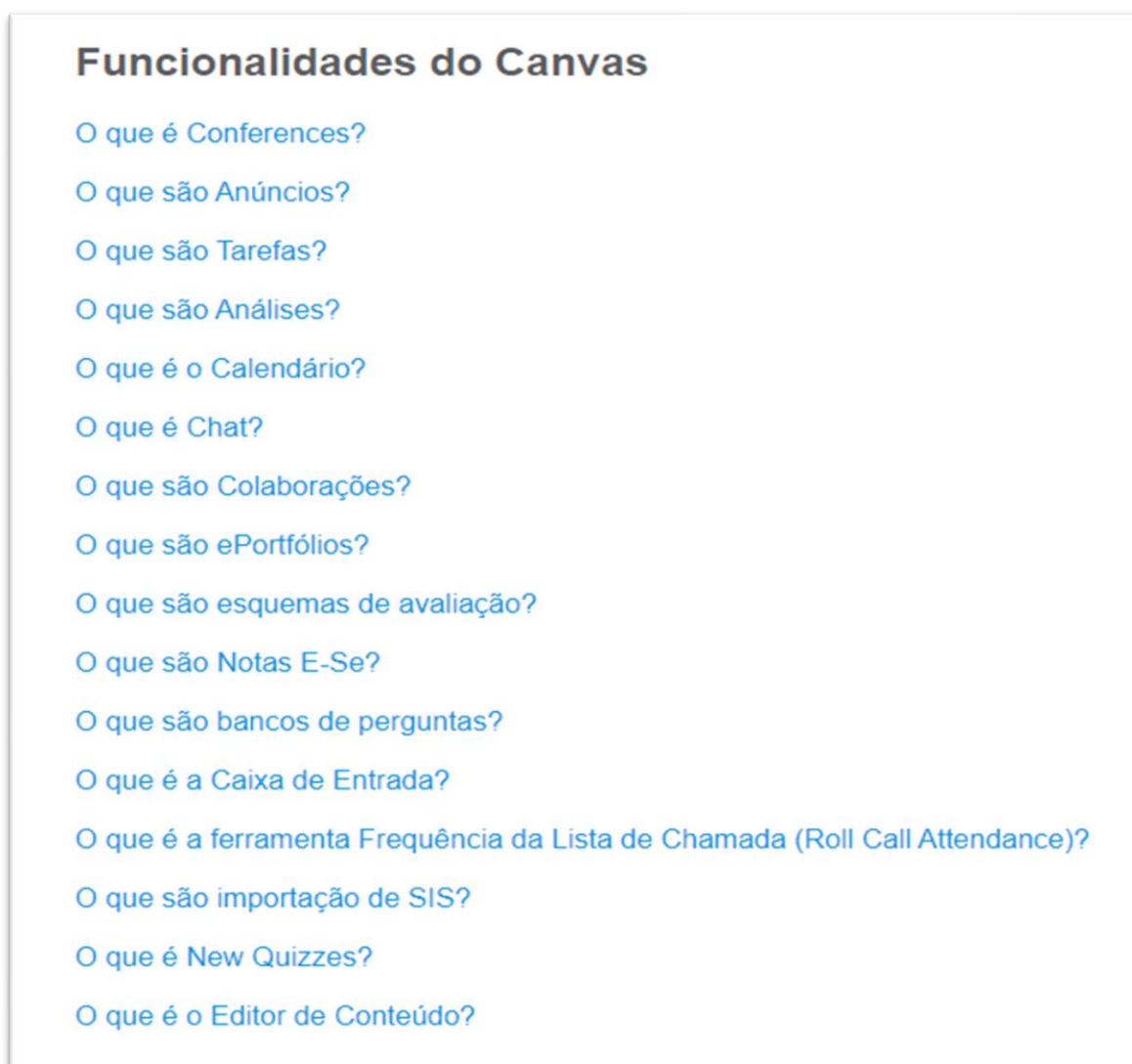


Figura 05 – Funcionalidades do AVA – Canvas. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas

Observe-se aqui que essas separações e setorizações do AVA estão no que o próprio sistema chama de informações gerais, o que denota alto grau de especificações antecedentes para o exercício da docência em modalidade EAD e sua detalhada fragmentação permanecendo com contornos tayloristas como observamos. Acessados e analisados os itens direcionados exclusivamente aos professores, convém que percorramos aquilo que a plataforma chama de funcionalidades uma vez que estamos abordando com olhar ergológico, a docência em modalidade EAD, não podemos nos furtar a tratar do ambiente definido e oferecido aos trabalhadores docentes para a efetivação de seu trabalho em toda a complexidade que isso representa e que pretendemos abordar.

O AVA – Canvas, conta com uma série de itens que chama de funcionalidades e elas representam aquilo que, segundo a empresa detentora do capital da plataforma, fica à disposição dos usuários. No caso do Canvas, em sua apresentação, os instrumentos ou as funcionalidades do AVA são trazidos em formato de perguntas com links para que o usuário, que considerar aquela questão pré-estabelecida como uma dúvida ou necessidade sua, acesse esse link e verifique como a empresa define cada uma dessas opções.

A definição das funções de cada um dos itens do sistema, impõe uma prescrição da função no trabalho do docente inserido do AVA e tenta estabelecer critérios definitivos para o uso de cada um deles. Em um olhar ergológico para essa plataforma AVA a prescrição do trabalho se mostra evidente e no nível dos detalhes como vimos e veremos em outras imagens que encontramos em nossa pesquisa.



Figura 06 – Recursos Móveis do AVA Canvas. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas

O item sobre recursos móveis merece uma especial atenção de nossa parte nesta pesquisa porque representa uma novidade potente na forma de exercer a docência trazida pelo modelo EAD. Em conexão direta com o que trouxemos em

nossa parte que trata das TIC's, está a possibilidade de acesso e operação dos AVA's por meio de sistemas e redes móveis de comunicação como os presentes nos smartphones e tablets entre outros.

Essa possibilidade colocou o docente em modalidade EAD em tempo integral à disposição e ao alcance do AVA em que ele trabalha. Considerando que estamos em tempos de questões como a vigilância em tempo real exercida pelas redes sobre as pessoas e suas vidas, é, em nossa avaliação, relevante que tenhamos uma observação acurada sobre a ocupação dos espaços e tempos da vida dos trabalhadores para além daqueles que tradicionalmente ele destinaria à sua função. Em especial é relevante que se considerem as impressões desses docentes sobre esse ponto especificamente uma vez que estamos diante de um cenário de avaliação constante para a gestão da própria vida por esse trabalhador.

É como se eu carregasse a PUC comigo onde eu vou onde eu estiver a PUC vai comigo! (DOCENTE 01)

[...]

Oh, essa é uma pergunta muito boa porque quem me ouviu falar diz assim foi uma maravilha levou bem foi tudo ótimo! Não foi não! Houve uma queda de energia uma baixa de energia e que tinha dias que eu saía da aula completamente exausta exaurida e final de semana coisas que às vezes a vão combinar pelo WhatsApp para gente desliguei! Até logo não quero nem ver quero saber meu corpo começou a uma repulsa aos aparelhos eu desligava tudo assim depois que eu dava a última aula da semana desligava tudo e comecei a ficar um pouco enfiada e assim cansada exausta (DOCENTE 02)

Mencionada a presença constante na vida dos docentes por parte dos seus ambientes de trabalho passamos a tratar de algumas especificidades do AVA – Canvas que se encontram diretamente com nossa abordagem da docência em modalidade EAD. Observamos aqui que o documento analisado neste trecho de nossa pesquisa não é vinculado a nenhuma instituição, e sim uma apresentação da empresa detentora do sistema, portanto, as respostas dos entrevistados também podem trazer essa condição.

A partir daqui trouxemos de modo específico, um trecho do documento que aponta no sentido do que a ergologia chama de prescrição do trabalho, um conceito oriundo da ergonomia que atentamente observado a partir dos relatos sobre a relação entre trabalhador e função de trabalho mostra que há muito mais do que um mero cumprimento de tarefas. São as normas antecedentes e prescritas para a docência em modalidade EAD.

De antemão uma prescrição de um AVA para um docente se perfaz como uma imposição da modalidade ao docente. A pergunta feita na imagem para introduzir genericamente as funcionalidades do instrumento impõe retoricamente uma definição e estabelece o que é a função docente. Não é pouca coisa se pensarmos no fato de que a função do professor é também uma escolha de vida daquele trabalhador, uma decisão tomada via uma elaboração complexa entre valores e realidade que ocupa a inteireza de sua existência. Sendo assim, qual seria o alcance de uma ferramenta tecnológica em definir o que é a docência?

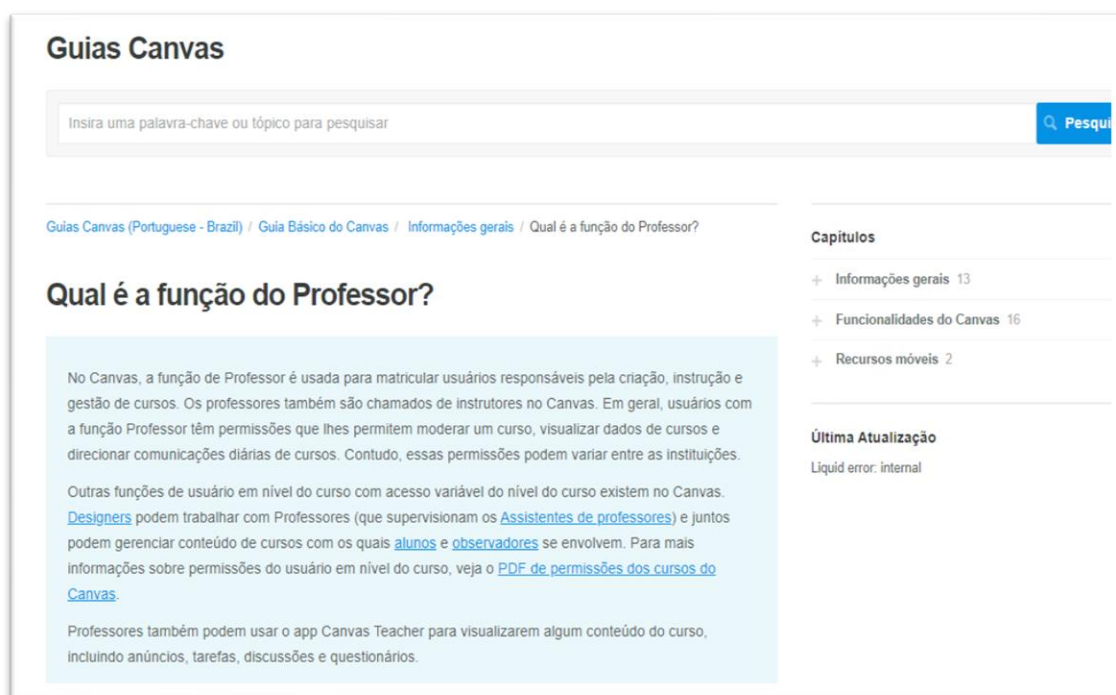


Figura 07 – Prescrições do Trabalho Docente 01. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas

Além desse aspecto a plataforma determina o que chama de função, em uma série de atribuições que até antes da docência em EAD estavam imersas no trabalho presencial de sala de aula. Tais atribuições demandam competências para as quais o docente não tem escolha em cumprir, ainda que não domine a técnica, a linguagem ou conte com as relações interpessoais e institucionais que lhe garantam o atendimento da demanda de lecionar em modalidade EAD. Some-se a tudo isso a configuração escolhida pela instituição que estiver a usar o Canvas para sua oferta de educação à distância.

Mais um aspecto relevante é o fato de que a plataforma para além de conceituar as funções que são disponibilizadas aos trabalhadores docentes vai mais longe. A

plataforma conceitua não somente a função como também o seu uso, atribuindo de antemão e, portanto, em um grau de distanciamento da tarefa, o que são os usos.

Neste ponto é curioso observar a aplicação da expressão “usos”, que vai ao encontro da mesma expressão escolhida na ergologia para apresentar um de seus principais conceitos. Nos “usos de si” Schwartz (2008), a ergologia busca criar um conceito que não mutile a ideia e nem a limite. No entanto ao colocarmos a expressão nas duas perspectivas elas se configuram bastante distintas, embora complementares, ergologicamente falando.

Uso da função de professor

Professores podem criar materiais de cursos, visualizar dados de cursos e acessar e gerenciar todas as áreas de um curso do Canvas. Por exemplo, um instrutor pode ser adicionado a um curso com a função de Professor para liderar um curso.

Os principais usos da função de Professor são para permitir que um usuário:

- Crie e modifique conteúdo do curso
- Modere e envie notas
- Manualmente convide outros ao curso
- Comunique-se com participantes do curso
- Acesse dados do aluno e de análises do curso
- Monitore e modere a participação e interações de todos os usuários matriculados em um curso

Quando um usuário manualmente cria um curso, o Canvas automaticamente matricula tal usuário como Professor no curso. Um professor também pode ser matriculado em um curso manualmente por um administrador ou automaticamente através da Importação de SIS.

Figura 08 – Prescrições do Trabalho Docente 02. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas.

Em outras palavras a plataforma usada para a oferta da EAD segrega o que chama de função professor, como uma de suas possibilidades de uso, avança na tentativa de conceituar a tarefa deste trabalhador e por fim estabelece em seu ambiente virtual de aprendizagem variadas condicionantes para o exercício do trabalho. Novamente aqui, acrescenta-se ainda a organização que as instituições definirão, e que se soma às prescrições da função docente que vimos no item anterior.

Ao entrarmos especificamente nas prescrições da função docente na modalidade EAD verifica-se nesta plataforma, que as determinações são expressas e para isso usa-se um termo cuja interpretação não abre espaço para ser discutida. O AVA Canvas em sua apresentação sobre a função de trabalho docente determina o que ele “pode” fazer para elencar as ações que são permitidas aos trabalhadores docentes.

Sem entrar nas minúcias de cada função, a imposição de possibilidade ou não de determinadas ações dentro de um ambiente virtual de aprendizagem é um ponto sensível e que não passa despercebido quando olhamos pelo prisma ergológico tal fato. Considerando os aspectos competência técnica, linguagem e relacionamento com outros atores do ambiente, fica evidente que para chegar às suas possibilidades estabelecidas pelo ambiente o trabalhador docente precisa percorrer e conhecer praticamente toda a estrutura da ferramenta. Aqui, portanto, estamos diante de uma exigência da TIC para o seu usuário docente, que transcende a sua formação específica.

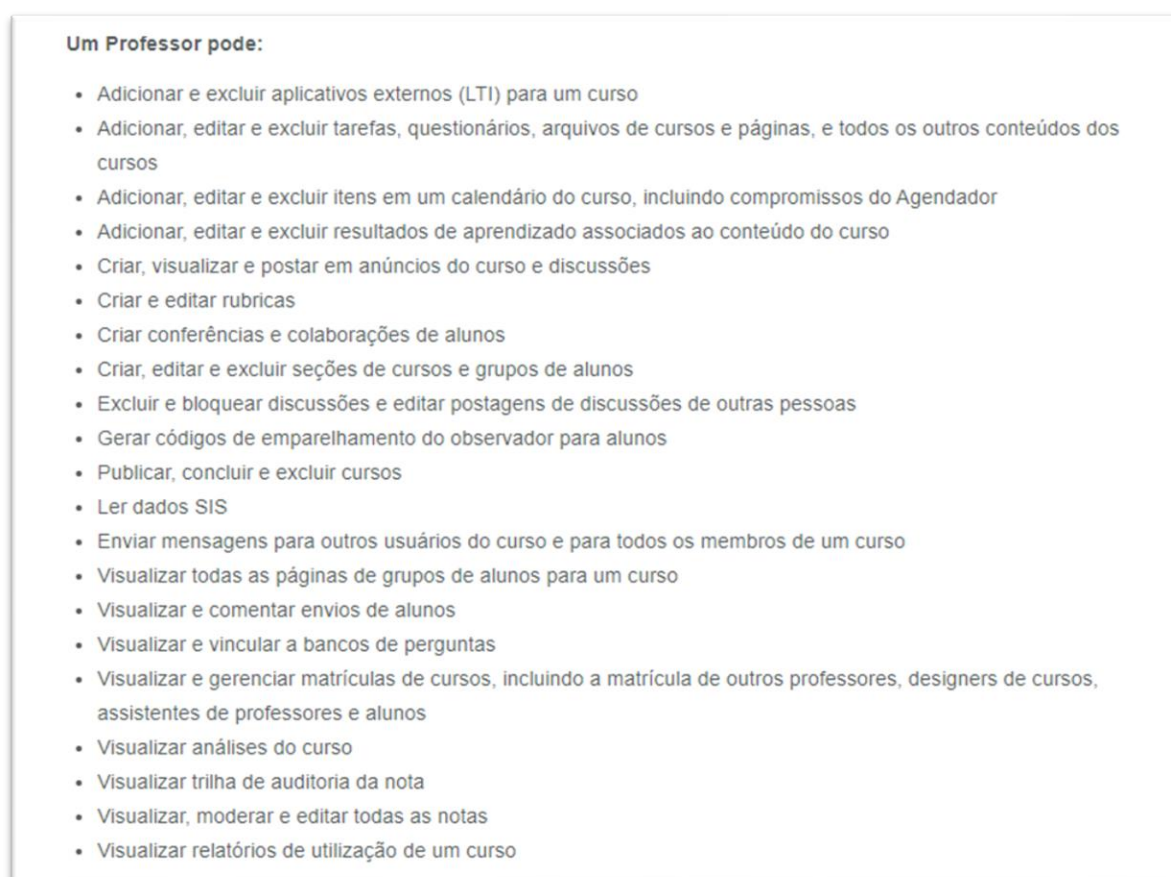


Figura 09 – Prescrições do Trabalho Docente 03. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas.

Em outras palavras são exigências de saberes novos que implicam em conhecer as técnicas de uso, conhecer a linguagem que as formata e ainda estabelecer uma relação com os demais usuários trabalhadores para que de posse de todos esses requisitos busque o exercício de sua função. Além disso ainda temos as configurações desses mesmos conceitos por parte da instituição que usa o software para sua oferta de EAD, fato que representa um nível mais de exigência

imposta aos trabalhadores docentes e aos demais, constituindo um meio singular e complexo da função no trabalho.

Dentro de competência técnica, linguagem e relacionamento interpessoal, os impedimentos são a demonstração mais cabal do que estamos a analisar e descrever nesta etapa de nossa dissertação. Tais prescrições de função atuam estabelecendo privilégios dentro do ambiente virtual de aprendizagem que são concedidos apenas a determinados atores. De certo modo o AVA configura-se um meio dentro do meio. Trata-se de um ambiente com regramentos próprios que se somam às exigências do meio social maior em que também se inserem os docentes e os demais usuários desses sistemas. Assim, as prerrogativas estabelecidas pelo sistema e impostas aos seus usuários determinam que esses se organizem de maneira a atender à demanda de efetivar a educação à distância.

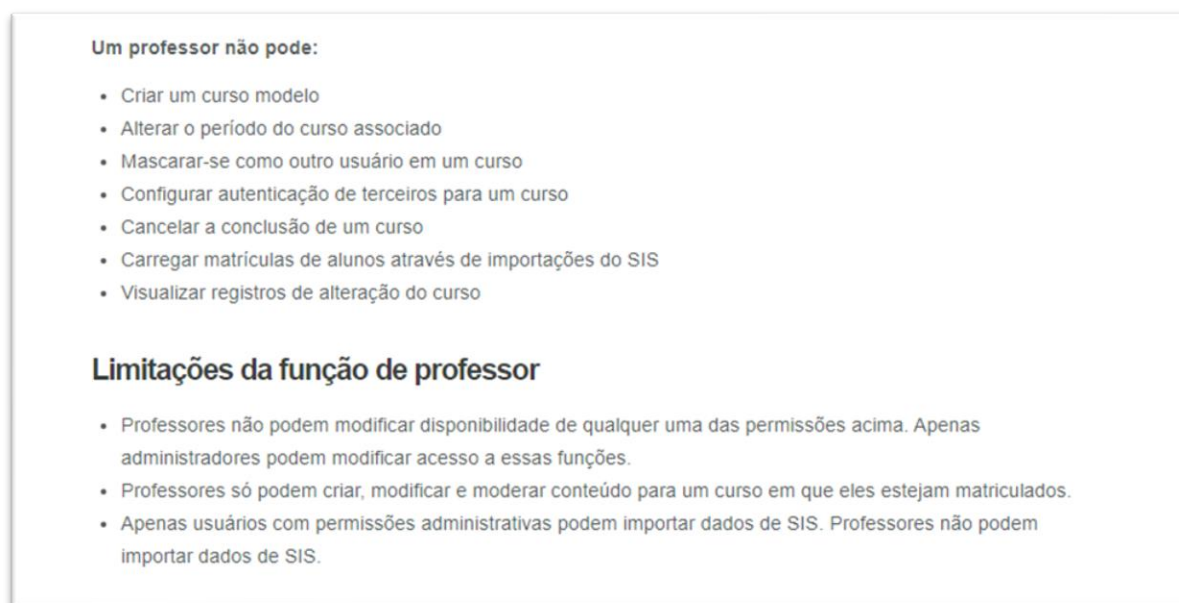


Figura 10 – Prescrições do Trabalho Docente 04. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas.

Nesse cenário não é trivial pensar nas inúmeras realidades se encontrando e se relacionando dentro de um ambiente de controle em tempo integral de uma tarefa naturalmente complexa quanto é a educação. As imposições de impedimento do AVA a determinados usuários são as prescrições feitas pela negação de acesso ou operação, o que se configura uma necessidade inescapável por gerir as questões que trouxemos e que perpassa por todos os aspectos da técnica, da linguagem e das relações tanto com pessoas quanto com o próprio ambiente de maneira mais ampla.

Por fim, e a tratando sobre as influências do meio externo a um outro meio que é o AVA e consequentemente aos seus usuários trabalhadores, acreditamos ser interessante abordar a questão das restrições do meio impostas à utilização desses ambientes e à própria EAD por consequência.

Quais países são proibidos de usar o Canvas?

Devido a regulamentos governamentais, a Instructure proíbe o uso não autorizado dos seus produtos e serviços em países e regiões específicas.

A Instructure cumpre com os regulamentos dos Estados Unidos relacionados a países e regiões sob embargo. Conforme requerido pelo Escritório para o Controle de Ativos Estrangeiros do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, a Instructure atualmente proíbe o uso não autorizado dos seus produtos ou serviços em:

- Cuba
- Irã
- Coreia do Norte
- Síria
- Região da Crimeia

A exportação, reexportação, venda ou fornecimento, diretamente ou indiretamente, a partir dos Estados Unidos ou por uma pessoa dos Estados Unidos em qualquer local, de quaisquer produtos, serviços ou tecnologia da Instructure (incluindo dados técnicos) para qualquer um desses países ou regiões é estritamente proibido sem a autorização prévia do governo dos Estados Unidos.

Devido à natureza em evolução e amplo alcance dos programas de sanções dos Estados Unidos, é pedido que os clientes e seus usuários consultem as leis e regulamentos aplicáveis de controle de exportação dos Estados Unidos para maiores informações.

Figura 11 – Questões Externas de Impacto no Trabalho. Fonte: Recorte feito pelo autor no Guia Canvas.

Curioso observar que a essência da EAD como foi concebida, buscava romper as barreiras que existissem ao conhecimento, no entanto, há questões que não se permitem afetar por isso. Os embargos econômicos impedem que um sistema destinado a levar conhecimento em modalidade virtual a qualquer lugar não chegue a todos os lugares. Talvez essa questão não tivesse, em uma análise primária, influência direta no trabalho do docente. No entanto, quando pensamos nas possibilidades de troca de saberes entre culturas, isso terá que se dar por outros meios, uma vez que as plataformas estão subordinadas aos regramentos jurídicos de seus países de origem.

Esses regramentos não se pautam, em geral, pela imposição de obstáculos ao acesso à educação ou ao trabalho dos educadores. A pauta é sempre a questão geopolítica calcada em tensões econômicas ou vice e versa. Por consequência evidencia-se uma influência com razoável relevância na função docente, chegando às raias da impossibilidade de uma instituição poder contar com um docente desses países ou ainda de que esses e outros docentes possam estabelecer trocas de saberes usando uma mesma plataforma. Certamente estamos diante de dificultadores para a realização de um trabalho.

Para além das questões que trouxemos até aqui cabem outras breves reflexões no que se refere ao instrumento/ambiente AVA. Assim, interessante observar que com o avanço das tecnologias houve uma divisão do trabalho na EAD, quando as instituições para munir suas plataformas contratam professores autores. Quando da exibição dos conteúdos, além dos tutores, convocam atrizes e atores que não ministram aulas sobre o que prepararam e sim apresentam performances sobre um determinado conteúdo.

Agora eu tenho minhas críticas em relação ao que estão fazendo hoje com os docentes que a por exemplo muitas, não é o caso da Universidade da PUC não é o caso da PUC graças a Deus mas eu vejo né outras inclusive eu já me matriculei alguns cursos online só para tentar ver como é que funciona aquilo ali se eu estou muito fora do padrão ali e eu descobri que o docente hoje não tem valor mais nenhum em universidades dessas que o ensino é só aquela coisa ali ensino, virtual e coloca um tutor aqui que toma o papel do docente e que às vezes passa conceito totalmente errado, não tem fundamento técnico Entendeu essa experiência eu eu vivi porque que eu me matriculei no curso de superior uma outra Universidade pra ver como é que era E aí eu vi! (DOCENTE 03).

Podemos ainda considerar o avanço das tecnologias de inteligência artificial e pensarmos em um advento não muito distante de professores criados em modelo virtual. Podemos pensar também na questão dos arquivos de conteúdo que vão sendo alimentados pela produção docente e que passam a compor um compêndio que fica, em regra, de posse da instituição.

Outros tópicos sobre os sistemas de operação e os ambientes destinados ao exercício da docência no modelo EAD pensamos ter trazidos amiúde no tópico anterior de nosso trabalho, em um tratamento dado a ferramentas específicas e internas da plataforma na função docente propriamente dita. Assim buscamos percorrer parte das normas antecedentes que tentam regular, controlar e parametrizar o trabalho docente e restou evidente que nenhuma dessas normas consegue alcançar a especificidade do momento do trabalho.

Por mais que apontem direções e tentem definir mecanismos para o trabalho, seu uso estará sempre distante da realidade quando vivida no momento da execução da tarefa. Portanto, essas normas serão invariavelmente adaptadas, modificadas, renormatizadas pelos trabalhadores quando em efetivo exercício de seu fazer em trabalho, pois, estarão gerindo essas normas no mesmo processo em que se encontram também suas próprias normas, seus saberes, seus valores.

3.3 RENORMATIZAÇÕES NO TRABALHO DOCENTE

A busca por conhecer a experiência docente através dos relatos daqueles que nela se inscrevem, está em diálogo com o que orienta a ergologia sobre a compreensão dessa parte da atividade de viver que é o trabalho. Seu meio e as experiências normativas, factuais, sensoriais e relacionais, vivenciadas nele, são fundamentais para a concepção da abordagem ergológica. Entre essas experiências estão o contato e a gestão de normas, regras presentes na vida e consequentemente no trabalho que segundo a ergologia precisam ser geridas para se fazerem cumprir as tarefas que elas demandam.

Para efetivar essa gestão das normas, o ser humano as reinterpreta, ressignifica, chegando até mesmo a descumpri-las em um processo de renormatização. A ergologia quer conhecer as renormatizações que os trabalhadores empreendem para viverem em atividade de trabalho. Tais ressignificações das normas próprias e externas ao trabalho, quando do seu executar, estão na gênese das dramáticas dos usos de si (SCHWARTZ, 2008), pois, trata-se de uma gestão de embates.

Renormatização aqui se refere a um processo que está na essência do conceito de atividade. Refere-se à capacidade de os homens, quando expostos às normas ou exigências externas a eles, reinterpretam essas normas propostas, reconfigurando o meio como o seu meio. (SOUZA, p. 47, 2021).

Na docência em modalidade EAD, o meio, ou o ambiente de trabalho é, em si mesmo, formatado por condições de uso de uma ferramenta tecnológica, tais condições essas que estão inseridas em outro meio, qual seja a vida. O AVA em que o docente exerce o seu trabalho está para essa tarefa, como está a escola ou a sala de aula físicas, inseridas em um meio social que elaboram variadas ordens e as

inserir na vida dos trabalhadores docentes. Esses, por seu turno, precisam a todo o tempo dar respostas sobre tais inserções, em uma constante mediação dessas com os seus valores, saberes singulares, entre outras manifestações que são as suas próprias normas. As inserções de que tratamos são em parte essas normas e condições a que os homens (humanos trabalhadores) são expostos. Tais renormatizações podem ser infinitesimais, minúsculas a ponto de nem mesmo o trabalhador perceber que as realizou, mas em alguns casos, o relato pode revelar parte dessas ressignificações que foram empreendidas na experiência.

Essa constante mediação entre as manifestações do meio, por vezes imprevisíveis e as singularidades de cada trabalhador, configuram uma espécie de drama, uma situação de tensão que somente pode ser vivida e gerida por aquele que trabalha. Na docência, em especial na docência em EAD, tal situação se dá de maneira intensa. As normas, os saberes e valores, inerentes a cada corpo-si, se fazem presentes nos conflitos que se dão na gestão dessas relações entre trabalhadores e seus trabalhos.

Sob tal perspectiva de tomada de decisão inerente à função em tempo real, os trabalhadores se veem em condição de conflito constante. Conflitos que exigem ser geridos no atendimento das imprevisibilidades do meio onde se efetiva o trabalho. Diante das situações de conflito que emergem desse processo de (re) trabalho do saber – e, portanto, de (re)trabalho da sua subjetividade –, o docente vive uma dramática do uso de si. (DIAS, 2015).

Na modalidade EAD, tais conflitos enfrentados no trabalho docente estão envolvidos de especificidades. Considerando a presença do AVA, e de toda a rede de envolvimento que isso representa, a docência em EAD se complexifica. Essas novas necessidades são impostas pela presença da ferramenta tecnológica do AVA que se hospeda em ambiente de internet. Suas especificidades ultrapassam em muito o conhecimento de formação do docente, que até antes do advento da EAD definia a maior parte do saber solicitado desse trabalhador. Agora é exigido do docente que domine e opere com uma gama diversa de demandas em um ambiente que podemos caracterizar, sem receio, como diferente.

Oh, a experiência ela é rica e é enriquecedora, mas ela como toda experiência como toda não para mim não foi novidade tá o ambiente, mas foi novidade o que veio o que veio junto né as ferramentas que eu teria que usar a linguagem, a linguagem então de entender determinados termos que para mim o meu como fazer assim oh, eu falava o que é que é isso gente? O que é que é isso que esses meninos tão falando? Oh professora, não sei o quê.

Eu falava gente oh vem cá, faz favor, glossário aqui, glossário vamos fazer um glossário aqui, me conta o que é que é isso que eu não sei o que que é me fala que que é isso que eu não sei o que que é, Professora ah porque isso e aquilo outro, eu fiz isso e falava ali eu falava gente, como é que é isso deixa eu entender isso aqui eu preciso entender então eu conversava sempre não em momento algum eu escondi, é escondi mesmo tá tem outro verbo não, escondi dos meus alunos que não sabia (DOCENTE 02).

Interessante observar na fala de uma professora que olhando para a atividade docente e pensando em sua experiência, relata que o desconhecimento sobre variadas questões, inerentes ao seu trabalho afloraram na execução da função. A norma antecedente praticamente inata à docência é que o professor sabe para ensinar, e, no entanto, ao mudar a modalidade foi preciso aprender e admitir que não tinha conhecimento sobre determinadas questões.

Aqui percebemos uma clara reordenação da concepção tradicional sobre a docência e a elaboração de um convite ao aprendizado coletivo junto aos alunos para que a tarefa de lecionar fosse cumprida. Em uma evidente renormatização, a docente criou uma estratégia, buscou uma forma de superar o drama do não saber, enfrentando um drama claramente definido. Isso é muito importante aprender admitir que não sabe naquele momento aderir ao suporte, viver em rede se deslocar individualmente, mas saber que está em rede. (docente 02).

Para além das questões enfrentadas sobre o modelo e a necessidade de reconfigurações das concepções mais comuns sobre um determinado lugar docente no mundo do trabalho e na sociedade como um todo, outras demandas se apresentam aos docentes, exigindo-lhes a gestão nos debates de normas e a consequente renormatização. O atendimento aos discentes e a preocupação com o retorno sobre o trabalho povoa em tempo real e integral a dinâmica de execução da tarefa. Diferentemente da docência presencial, o aluno está em outro extremo de um ambiente e nem sempre ao mesmo tempo, o que abre precedente para dúvidas docentes quanto ao próprio desempenho na visão de seus alunos.

[...] eu gravava vídeos para ajudar os alunos porque eu me sentia assim, que a minha aula era uma porcaria a minha aula sabe no primeiro ano a quantidade de vídeos que eu colocava lá para os alunos de apoio, porque eu achava assim, não eles vão assistir, eles não vão ter paciência de assistir à aula, mas depois eles vão ver (docente 03).

Uma evidência bastante nítida de que a docente ao exercer sua função em modalidade EAD se viu diante de uma situação em que não tinha certeza sobre o valor de seu próprio conteúdo e ao enfrentar tal condição cria um mecanismo que para além de tentar colaborar com o processo de ensino e aprendizagem, lhe representa algo

como um reparo ou conserto em sua aula antes mesmo de receber qualquer tipo de avaliação sobre ela.

Questões como a organização das aulas e a utilização de instrumentos que possam, na avaliação dos próprios trabalhadores, agregar algum tipo de valor ou melhorar a condição de trabalho se apresentam e fazem com que mudem ações costumeiras e busquem recursos para o enfrentamento dessa dinâmica.

[...] entendeu que eu fazia, eu pegava o AVA né o Canvas colocava primeiro cronograma eu acho impossível você dá aula online sem o cronograma pro aluno. A coisa mais simples do mundo é colocar um cronograma coloca o cronograma com todas as aulas com assunto com slide com vídeo depois, não sei se você tem acesso Mas você tiver acesso lá nas minhas disciplinas da virtual você vai ver que todas elas têm cronograma tem o a nota de aula não adianta falar assim "ah fazer nota de aula apostila isso limita o aluno" é limita, mas ruim com ela pior sem ela eu acho que professor ele tem que ter o material pedagógico adequado, ele tem que ter essa organização, ele tem que utilizar essas ferramentas (docente 03).

Na busca por atender a demanda de aprendizado discente em meio a um cenário de enorme diferença quanto ao método usado para isso, a observação e percepção dos recursos utilizados faz revelar no relato, que foi preciso reinterpretar muitas normas durante o momento vivido em trabalho. Evidencia-se um desconforto pessoal com a situação e um investimento em estratégias que façam a tarefa exercida se aproximar de sua concepção própria sobre como deve ser aquela execução.

Mesmo por exemplo eu comprei uma mesa digital e digital essa aqui óh, pequenininha mas essa mesa para mim foi um avanço tecnológico porque quando entrou pandemia eu coleí o quadro atrás na parede lá no meu sítio e fiquei dando aula no quadro, olha que absurdo né quer dizer, não tinha aquilo, aí depois eu falei não, tem que melhorar isso, aí eu fui treinando caligrafia para mexer com essa mesa então o trabalho docente também é um negócio assim você tem que falar com o cara, assim oh filho tem um dedo duro aí ó isso aqui para você escrever uma letra igual você escreve no quadro né você tem que fazer caligrafia entendeu (DOCENTE 03).

Entre outras tantas questões renormatizadas na docência EAD, a perspectiva do relacionamento com os alunos é certamente um ponto interessante a ser abordado, pois, caminhando do modelo presencial para o modelo EAD, questões que anteriormente não faziam parte do métier docente passam a lhe solicitar entendimento e gestão. Por certo que a postura diante de ausências foi ressignificada, uma vez que até o momento é impossível saber de fato o que está acontecendo no outro extremo da conexão.

Faltas, ética do discente em momentos avaliativos, entre outros temas foram revisitados pela EAD e fizeram com que o trabalho docente fosse submetido a uma ampla reconfiguração de suas normas sobretudo nessa relação com o corpo discente.

[...] porque que na verdade como não posso dar falta para o aluno não existe a falta, a ausência computar a ausência né então aluno eu gravo aula mesmo depois eu vou disponibilizar ele assista depois. (docente 01).

...

[...] porque as vezes o que acontece, as vezes eu tô dando aula e o aluno depois de 20 vinte e trinta minutos que aula começou ele entra, "ai professor me desculpa tava preso no trânsito eu não conseguia chegar eu tô voltando do serviço eu não sei o que" e às vezes é verdade isso acontecia no presencial como é que não vai acontecer no virtual. Então a gente tem que ser condescendente com isso. (docente 01).

A palavra condescendente é reveladora no sentido de que as normas antecedentes nesse aspecto da relação docente-discente foram modificadas profundamente. A necessidade de entendimento por parte do docente de que a realidade é outra portanto as normas são outras se debate frontalmente com as concepções costumeiras dessa relação. Essa novidade e suas particularidades obrigam aos trabalhadores docentes a se adaptarem. Agora eles precisam entender as novas dinâmicas e essa exigência de entendimento atravessa seus valores, suas crenças e seus conceitos que se colocam em debate normativos com as infidelidades do meio como por exemplo um aluno não abrir uma câmera que permita ao docente conferir a presença ou não.

então assim eu não vejo aluno ele tem o direito de não abrir a câmera ele tem o direito de não abrir o áudio isso é privacidade a lei de privacidade ele tem essa privacidade. Será que ele vai colar e aí tá me fazendo de bobó? Isso não vale nada. E se nesses dois anos não valerem de nada porque o aluno colou o tempo todo e essa nota que ele tirou é uma nota falsa entendeu como se fosse assim uma nota de 10 falsa, sabe, assim é uma nota falsa não é verdadeira tem nada disso! É outro momento outro momento em que precisa ficar claro lugar docente e o lugar discente. (docente 02)

Dúvidas imensas, novas formatações, situações inusitadas que exigem agora a percepção e a gestão de todas as situações vivenciadas sob nova perspectiva. É o trabalho determinando ao trabalhador que ao gerir tais contextos crie alternativas, estabeleça estratégias para sua entrega. Essas alternativas e estratégias se configuram novos saberes sendo criados e por isso nova história, nova vida. Dramáticas dos usos de si vivenciadas na gestão dos debates de normas na docência em modalidade EAD.

Segundo Telles e Alvarez, 2004, as renormatizações são o processo de retrabalho das normas antecedentes que acontece em todas as situações de trabalho. Pensamos que os relatos obtidos em nossas entrevistas e trazidos aqui demonstram tal processo parcialmente. Considerada a complexidade do trabalho exercido pelos docentes em modalidade EAD, os relatos sobre o trabalho evidenciam uma distância existente entre as prescrições e a prática.

Isso se deve ao fato de sempre ocorrerem lacunas normativas (pois nunca será possível prever e prescrever totalmente o trabalho), e, ainda, de suceder a variabilidade das situações locais e da própria condição singular na qual os homens se fazem homens, sempre reinterpretando normas. (SOUZA, Odiliana Ribeiro, p. 47, 2021).

3.3.1 Saberes Requeridos e as Dramáticas dos Usos do Corpo-si.

Para exemplificar a influência potente dos saberes no trabalho docente em modalidade EAD trouxemos trechos de nossas entrevistas contextualizando suas conexões com nossas referências ergológicas e tecnológicas. Tais falas denotam as demandas e os contextos em que elas são apresentadas e impostas aos docentes. Demonstram em certa medida os conflitos porque passam os trabalhadores no momento do exercício de seus trabalhos e apontam na direção do que a ergologia conceitua como as dramáticas dos usos de si (SCHWARTZ, 2008).

De início verifica-se em uma das falas das docentes entrevistas que há saberes requeridos para a função de lecionar em modalidade EAD que remontam a aspectos gerais da tarefa de ser professor à distância.

[...] um dos maiores enfrentamentos para mim do ambiente é você entrar no ambiente em que você não conhece quem te hospeda e você não conhece os lugares os pequenos lugares as frestas aquele lugar é um Por exemplo quando eu estava dando aula que agora nós estamos no período de férias né, mas não quer dizer que a gente se afaste né eu ficava pensando assim e se eu não souber isso e se eu não der conta disso? Professora compartilha tela professora isso o aluno eu várias vezes eu pedi ajuda sem constrangimentos porque o ambiente ele às vezes é constrangedor que ser um professor titulado né que disse para o seu aluno todo tempo né eu não dizia isso Não mas eu já ouvi falar de professores dizerem assim "uai mas você chegou aqui até aqui você tinha que saber isso" foi a hora do aluno dizer para gente " uai professor você não sabe baixar isso não?" você tem doutorado tem isso tem aquilo outro como é que você não sabe fazer isso? (DOCENTE 02).

As dúvidas quanto à capacidade e uma autodesconfiança referente ao desempenho e postura no AVA, explicitam um enfrentamento a ser vivido pelo

docente antes mesmo do próprio exercício da função. Tal circunstância de receio permanece até os momentos da efetivação das ações dentro do ambiente virtual e a essa circunstância são adicionados questionamentos que tocam nos saberes próprios desse trabalho e suas representações sociais, como a titulação e o vínculo entre um título acadêmico e as capacidades que ele, à juízo de terceiros, deveria conferir a seu detentor. Em outras palavras o drama vivenciado pela exigência de certos saberes coloca o trabalhador docente da EAD em situação de dúvida quanto às próprias capacidades e competências.

Inverteu, o lugar se inverteu, eu pedi várias vezes várias e várias vezes aos meus alunos, gente oh gente me ensina isso aqui aí eu pensava assim, oh gente eu tô pedindo os meninos para me ensinar isso Será que eu vou perder na nota final na universidade, será que isso conta ponto? No começo então falava assim gente eu vou tirar zero no final de semestre, a universidade vai me mandar embora porque eu sabia do conteúdo (DOCENTE 02).

As renormatizações necessárias se apresentam em caráter definitivo e exigem desse trabalhador que tome medidas para estabelecer o controle sobre a situação de trabalho. Isso se dá a tal ponto na docência EAD que em seu relato como vemos na citação os papéis se invertem. Uma condição talvez impensável na tradição de nossa concepção educacional. O que Paulo Freire tomava como uma potência necessária à educação enquanto processo de aprendizagem conjunta e mútua, no trabalho fragmentado e redesenhado da docência em EAD se torna um drama a ser enfrentado e superado pelo trabalhador docente já de início em sua experiência, exigindo-lhe a composição de novos saberes.

[...] eu tenho conteúdo eu tenho uma formação acadêmica robusta, mas eu preciso de ter um domínio, domínio que eu digo é saber da ferramenta com qual eu vou trabalhar. Então quando fala assim, é, da rede nessa rede né ah o quê que é web, quê que é isso? Professora onde que você tá? Eu tô aqui em casa! Não Professora, se é no zoom, se é não sei nisso, se é não sei onde, se é no Teams, um dia eu falei com alguém, "tô em casa gente"! Não é isso não Professora! Eu falei oh gente vocês sabem onde é que eu tô, não fica fazendo essas perguntas difíceis não (DOCENTE 02).

Os saberes requeridos quanto as tecnologias, seus usos, a linguagem que as organiza e define, se colocam exigidos e o não conhecer sobre esses instrumentos e meios torna complexa a relação e exige postura ativa para a superação das dificuldades. O entender que a própria formação pode ser insuficiente sobre determinados aspectos do próprio trabalho é uma experiência forte na vida de quem se dedica a ensinar. Por vezes é necessário, na EAD, que a busca pelo domínio dos instrumentos e técnicas se dê inclusive entre aqueles a quem a matéria lecionada se

destina. Um aprendizado na troca coletiva que depende em larga medida da compreensão e aceite da importância das estruturas tecnológicas para a EAD.

Em momento nenhum a gente pode jogar pela janela o conhecimento e a importância dessas ferramentas e do ambiente das tecnologias em momento algum. (DOCENTE 02).

Para além dos saberes requeridos em conhecer as tecnologias e suas normas antecedentes, que na EAD prescrevem parcialmente a função docente, ainda são requeridos saberes de ordem relacional, onde é preciso que se estabeleça uma teia de relações com a qual se faz necessário o diálogo permanente, dada a fragmentação das ferramentas e funções em compartimentos sempre muito específicos que compõem a estrutura de oferta da modalidade. Relações interpessoais são absolutamente necessárias e se dão em toda a cadeia educacional da EAD, exigindo com força a competência de se relacionar.

Bom, é o diálogo né, é o diálogo que tem que existir, o professor ele ali tanto que especificamente na PUC virtual que é o lugar que eu falo né e do lugar que você pesquisa tem ali uma Assessoria né Tem uma Assessoria ela é uma Assessoria pedagógica administrativa e tecnológica né é um tripé assim como a universidade tem ensino pesquisa e extensão no ambiente é que nós estamos trabalhando nós precisamos disso nós não adianta não segue caminho se você não estiver em rede não segue caminho nosso dizer não adianta o professor pensar assim, esse povo chato nojento, entendeu? Não! (DOCENTE 02).

Dentro dos relatos de outra docente entrevistada, é possível verificar a coincidência da percepção do não conhecer, não dominar a modalidade e suas particularidades e da necessidade de se encontrar meios para obtenção desses saberes que concederão tal domínio e desenvoltura. A ausência física da modalidade gera uma série de conflitos a serem elaborados pelos docentes e isso causa lhes desconforto. As próprias estruturas da instituição no sentido de colaborar com a tarefa de lecionar na EAD servem como auxílio, mas são incapazes de extinguir as questões suscitadas. A nosso juízo em razão de que cada pessoa trabalhadora é uma particularidade no mundo do trabalho e não é possível segundo o que nos ensina a ergologia alcançar essa complexidade em sua totalidade.

quando ele vai dar aula presencial a gente vai aprendendo ali até com os próprios alunos, mas quando você dá um EAD assíncrono que foi a minha primeira experiência é totalmente diferente sabe você não tem o aluno que eu tinha na PUC virtual eu tinha lá naquela época eles tinham eles gravavam estúdio tinha até uma Diretoria de cena me ajudou né me ajudou a olhar para a câmera né ficar mais desinibida etc. mas na parte pedagógica eu acho que aquilo ali, sabe e nem todas as teorias que eu havia estudado me ajudaram não foi muito na prática o que realmente mudou mesmo foi quando aconteceu

a pandemia e eu passei a ter experiência nos momentos síncronos. Aí sim aí eu achei pouco melhor do que assíncrono porque é o contato com o aluno né ali sabe eu tinha condição de ter um feedback sobre o meu trabalho coisa que no assíncrono eu não tinha. (DOCENTE 03).

A capacidade de adaptação e de aprendizado nas experiências são saberes requeridos imediata e constantemente na docência em EAD. A novidade da modalidade afeta de tal forma o trabalho em seu bojo que chega a inviabilizar nos primeiros momentos até mesmo as práticas pedagógicas que serviam aos trabalhadores. Tal condição estabelece preocupações que ultrapassam a relação do trabalhador com sua função e alcança suas concepções pessoais e coletivas sobre a própria educação.

[...] para o uso da tecnologia enquanto ferramenta educacional é esse eu acho o grande problema então no meu entender assim eu uso e não uso como deveria, até eu mesmo que parece uma contradição, mas é porque você não tem, porque por exemplo, você pega o Canvas, o ambiente lá o AVA né que é o Canvas, você tem um monte de coisas lá não sei o quê conferência, sensor da disciplina, objetivos, mas ninguém sabe ensinar aquilo do ponto de vista efetivo que você vai poder resolver o problema seu que é usar aquilo ali com o aluno para tornar aquele aprendizado mais atrativo efetivo etc, não tem, então isso eu acho que hoje a gente tem o que? Plataforma, entendeu, hoje você tem a plataforma lá o professor vai lá e deposita o conteúdo o aluno pega aquilo, entendeu, (DOCENTE 03).

A ausência de domínio para além do uso, chegando às raias da entrega de fato de um ensino que tem como resultante um aprendizado, apresenta aos trabalhadores questões sobre a educação enquanto fator social de relevância. Coloca em questão nesses trabalhadores dinâmicas de exploração da educação e de uma espécie de mecanização do ensino quando na docência, o trabalho faz parte de um valor caro aos seus trabalhadores.

Esses entre outros aspectos nos fazem trazer a essa dissertação um compilado de temas que alcançamos em nossa pesquisa e que podem servir para categorizarmos tipos de dramáticas vivenciadas pelos docentes da EAD. Esses temas foram produzidos a partir dos extratos que estão em nossa tabela de análise e que por suas vezes foram extraídos das respostas dadas em nossa entrevista conforme pauta também constante deste estudo.

CATEGORIAS DAS DRAMÁTICAS	TEMAS RELATADOS
DRAMÁTICAS DE ORDEM PESSOAL	Presencialidade e distância; Adaptação ao modelo EAD, Corpo físico, Relações interpessoais/setoriais, Novos saberes, Vaidade Profissional, consciência sobre o trabalho, Espaços de vida ocupados, tempo cronológico, constrangimento em não saber, dependência interpessoal, conflitos de consciência sobre o trabalho, automatização do trabalho,
DRAMÁTICAS RELACIONADAS ÀS QUESTÕES DE ORDEM TECNOLÓGICA.	Competências tecnológicas,
DRAMÁTICAS RELACIONADAS À QUESTÕES DE ORDEM SOCIAL	Trabalho mercantil, segurança jurídica, desvalorização docente
DRAMÁTICAS RELACIONADAS QUESTÕES DO MODELO EAD E A INSTITUCIONALIDADE.	Teoria e prática, Adaptação, Demanda e abrangência, produtividade, complementariedade com o presencial, controle e avaliação, limites da EAD, espaços para o trabalho, relações institucionais e funções extra docência, riscos, dependência intersetorial, relação com o meio extra ofício,

Tabela 2: Categorização temática das Dramáticas Fonte: Elaborada pelo autor.

Todas essas categorias se originam nos temas extraídos das entrevistas e cada uma delas se conecta com a seus temas mediante a análise realizada sob os relatos das trabalhadoras docentes. Apesar das nomenclaturas, nenhuma delas se aparta da individualidade dos trabalhadores docentes, e por isso todas são de ordem pessoal e por estarem no mundo do trabalho também são de ordem institucional, social e

econômica. Assim, nossas categorias são apenas as correlações entre os relatos e onde se originam as demandas que esses trabalhadores humanos devem gerir em suas ações de trabalho. Por certo que há inúmeras outras possibilidades de categorização pela certeza da mais potente orientação ergológica de que é impossível prescrever à totalidade qualquer trabalho. Assim, nossas categorias se destinam tão somente a apresentar nossos resultados que não tem nenhuma pretensão adicional à de contribuir com a reflexão a que nos propusemos.

Pontuando cada categoria e as descrevendo como resultado de nosso estudo, principiamos pela categoria das dramáticas de ordem pessoal. Embora todas as dramáticas sejam de ordem pessoal, pois é ao humano em trabalho que se impõem as dramáticas. Nossas categorias pretendem mostrar que parte dos enfrentamentos vividos e geridos por eles se relacionam diretamente a questões que partem deles mesmos e seus valores e saberes ao tratarem de determinadas situações.

A segunda categoria que trouxemos está relacionada às questões de ordem tecnológica. Embora como as demais, seja uma questão a ser tratada pessoal e individualmente no momento do trabalho, a competência para dominar as TIC's e atuar na função docente em modalidade EAD é uma exigência da modalidade. Sua presença é unânime em nossas entrevistas e a dependência e exigência em ter esse conhecimento e capacidade representam muito. Trata-se da questão mais objetiva apontada em nossas entrevistas e está em lugar de centralidade nas dramáticas que pudemos verificar nos relatos que nos foram dados. A tecnologia e sua centralidade na EAD se configuram como um espaço de exigência de saberes, imposição de prescrições e grandes renormatizações a serem realizadas para a efetivação do trabalho.

Nossa terceira categoria se relaciona com questões de ordem social, aspectos do trabalho docente em EAD que remontam a seara pública, social e econômica. Questões como a mercantilização do trabalho onde a docência que é um valor em si mesma para os trabalhadores, passa a ser um mero produto perdendo, na avaliação docente, seu valor intrínseco. Uma insegurança jurídica em função dos métodos aplicados para a contratação do trabalho docente, deixando-lhe em condições de fragilidade ante ao domínio econômico institucional e a consequente desvalorização docente ante aos aspectos mercadológicos evidentes na EAD. Novamente a origem do drama está na imposição das condições do meio, aqui social, aos trabalhadores

que precisam gerir seus valores, saberes e normas próprias no atendimento das demandas da função.

Por último e não menos pessoais, embora de origens distintas das demais categorias estão as dramáticas relacionadas ao modelo da EAD. Os docentes em nossa pesquisa demonstram que para além de trabalhadores são educadores na concepção ideológica da palavra e enxergam na educação um valor social relevante. Partindo de tal percepção, o modelo EAD impõe a esses docentes a necessidade de conviverem com métodos e práticas que lhes parecem fragilizar a educação. São impelidos a renormatizar suas concepções ideológicas educacionais e a buscarem meios de minimizar efeitos de questões que colocam como centrais em seus relatos sobre a modalidade de educação à distância.

Diante do exposto, podemos inferir que, a ‘novidade’ da EAD representa a necessidade impositiva de dominar as tecnologias, uma fragilização da condição de trabalho em termos salariais e de cuidado com o humano, um distanciamento institucional que colabora com a pouca percepção dos males do trabalho e uma constante sensação desses trabalhadores que o mercado está repleto de potenciais substitutos para suas posições, colocando esses sujeitos em uma espécie de dependência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final de nossa dissertação com os resultados de nosso estudo, consideramos que as dramáticas dos usos de si, estão presentes no trabalho docente, como em qualquer outro trabalho e contam entre as suas particularidades com a possibilidade de serem visualizadas partindo-se de muitas origens.

Entendemos que as dramáticas, como os demais aspectos ergológicos e singulares do trabalho, se homiziam nas individualidades de cada trabalhador. Tal condição representa a impossibilidade de plenitude de qualquer abordagem, no entanto, pensamos ter trazido nesse estudo, aspectos que apontam para o conhecimento e compreensão desses processos na vida dos docentes da EAD. Sua existência e potência, enquanto fenômeno inerente ao trabalho, restam demonstradas pelos relatos que nos foram concedidos e que esperamos ter descrito.

Nas verificações sobre as normas antecedentes que prescrevem a EAD se insere uma figura peculiar que caracteriza de modo muito próprio seu trabalho docente. O AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem se perfaz ao mesmo tempo em um local e um instrumento de trabalho. Ainda que se decantem as características de mobilidade e flexibilidade como qualidades da modalidade EAD, elas podem representar ocupação de espaços de vida pelo trabalho, imposição de fragmentação e precarização do trabalho docente, entre outras condições. Assim, para que essas situações sejam de fato conhecidas e adequadas à justiça e equilíbrio que se devem a todo ofício, faz-se necessário que sejam incluídos os trabalhadores nessa gestão na inteireza de seus processos decisórios.

Como em todos os trabalhos, é possível ergologicamente afirmar que a docência EAD é seio de intensas renormatizações oriundas de debates de normas que surgem das mais diversas fontes. A presença do AVA e suas exigências de operação, domínio tecnológico, controle de vigilância em tempo real, entre outras, impõem uma condição taylorista à EAD e diante dela não é possível pensar em uma vida trabalhadora que se dedique sob qualquer forma à obediência plena das normas antecedentes e dos saberes constituídos. Fica evidente em nossas entrevistas que renormatizações foram empreendidas sob vários aspectos para a realização do trabalho docente na modalidade EAD tais como a adaptação de meios tecnológicos,

a solicitação de apoio aos próprios discentes, a resignificação de conceitos pré-estabelecidos sobre a própria função entre tantos outros.

Por fim verifica-se que o trabalho docente, exercido em modalidade EAD encerra características que lhe conferem singularidade e por isso apresenta exigências de saberes e competência que lhe são próprias. De outro lado, a modalidade de educação à distância conta com a força de trabalho de uma plêiade de atores e entre eles os docentes, ocupando posição fundamental e gerindo saberes requeridos e próprios para a entrega do processo de ensino e aprendizagem como a capacidade de adaptação de conteúdo, domínio das tecnologias, gestão de relações interpessoais, enfim, vivenciando as dramáticas dos usos de si.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sergio Antunes de. WOLFF, Simone – Novas tecnologias e o trabalho docente na modalidade de ensino a distância. Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil – GEA. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://flacso.org.br/?publication=novas-tecnologias-e-o-trabalho-docente-na-modalidade-ensino-a-distancia> – Acesso em 05 de maio de 2020.

ATHAYDE, Milton; BRITO, Jussara. Apresentação à edição brasileira: Um livro-ferramenta diálogo e seu uso na perspectiva Ergológica tecida entre nós. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.), Trabalho & Ergologia: Conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007. p. 5-15.

AZEVEDO W. – EAD antes e depois da Internet – 2020. Disponível em: http://www.escolanet.com.br/sala_leitura/txt_integral.html - Acesso em 30 de abril de 2020.

BARDIN L. L'Analyse de contenu. Editora: Presses Universitaires de France, 1977. Análise de conteúdo. SP: Edições 70, 2011.

BRASIL. Decreto n. 9057 de 25 de maio 2017. Brasília, 25 de maio de 2017.

BAUMAN, Z.; LYON, D. Liquid Surveillance: a conversation. Cambridge: Polity, 2013.

CANVAS – Guia Básico do Canvas – Disponível em: <https://pt-br.guides.instructure.com/>, consulta em 21/10/2021

CARMO, Renata de Oliveira Souza; FRANCO, Aléxia Pádua. DA DOCÊNCIA PRESENCIAL À DOCÊNCIA ONLINE: APRENDIZAGENS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 35, e 210399, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982019000100420&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 de maio de 2020.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede* Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

Censo EAD.BR: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2020 = Censo EAD.BR: Analytic Report of Distance Learning in Brazil 2020 [livro eletrônico] [organização ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância; tradução Camila Rosa]. Curitiba, PR: **Inter Saberes**, 2022.

CORREIA, Rosângela Linhares. SANTOS, José Gonçalo dos. A Importância da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) na Educação a Distância (EAD) do Ensino Superior (IES). Revista Aprendizagem em EAD – Ano 2013 – Volume 2 – Taguatinga – DF novembro /2013

COSTA, Áurea de Carvalho. COMO INJUNÇÕES AOS DOCENTES NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: DE INTELECTUAIS A TRABALHADORES POLIVALENTES.

Trab. educ. saúde, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 175-195, novembro de 2016.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462016000400175&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em 30 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00031>.

CUNHA, Daisy Moreira; ALVES, Wanderson Ferreira. Da atividade humana entre paideia e politeia: saberes, valores e trabalho docente. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 17-34, junho de 2012.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000200002&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em 20 de maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000200002>.

DICIO, Dicionário online de língua portuguesa. 2020. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/demarche/> Consulta em: 23 de dezembro de 2020.

DIAS, Deise de Souza, SANTOS, Eloisa Helena, ARANHA, Antônia Vitória Soares. Contribuições da ergologia para a análise da atividade de trabalho docente. **Revista Eletrônica de Educação** v. 9, n. 1, mai. 2015. ISSN 1982-7199 | DOI:

<http://dx.doi.org/10.14244/198271991202>. Disponível em:

<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1202> Acesso em: 19 maio 2021.

DURRIVE, L. & SCHWARTZ, Y. (2008). Glossário da Ergologia. *LaboReal*, 4, (1), 23-28. <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV6582234396587;63882>

ECHTERNACHT, Eliza; VERÍSSIMO, Mariana. Apresentação da Edição Brasileira. *In: SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. (Orgs.). Trabalho & Ergologia II: diálogos sobre a atividade humana*. Belo Horizonte: FABREFACTUM, 2016.

FERREIRA, S. de L; VALE, L. C; – DA CARTA AO AVA: AS TECNOLOGIAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NA EAD. *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju - V.01 - N.01 - p. 43-51 - out. 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio – EDUCAÇÃO E A CRISE DO CAPITALISMO REAL. 2^a Edição, São Paulo, Cortez, 1996.

GROHMANN, R. (2020) A Comunicação na Circulação do Capital em Contexto de Plataformização. *Liinc em revista*, v. 16, p. 1-15, 2020b.

GROHMANN, R. & QIU, J. (2020) Contextualizando o Trabalho em Plataformas. *Revista Contracampo*, v. 39, p. 1-10, 2020a.

GROHMANN, R. (2020) Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. *Eptic On-Line (UFS)*, v. 22, p. 106-122, 2020c.

GROSSI, M.G.R.; OLIVEIRA, P.J.D. O que revelam as pesquisas brasileiras sobre o tutor na educação à distância. *In: GROSSI, M.G.R. (org.) A hora da EaD: Os novos*

rumos da Educação no tempo digital. Belo Horizonte: Espaço Acadêmico, 2020. p. 9-24.

JUNIOR, K. Schlünzen. EaD - Porque não? Educação à distância no Brasil: Caminhos, Políticas e Perspectivas. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.2, p.16-36, jun. 2009 – ISSN: 1676-2592.

LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. The data-centric society. Azimuth (International Journal of Philosophy), Roma, v. 7, p. 129-140, 2016.

LYON, D. Surveillance after Snowden. Cambridge: Polity, 2015.

MARINHO, S. P. P; REZENDE, P. A. O. S. Discursos embaçados de EAD e práticas embasadas no taylorismo em curso de pedagogia da universidade aberta do Brasil. Instrumento: Revista de Estudos e Pesquisas em Educação., Juiz de Fora, v. 19, n. 2, jul./dez. 2017.

MILL, D. R; SANTIAGO, C. F; VIANA, I. S. Trabalho docente na educação à distância: condições de trabalho e implicações trabalhistas. **Extra Classe. Revista de Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 56 a 73, jan. a jun. 2008. ISSN 1982-7261

Miranda, Angela Luzia. **Cibercultura e educação: pontos e contrapontos entre a visão de Pierre Lévy e David Lyon.** Trans/Form/Ação [online]. 2021, v. 44, n. 1 [Acessado 3 junho 2022], pp. 45-68. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n1.04.p45>>. Epub 02 Jun 2021. ISSN 1980-539X. <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n1.04.p45>.

OUVRIER-BONNAZ, R. (2010/1952). Introdução ao texto “A libertação da mão” de André Leroi-Gourhan. LaboReal, 6, (2), 52-55. Disponível em: [http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45n SU5471123:4141:16425](http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45n%20SU5471123:4141:16425)

REGINATTO, Andrea Ad. Atividade docente na modalidade EaD: um olhar a partir do enfoque dialógico e da abordagem ergológica. 231 f.– Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUCRS. Porto Alegre, 2015.

SENA, Eni de Faria; SILVA, Jurandir Soares da; OLIVEIRA, Maria das Graças; VERÍSSIMO, Mariana; **Dramáticas dos Usos de Si na Sala de Aula: Abordagem Ergológica ou ponto de vista da atividade.** Curitiba: CRV, 2021.

SCHWARTZ, Y. A COMUNIDADE CIENTÍFICA AMPLIADA E O REGIME DE PRODUÇÃO DE SABERES. **Trabalho & Educação, [S. l.]**, v. 7, p. 38–46, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9202>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SCHWARTZ, Y. A linguagem no trabalho. Travail et ergologie: entretiens sur l'activité humains. Schwartz Y, Durrive L, organizadores. *A linguagem no trabalho. Uma conversa com Yves Schwartz, filósofo, no dia 10 de abril de 2000, em Aix-en-Provence, com Marcelle Duc e Louis Durrive* Toulouse: Octarès. Seção 3. (no prelo)

SCHWARTZ, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras De Hoje*, 49(3), 259-274.
<https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.3.19102>

SCHWARTZ, Yves; ECHTERNACHT, Eliza Helena. O trabalho e a abordagem ergológica: “Usos dramáticos de si” no contexto de uma Central de tele-atendimento ao cliente. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v.10, n. 2, p.9-24, jul./dez. 2007.

SCHWARTZ, Yves. Os ingredientes da competência: Um exercício necessário para uma questão insolúvel. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 19, n. 65, p. 101-140, dezembro de 1998.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173301998000400004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 06 nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301998000400004>.

SCHWARTZ, Y. TRABALHO E SABER. **Trabalho & Educação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 21–34, 2012. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8971>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SCHWARTZ, Y. (1996). Trabalho e valor. *Tempo Social*, 8(2), 147-158.
<https://doi.org/10.1590/ts.v8i2.86429>

SCHWARTZ, Y. e Durrive, L. (orgs.) Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana Niterói: Eduff, 2007 - Texto anexo ao capítulo 7 - USO DE SI E COMPETÊNCIA - Exposição de Yves Schwartz e comentários sobre os esquemas 5, 6 e 7.

SILVA, M. V. S. DE A.; SENA, E. DE F. A COMPLEXIDADE DO TRABALHO DOCENTE À LUZ DA ERGOLOGIA. **@rquivo Brasileiro de Educação**, v. 6, n. 15, p. 27-45, 9 dez. 2019.

SCHERER, Magda D. A. et al. Contribuições da ergologia para a gestão do trabalho: Entrevista com Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 20, 2022, e00336166. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00336

SCHWARTZ, Y. “Um breve panorama da história cultural do conceito de atividade”, *Activities* [Online], 4-2 | outubro de 2007, postado em 15 de outubro de 2007, consultado em 29 de abril de 2021.
URL:<http://journals.openedition.org/activites/1728>; DOI:
<https://doi.org/10.4000/activites.1728>

SOUZA, Odiliana Ribeiro de; **ERGOLOGIA: alguns conceitos introdutórios.** (p.45 – 62) *in* **Dramáticas dos Usos de Si na Sala de Aula: Abordagem Ergológica ou ponto de vista da atividade.** Orgs. SENA, Eni de Faria; SILVA, Jurandir Soares da; OLIVEIRA, Maria das Graças; VERÍSSIMO, Mariana; Curitiba: CRV, 2021

SOARES, Auriseane Gomes. Ao encontro dos saberes da experiência: a abordagem ergológica como ferramenta na análise do trabalho docente. **Educação & Tecnologia**, [S.l.], v. 12, n. 3, fev. 2011. ISSN 2317-7756. Disponível em: <<https://periodicos.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/122>>. Acesso em: 17 maio 2021.

TELLES, A. L.; ALVAREZ, D. Interfaces ergonomia-ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes. In: FIGUEIREDO, M. et al. (Org.). **Labirintos do trabalho:** interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 63-90 p.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas S. A, 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de Pesquisa em Administração. Primeira Edição. São Paulo: Atlas S. A, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. 10. ed. São Paulo: Atlas S. A, 2009.

VERÍSSIMO, Mariana. Elementos para a construção da noção de saber investido. **Trabalho & Educação.** Belo Horizonte, 2015, v.24, n. 2. p. 295-313.

VERÍSSIMO, Mariana; SENA, Eni F. A prática docente em foco: o saber investido no gesto. *In:* VERÍSSIMO, Mariana; OLIVEIRA, Maria G.; SILVA, Jurandir S.; SENA, Eni F. (orgs.). **Dramáticas dos Usos de Si na Sala de Aula:** Abordagem Ergológica ou ponto de vista da atividade. Curitiba: CRV, 2021. P. 97-110

VIEGAS, Moacir Fernando. HISTÓRICO E CONCEITOS DA ERGOLOGIA: ENTREVISTA COM YVES SCHWARTZ. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p. 327-340, jul. 2013. ISSN 1982-9949. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3742/2923>>. Acesso em: 29 abr. 2021. doi: <https://doi.org/10.17058/rea.v21i1.3742>.

Vieira, E. A. O; Cunha, D. M.; Martinez, M. L. **MEDIAÇÃO ONLINE E USOS DE SI PELO TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTANCIA.** Revista de Ergologia, nº 14, p.91 - 113 2015.

ZAPELINI, C. Z; ZAPELINI, P. Z. Estudo de Ferramentas de Software Livre para Ensino à Distância. XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul – II Congresso Internacional IGLU, Florianópolis, dez. 2011.

ZUBOFF, S. A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. 1ª Edição. Rio de Janeiro – RJ, Intrínseca, 2021.

APÊNDICE A – PAUTA DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

A qualificação dos entrevistados abaixo servirá de organização inicial para a realização da entrevista, uma das etapas da pesquisa intitulada “**DRAMÁTICAS DOS USOS DE SI VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**”. As proposições contidas nesse apêndice não têm caráter vinculativo e podem sofrer modificações - ou receber acréscimos - no decorrer da entrevista. Tais proposições têm a função de pauta para a entrevista semiestruturada e se destina a estabelecer uma conexão entre o instrumento de produção de dados e o referencial teórico deste estudo. Os entrevistados serão provocados a falarem sobre os temas e o seu encadeamento dos mesmos, dentro da entrevista, dependerá da forma como cada entrevistado conduzirá o assunto.

I Perfil do(a) entrevistado(a)

Sexo: () Feminino () Masculino

Disciplinas/Cursos: _____

Formação Acadêmica: _____

Tempo de docência total: _____

Tempo de experiência/trabalho na modalidade presencial e na EAD em anos/meses _____

II Proposições de pauta para os relatos.

A Educação à Distância;

TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação e relação com o AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem;

O trabalho docente no modelo EAD em perspectiva com o presencial;

Experiências e ações na execução da função de trabalho;

Presença da EAD nos espaços da vida e demais aspectos ou questões que deseje abordar;

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO (TCLE)

Projeto CAAE: _____, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em _____ de _____ de 20____.

Prezado(a) _____,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: **DRAMÁTICAS DOS USOS DE SI VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**. Este convite se deve ao fato de você ser docente em modalidade EAD, o que seria muito útil para o andamento da pesquisa devido à natureza da abordagem ergológica do trabalho.

O(A) pesquisador(a) responsável pela pesquisa é Isaac Antônio de Oliveira, RG MG-13.319.182, mestrando no PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO do CEFET - MG. A pesquisa refere-se a abordagem ergológica do trabalho docente em modalidade EAD através de um ambiente virtual de aprendizagem cujos objetivos são: GERAL: Descrever e analisar as dramáticas dos usos de si presentes no trabalho dos docentes num modelo de ensino via educação à distância intermediado por um ambiente virtual de aprendizagem. ESPECÍFICOS: • Identificar as normas antecedentes do trabalho de docência quando exercido em modalidade EAD dentro de um Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA; • Investigar as renormatizações empreendidas pelos docentes para a realização da atividade de trabalho educacional em tal contexto; • Analisar na atividade de trabalho desses docentes as dramáticas dos usos de si expressas no exercício de seu trabalho. Desta forma, você poderá contribuir relatando sua experiência como docente em modalidade EAD.

Como possíveis riscos para os participantes da pesquisa avaliamos:

- perda do anonimato do depoente (risco de grau alto);
- discriminação e estigmatização em razão da divulgação dos depoimentos (risco de grau alto);
- desconforto ou aborrecimento ao responder perguntas, dissertar sobre o tema ou por eventuais intercorrências quanto ao meio de entrevista (risco de grau baixo);

- invasão de privacidade ou constrangimento (risco de grau alto);
- ocupação do tempo e cansaço (risco de grau baixo);

Diante de tais riscos este pesquisador assume o compromisso de não utilizar os nomes dos participantes no relato da pesquisa e manter em sigilo os TCLE e os registros audiovisuais e escritos produzidos, para isso o pesquisador usará um código para identificar o entrevistado assegurando a confidencialidade, privacidade e proteção da imagem. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados. O pesquisador garantirá acesso dos entrevistados, aos resultados do estudo e o próprio pesquisador irá transcrever pessoalmente as informações colhidas em entrevista, impedindo que o material seja acessado por terceiros. Além disso, o agendamento das entrevistas será feito de forma a respeitar o melhor horário para os participantes em consultas prévias com os mesmos para a marcação da data e horário. Também foi feito o compromisso de atenção ao tempo para não estar com os participantes mais que o necessário para a elaboração dos conteúdos. O entrevistado poderá interromper a pesquisa a qualquer momento e realizá-la em outro momento ou ainda optar por retirar a sua participação, caso não se sinta confortável.

Em se tratando de benefício, espera-se que os dados produzidos nesta pesquisa possam contribuir com informações importantes à academia, às pesquisas sobre processos decisórios e em especial ao debate sobre o trabalho na oferta de educação em modalidade EAD, ainda que sejam benefícios indiretos da pesquisa. Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

- A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466/12 (e, em especial, seu item IV.3) e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados, a menos que você autorize explicitamente o contrário;

- O acompanhamento e a assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou a interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado à sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao(a) pesquisador(a) responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O ressarcimento de qualquer despesa relativa à participação na pesquisa inclusive de eventual acompanhante, mediante solicitação ao(a) pesquisador(a) responsável;
- A indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- O acesso a este Termo.

A pesquisa emprega a técnica de entrevistas semiestruturadas que se darão on-line, portanto, recorre ao ambiente virtual para a produção de dados. O instrumento de pesquisa utiliza a plataforma ZOOM, da empresa de mesmo nome. A plataforma e a empresa têm uma boa reputação, mas o(a) pesquisador(a) responsável não tem controle de como a empresa ZOOM utiliza os dados que colhe dos participantes que respondem a entrevista realizada em vídeo chamada. A política de privacidade da empresa está disponível em <https://explore.zoom.us/en/trust/privacy/>. Se você não se sentir seguro quanto às garantias da empresa ZOOM quanto à proteção da sua privacidade, você deve cessar a sua participação, sem nenhum prejuízo. Caso concorde em participar, será considerado anuência quando entrar na sala virtual para a realização da entrevista.

Como medidas complementares decorrentes da utilização de ambiente virtual para produção de dados, o(a) pesquisador(a) responsável assegura que:

- O TCLE depositado no Comitê de Ética tem a mesma formatação utilizada para visualização dos participantes da pesquisa.
- Não são utilizadas listas ou outro meio que permitam a identificação e/ou a visualização de seus dados pelos demais convidados ou por outras pessoas.
- O TCLE é apresentado anteriormente a entrevista, de maneira que lhe permita avaliar e dar, ou não, o seu consentimento para participação na pesquisa.
- Você tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa.
- Você tem o direito de se retirar da pesquisa, bem como retirar seu consentimento para a utilização de seus dados a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para isso, basta declarar a retirada do consentimento através do isaacpta@gmail.com. Nesse caso, o(a) pesquisador(a) responsável afiança que dará a ciência do seu interesse de retirar o consentimento de utilização de seus dados em resposta ao e-mail.
- O(A) pesquisador(a) responsável fará o download dos dados produzidos para um dispositivo eletrônico pessoal assim que a produção de dados for finalizada; e apagará todo e qualquer registro do instrumento entrevista e suas respostas na plataforma ZOOM.
- Caso você aceite participar, é muito importante que guarde em seus arquivos uma cópia deste TCLE. Se for de seu interesse, o TCLE poderá ser obtido também na sua forma física, bastando uma simples solicitação através do endereço de e-mail: isaacpta@gmail.com. Nesse caso, se perder a sua via física, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao(à) pesquisador(a) responsável.

Qualquer dúvida ou necessidade – neste momento, no decorrer da sua participação ou após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa – pode ser dirigida ao(à) pesquisador(a), por e-mail: isaacpta@gmail.com, telefone (31) 99962-1741, pessoalmente ou via postal para Rua Manoel Teixeira Camargos, 494, Apartamento 202, Glória, Contagem - MG.

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <<http://www.cep.cefetmg.br>> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, nº 5855 - Campus Gameleira; E-mail: cep@cefetmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras das 12h às 16h e às quintas-feiras das 12h às 16h.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que escolha a opção aceitar ao final deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que aceito participar da pesquisa.

Assinatura _____ do participante da pesquisa: _____

Assinatura _____ do pesquisador: _____

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20__

Se desejar receber os resultados da pesquisa e/ou o TCLE físico, assinale abaixo a sua opção e indique seu e-mail ou, se preferir, seu endereço postal, no espaço a seguir: _____

☐ RESULTADO DA PESQUISA

RUBRICADO.

☐ TCLE IMPRESSO E

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE VOZ E/OU IMAGEM CAPTURADAS EM REUNIÕES SÍNCRONAS DE AMBIENTES VIRTUAIS.

Eu, _____, de posse do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da pesquisa intitulada **DRAMÁTICAS DOS USOS DE SI VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**, após ter ciência e entendimento quanto aos (I) riscos e benefícios que essa pesquisa poderá trazer e (II) métodos que serão usados para a produção de dados; e por estar ciente da necessidade da gravação, AUTORIZO, por meio deste termo, que o pesquisador Isaac Antônio de Oliveira, capture filmagem e/ou gravação de voz e de reuniões síncronas em ambientes virtuais, de minha pessoa para fins EXCLUSIVOS da referida pesquisa científica e com a condição de que esse material, na sua forma original, não seja divulgado. Nessas condições, apenas o material derivado do original poderá, nos termos desta autorização, ser divulgado em meios científicos, tais como, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, artigos em periódicos, congressos e simpósios ou outros eventos de caráter científico-tecnológico – no sentido de preservar o meu direito ao ANONIMATO e demais direitos, como definido na regulamentação ética da pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil.

As imagens e áudios de reuniões síncronas em ambientes virtuais, ficarão sob a propriedade e a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso do(s) pesquisador(es) citados em garantir-me que:

1. a transcrição da gravação de minha voz me seja disponibilizada, caso a solicite;
2. os dados produzidos serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui tratada e outras publicações científicas dela decorrentes;
3. a minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação científica das informações geradas pela pesquisa;
4. a utilização das informações geradas pela pesquisa para qualquer outra finalidade não especificada no TCLE somente poderá ser feita mediante minha

autorização;

5. os dados produzidos serão armazenados por 5 (cinco) anos, sob a responsabilidade do(s) pesquisador responsável pela pesquisa; e, após esse período, serão destruídos;
6. a interrupção de minha participação na pesquisa poderá ser feita a qualquer momento, sem nenhum ônus, mediante mera comunicação ao(à) pesquisador(a) responsável, que, nesse caso, deverá providenciar a devolução (e adoção de medidas condizentes com essa situação) do material relacionado a esta autorização.

Valido esta autorização assinando e rubricando este documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

_____, ____ de _____

Local e data

Nome completo do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome e Rubrica do pesquisador responsável

APÊNDICE D - TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, _____, na qualidade de _____ pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas Virtual, autorizo a realização da pesquisa intitulada, **DRAMÁTICAS DOS USOS DE SI VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM.** a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador Isaac Antônio de Oliveira. Ressalto, porém, que esta autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG.

Local, ____ de _____ de 20__.

Assinatura e carimbo

APÊNDICE E: DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Isaac Antônio de Oliveira, aluno do Programa de Pós Graduação em Administração do CEFET – MG, declaro que participarei como pesquisador(a) responsável no projeto intitulado **DRAMÁTICAS DOS USOS DE SI VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**, sob minha responsabilidade.

Declaro ter ciência dos aspectos éticos contidos na Resolução CNS 466/2012, na Resolução CNS 510/2016 e na Norma Operacional CNS 001/2013.

Comprometo-me a anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais.

_____, ____ de _____ de ____.

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO I - ANÁLISE TEMÁTICA DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

ANÁLISE TEMÁTICA DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

TÓPICO I: A MODALIDADE DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

DOCENTE 01:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Ampliação da sala de aula com aumento do número de alunos que podem ser de qualquer lugar tendo a abrangência como valor positivo;	Demanda e Abrangência
Facilidade de uso do tempo;	Tempo Cronológico
Distância física dos alunos como perda e uma evidenciação das questões de ordem pessoal nas relações da EAD;	Presencialidade e distância
Dificuldade de adaptação dos docentes;	Adaptação

DOCENTE 02:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Reposicionamento do corpo do trabalhador docente e vários corpos do docente, emocional, etéreo, biológico neurologicamente falando;	Corpo físico
EAD como vetor de proximidade para pessoas separadas por distâncias;	Presencialidade e Distância

DOCENTE 03:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Acredita na EAD como alternativa para a educação, mas pondera sobre uma distância que existe entre a teoria que	Teoria e Prática

fundamenta a modalidade e a sua prática para os docentes;	
Pressão pelo tempo de cumprimento das entregas na EAD, pressão pelo uso de ferramentas tecnológicas e uma subutilização das mesmas,	Demanda e pressão
Diferença entre o modelo síncrono e o assíncrono onde o primeiro é um pouco melhor por conta do contato com os alunos em um retorno mais imediato e a necessidade de um equilíbrio entre os modelos;	Presencialidade e Distância
Sentimento de falta da presença humana, colegas de trabalho e alunos, o que descreve a EAD como uma experiência que tem pontos negativos;	Presencialidade e distância
Percebe na EAD de modo geral que há, no mercado, uma desvalorização do docente que se tornou um mero gerador de conteúdo sem uma busca por uma dinâmica de interação entre docentes e alunos e ainda a inserção de outros atores que tomam o lugar do professor;	Trabalho Mercantil

TÓPICO II: RELAÇÃO COM O AVA – AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

DOCENTE 01:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Interdependência entre o docente e um setor de tecnologia por mudanças de plataformas, dependência de conexão com internet, obrigatoriedade de operação no AVA;	Competência tecnológica
Interrelação setorial conforme demandas;	Relações interpessoais/setoriais

Valor positivo em poder exercer o trabalho de outros lugares (casa) desde que tenha estrutura;	Espaços para trabalho
--	-----------------------

DOCENTE 02:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Enfrentamento da entrada em um ambiente que não se conhece onde surgem dúvidas sobre ter ou não o conhecimento sobre determinados saberes necessários à docência via AVA na EAD;	Competência tecnológica
Ambiente constrangedor pelo seu desconhecimento e que provoca uma inversão do lugar docente com o discente pelo desconhecimento tecnológico, a necessidade aprender com os alunos;	Constrangimento do não conhecer
Preocupação com o domínio da ferramenta, questões como a localização no ambiente virtual de aprendizagem;	Competência tecnológica
Peso no corpo do esforço para o desenvolvimento do trabalho, cansaço, adoecimento de docentes;	Corpo físico
Conhecer linguagens dos saberes para a docência EAD, necessidade de importar saberes para o exercício da função;	Novos saberes

DOCENTE 03:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Conhece a fundo o universo das tecnologias e percebe que há uma distância entre a possibilidade e o uso de fato das tecnologias por conta da falta de capacitação para o uso pedagógico, o que impossibilita uma ampliação das	Competência tecnológica

capacidades dos trabalhadores docentes, e que era o desejado na concepção inicial das TIC's;	
Se a tecnologia falhar o ensino falha e há uma percepção de que o desenvolvimento das tecnologias não se preocupa com a capacidade de seu uso, assim o AVA conta com muitas possibilidades de instrumentos para o trabalho, mas não há uma capacitação para isso;	Competência tecnológica
Avalia que a EAD permitiu uma ampliação muito forte das turmas em razão de uma dinâmica de mercado e teme que essa realidade chegue ao ensino básico onde seria o caos por ser incontrolável do ponto de vista do docente e nesse cenário sente preocupação com o resultado da dinâmica da EAD na vida dos estudantes e o retorno pedagógico e de aprendizado que isso está tendo;	Demanda, abrangência e controle

TÓPICO III: O MODELO EAD EM PERSPECTIVA COM O PRESENCIAL

DOCENTE 01:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Sentimento de falta do presencial “olho no olho”, um valor positivo da proximidade com os discentes no presencial e negativo no EAD e a agilidade no EAD é menor no presencial.	Presencialidade e Distância
Receio quanto à fragilidade no processo de avaliação na EAD;	Controle e avaliação
Facilidade para o exercício da docência em modalidade EAD por razões como não ter deslocamento, tendo maior produtividade no EAD;	Espaços para o trabalho e produtividade

Avalia que um modelo complementa o outro havendo equilíbrio;	Complementariedade
--	--------------------

DOCENTE 02:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Mexeu na vaidade dos docentes que perderam o controle da situação de trabalho, agora o professor deixa de ser o centro do processo educacional e passa a ser parte;	Vaidade profissional
Privacidade do aluno concedida e ampliada pelas ferramentas tecnológicas, câmera e áudio fechados além de o controle de avaliações enfraquecido pela distância e não visualização da ação discente;	Controle e avaliação
Ofício docente não pode ser um sacrifício, mas sim um sacro ofício e o lugar virtual pode causar dor se for um “lugar fóbico”, topofobia;	Consciência sobre o trabalho
A exigência do sistema AVA age perante o docente, como Poseidon com Ulisses na odisseia e não quer que o docente morra ou desista, mas exige que ele, ainda que sofrendo, chegue ao lugar da entrega do trabalho e por isso são necessários cuidados com o docente na travessia da EAD;	Consciência sobre o trabalho e o corpo físico do trabalhador

DOCENTE 03:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Gosta dos dois modelos, mas não abriria mão do presencial e relata primeira experiência difícil com a capacitação ofertada à distância pela universidade tendo a necessidade de se capacitar presencialmente para operar na EAD, e embora tenha críticas à modalidade, não tem restrições, no entanto, prefere sem dúvida o trabalho	Presencialidade e distância

docente presencial e atribui à presencialidade caráter fundamental para o próprio trabalho;	
Teve que adequar o próprio estilo por conta das diferenças entre EAD e presencial, recomendada por um colega, e depois de observar e estudar o modelo, organizou uma oferta específica que teve êxito no retorno;	Adaptação
Trata sobre a venda de conteúdo em uma dinâmica que lhe parece estranha e um tanto incômoda;	Trabalho Mercantil
Altas crises com o ensino remoto de maneira síncrona, mas se adequou enfrentando as preocupações e automatizou muito da função de trabalho e pondera que os benefícios de economia de tempo e deslocamento da EAD não pagam os benefícios da presencialidade com colegas e alunos;	Adaptação

TÓPICO IV: EXPERIÊNCIAS E AÇÕES NA EXECUÇÃO DA FUNÇÃO

DOCENTE 01:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Experiência tranquiliza a prática e a adaptação surge com o tempo onde as mudanças tornam a experiência na EAD enriquecedora;	Adaptação
Necessidade de adquirir habilidade para lidar com o sistema e para isso foram necessários o tempo e a colaboração de interlocutores (tutores);	Novos saberes
Receio inicial para a implantação de um curso e respaldo institucional que culminaram no sucesso do processo;	Relação institucional e funções extra docência

Entre as mudanças a perda da presencialidade de provas foi sensível e é avaliada como ruim;	Presencialidade e distância Controle e avaliações
---	--

DOCENTE 02:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Necessidade de medidas de adaptação à novidade do ambiente em uma experiência enriquecedora, mas exigente, pois o não saber retesa o corpo e o docente por vezes esconde o não saber;	Novos saberes, corpo físico
Necessidade de buscar novos saberes como saber as linguagens, o idioma do AVA com a iminência de riscos de não deter os saberes, em especial das linguagens, e se perder no ambiente;	Novos saberes e riscos
Compreensão de que na EAD é sempre um processo de alguém em aprendizagem e que há uma dependência de outros setores e atores para o exercício da função de trabalho, conexão em rede de suporte;	Dependência intersetorial e interpessoal
Importância do trato cuidadoso entre os atores da EAD e capacidade de admitir desconhecimento, capacidade de sair do lugar de autoridade;	Relações interpessoais

DOCENTE 03:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Achou a EAD inicialmente exaustiva porque era demandada por modelos e padrões para o trabalho, mas entende a necessidade de controle das instituições, tendo vivenciado uma angústia em criar meios, materiais de	Adaptação

apoio, pela preocupação com o aprendizado discente na modalidade EAD, e paradoxalmente, encontrou na criação de um cronograma uma ferramenta fundamental e pouquíssimo tecnológica uma solução para a organização do trabalho preocupada com a aprendizagem discente;	
Experiências de dificuldades impostas pela própria tecnologia, em especial em situações onde não é suficientemente potente enquanto ferramenta para o trabalho e experiências de êxito no sentido de receber retorno dos alunos em tom positivo e elogioso sobre o trabalho;	Dependência tecnológica
Preocupação com proteção jurídica sobre a imagem nas aulas síncronas, uma vez que elas permanecem à disposição dos alunos posteriormente a seu ministério sem nenhum retorno econômico sobre o seu uso posterior ao momento da aula, portanto uma preocupação referente à relação entre os profissionais docentes e suas instituições;	Segurança jurídica
Preocupação com a desvalorização docente frente à uma pulverização do trabalho de lecionar através das figuras dos tutores e da própria formatação dos ambientes e seus conteúdos que diminuem a função docente e em consequência seu valor, especialmente econômico;	Trabalho mercantil e desvalorização docente
Vivenciou a experiência de menosprezo da modalidade EAD por parte de colegas docentes, mas percebeu que não é possível criticar sem conhecer e que, ou aprendiam a lidar com a modalidade ou estariam excluídos da função de trabalho, especialmente por conta da pandemia;	Imposição do modelo e necessidade de adaptação

TÓPICO V: PRESENÇA DA EAD NOS ESPAÇOS DE VIDA E DEMAIS ASPECTOS QUE DESEJAM ABORDAR

DOCENTE 01:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Valor positivo em ter a instituição o tempo todo nos espaços de vida e que por isso a EAD aproxima pela constância do contato o que ampliou o tempo de disponibilidade para a função;	Espaços de vida ocupados
Confere liberalidade para o contato dos discentes de maneira irrestrita;	adaptação
Incômodo pela ausência dos discentes nas aulas virtuais, criação de meios para chamar os alunos com resultado às vezes ineficaz, não possibilidade de atribuir faltas cria uma necessidade de gravar as aulas e disponibilizar e ainda uma necessidade de condescendência com situações vividas pelos discentes que ocasionam atrasos e faltas;	Presencialidade, distância e relações interpessoais
Avalia que o ímpeto para o trabalho é o mesmo desde o início da experiência com EAD;	Adaptação
Atribui diferença sensível entre o aluno assistir uma aula gravada para uma síncrona;	Presencialidade e distância
Autonomia discente ganhou importância na EAD;	Consciência sobre o trabalho
Diferenças sensíveis em funções da EAD, coordenação e docência, quando na coordenação as funções de mediação de ordens superiores para colegas de mesmo nível hierárquico são delicadas;	Relações interpessoais em funções extra docência

Importância fundamental em contar com equipe de interlocução para a EAD.	Dependência intersetorial
--	---------------------------

DOCENTE 02:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Momentos de exaustão, necessidade de saber dosar a presença do trabalho na vida, momentos de sentimento de repulsa à tela que é instrumental de trabalho;	Corpo físico
Convivência de sentir o amor pela docência e o cansaço na modalidade EAD que é fora do padrão de costume implicando em uma busca por meios de recuperação da exaustão e das perdas pelo cansaço;	Conflitos de consciência sobre o trabalho
Complexidades de uma influência do mundo exterior ao trabalho, questões políticas, sociais e a convivência com as exterioridades em conexão com o interior da vida e do trabalho dentro dela;	Relação com o meio extra ofício
Importante aprender admitir que não sabe naquele momento aderir ao suporte, viver em rede, se deslocar individualmente, mas saber que está em rede;	Consciência sobre o trabalho
Não separação entre a vida e o trabalho, mas ampliação do ofício, do exercício da função e a necessidade de separar e apartar partes da vida do ofício, do exercício da tarefa;	Consciência sobre o trabalho
A gestão dos limites do trabalho está na mão do trabalhador, questão de uma servidão voluntária que pode tornar o trabalho a própria vida em sua totalidade e a necessidade de um esforço de compreensão de mudança;	Consciência sobre o trabalho e relações interpessoais

DOCENTE 03:

EXTRATO DA RESPOSTA NA ENTREVISTA	TEMA
Percebe um atraso na utilização dos AVA's pelos professores diante das possibilidades que eles encerram e menciona um exemplo de realidade virtual utilizado com um aluno, avaliando a importância de saber utilizar essas tecnologias especialmente no momento em que o corpo discente é quase integralmente composto por nativos digitais (nascidos na era digital);	Competência tecnológica
Menciona um processo de virtualização de tudo e que fatalmente implica na necessidade de esse processo ser considerado pela educação à distância;	Competência tecnológica
Reitera a necessidade de capacitação docente para o manejo de tecnologias e inclusive para que o docente tenha a oportunidade de escolher seguir ou não na docência, considerando a particularidade do meio EAD;	Competência tecnológica
Vivenciou uma ocupação enorme no início da experiência com EAD dos espaços de vida pela necessidade das entregas e da pouca vivência na modalidade e pela ausência de materiais produzidos para lecionar, hoje esses materiais passam por atualizações que entram no processo que denomina automatização e ainda sente uma ocupação desses espaços por uma alta demanda criada em função da necessidade de retorno aos alunos individualmente;	Demanda e automatização do trabalho
Menciona uma angústia com o sistema de avaliações que não se atualizou para a modalidade e ainda persiste no sistema de provas que à distância não oferece nenhum controle, sentindo falta de propostas para melhoria do sistema de avaliação na modalidade EAD, inclusive pela impossibilidade de oferecer aos discentes algum tipo de	Controle e avaliação

orientação para a retomada dos raciocínios em processos avaliativos;	
Sente que há determinados cursos que não podem admitir totalmente a EAD pela necessidade de implementação na prática de certos tipos de conhecimentos e saberes;	Limites da EAD